

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS  
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL  
PLAGEDER**

**CAROLINE SOUZA DE QUADROS**

**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CEBOLA NO LITORAL DO RIO  
GRANDE DO SUL: O CASO DO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS**

**Porto Alegre**

**2022**

**CAROLINE SOUZA DE QUADROS**

**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CEBOLA NO LITORAL DO RIO  
GRANDE DO SUL: O CASO DO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Glauco Schultz

Coorientadora: Tutora Carima O. Atiyel

**Porto Alegre**

**2022**

**CAROLINE SOUZA DE QUADROS**

**PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DE CEBOLA NO LITORAL DO RIO  
GRANDE DO SUL: O CASO DO MUNICÍPIO DE MOSTARDAS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, 14 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Glauco Schultz – Orientador  
UFRGS

---

Profa. Dra. Sibeles Vasconcelos de Oliveira  
UFSM

---

Prof. Me. Patricia Batistella  
PUC/RS

## **AGRADECIMENTOS**

Uma monografia de conclusão de curso é sempre um processo bastante solitário e ao mesmo tempo apoiado por aqueles que são solidários às nossas angústias e dificuldades: família, amigos, colegas, professores, orientadores. Não vou detalhar aqueles que das minhas relações pessoais foram importantes na caminhada e na conclusão deste curso, pois são muitos, mas tenho dois agradecimentos especiais a fazer.

Primeiro, aos meus entrevistados, aqueles que generosamente cederam seu tempo livre para compartilhar suas experiências, impressões, memórias e histórias e ajudaram a construir este trabalho. E digo isso especialmente em relação aos agricultores entrevistados, que literalmente abriram as portas das suas casas para me receber.

O segundo agradecimento vai a esta política pública nacional chamada Universidade Aberta do Brasil, criada em 2006, que representa a interiorização da educação superior pública. Em outro contexto eu jamais teria acesso a uma graduação em universidade pública morando em Dom Feliciano ou em Mostardas. A UAB foi a minha oportunidade de seguir trabalhando com extensão rural em pequenos municípios, do jeito que eu gosto, e ter acesso a um curso essencial para a minha atuação profissional, sem precisar escolher entre um ou outro. Tive os dois. Devo toda a minha formação superior à universidade pública, desde a minha primeira graduação, em Ciências Sociais, o mestrado, em Sociologia, e agora a segunda graduação, em Desenvolvimento Rural. Agradeço a cada um dos muitos profissionais envolvidos nesta política pública pela oportunidade de qualificação.

## RESUMO

O chamado Litoral Médio do Rio Grande do Sul é uma península litorânea que abrange os municípios de São José do Norte, Tavares e Mostardas. Somada ao município de Rio Grande, essa região foi o principal centro produtor de cebola do Brasil até meados da década de 1970. A relação da região com a cebolicultura é histórica, uma vez que a introdução e o melhoramento genético da cebola iniciaram no país nesta região, ainda no século XVIII. Já no século XX, a produção desta olerícola representou importante fonte de renda para os agricultores e para a comunidade local. Atualmente, contudo, a produção de cebola do Litoral Médio perdeu participação no mercado nacional, e observa-se contínua redução do número de produtores e de área plantada. Tendo em vista este cenário, esta monografia dedica-se a identificar as potencialidades e limitações da produção de cebola de Mostardas frente ao mercado nacional e ao ambiente institucional e organizacional. Objetiva-se analisar o caso de Mostardas, considerando: as características do mercado nacional, estadual e local; do ambiente institucional (legislações, políticas públicas e aspectos socioculturais); do ambiente organizacional regional e local, pela perspectiva dos seus atores; e a atuação e a perspectiva dos agricultores produtores de cebola quanto às relações de comercialização. Para a construção deste estudo de caso, utilizou-se de pesquisa documental, pesquisa bibliográfica e realização de entrevistas com agentes de organizações de apoio à cebolicultura e com agricultores produtores de cebola de Mostardas. Com isso, propôs-se ir do mais geral ao mais particular. Associadas às questões relativas a mercados e comercialização, potencialidades, perspectivas futuras e limitações, buscou-se resgatar um histórico da cebolicultura local a partir daquilo que está registrado principalmente na memória dos agentes, bem como explorar a racionalidade própria, as estratégias e os saberes tradicionais dos agricultores, principais atores desta narrativa. Os resultados evidenciaram que as relações de comercialização da cebola no caso em estudo estão marcadas pela informalidade, estando enraizadas em relações interpessoais. Identificou-se também que existe um saber-fazer próprio destes agricultores, fortemente ligado a um histórico familiar e comunitário de relação com a cebolicultura. No entanto, estes agricultores hoje estão inseridos em um mercado nacional mais competitivo, mas não mudaram substancialmente sua forma de acessar e se colocar nos mercados. Uma escassez de políticas públicas voltadas à cebolicultura é sentida tanto pelos agentes das organizações de apoio quanto pelos agricultores e, somada a processos como o envelhecimento da população do campo, dificuldades para sucessão rural e aumento do custo de produção, gera insatisfações e incertezas. Entre as potencialidades que podem ser exploradas, destaca-se aquelas que dizem respeito a criar atributos de diferenciação ao produto, como a partir da produção orgânica, da criação de uma indicação geográfica e do beneficiamento e processamento da cebola.

**Palavras-chave:** cebola; cebolicultura; mercados; agricultura familiar.

## RESUMEN

El llamado Litoral Medio de Rio Grande do Sul es una península costera que abarca los municipios de São José do Norte, Tavares y Mostardas. Sumada al municipio de Rio Grande, esa región fue el principal centro productor de cebolla de Brasil hasta mediados de la década de 1970. La relación de la región con el cultivo de la cebolla es histórica, una vez que su introducción y su mejoramiento genético se inició en esa zona del país en el siglo XVIII. Ya en el siglo XX, la producción de este cultivo representó una importante fuente de ingresos para los agricultores y para la comunidad local. Actualmente, sin embargo, la producción de cebolla en Litoral Medio ha perdido participación en el mercado nacional y se observa una reducción continua en el número de productores y en el área sembrada. Ante este escenario, esta monografía está dedicada a identificar las potencialidades y limitaciones de la producción de cebolla en Mostardas frente al mercado nacional y al entorno institucional y organizacional. El objetivo es analizar el caso de Mostardas, considerando: las características del mercado nacional, estatal y local; el entorno institucional (legislaciones, políticas públicas y aspectos socioculturales); el entorno organizacional regional y local, desde la perspectiva de sus actores; y el papel y la perspectiva de los productores de cebolla en términos de relaciones comerciales. Para la construcción de este estudio de caso, se utilizó investigación documental, investigación bibliográfica y entrevistas con agentes de organizaciones que apoyan el cultivo de cebolla y con agricultores productores de cebolla de Mostardas. Con eso, se propuso ir de lo más general a lo más particular. Asociado a temas relacionados con los mercados y la comercialización, potencialidades, perspectivas de futuro y limitaciones, se buscó rescatar un histórico del cultivo local de la cebolla a partir de lo que se registra principalmente en la memoria de los agentes, así como explorar la racionalidad propia, las estrategias y los saberes tradiciones de los agricultores, los principales actores de esta narrativa. Los resultados mostraron que las relaciones de comercialización de cebolla en este estudio de caso están marcadas por la informalidad, estando arraigadas en las relaciones interpersonales. También se identificó que existe un saber hacer de estos agricultores, fuertemente ligado a un histórico familiar y comunitario de relación con el cultivo de la cebolla. Sin embargo, estos agricultores ahora están insertos en un mercado nacional más competitivo, pero no han cambiado sustancialmente su forma de acceder y ubicarse en los mercados. La escasez de políticas públicas dirigidas al cultivo de la cebolla se siente tanto por los agentes de las organizaciones de apoyo como por los agricultores y, sumado a procesos como el envejecimiento de la población rural, las dificultades en la sucesión rural y el aumento de los costos de producción, genera insatisfacción e incertidumbre. Entre las potencialidades que se pueden explorar, se destaca las que se relacionan con la creación de atributos de diferenciación al producto, como por ejemplo a partir de la producción orgánica, de la creación de una indicación geográfica y del mejoramiento y procesamiento de cebollas.

**Palabras clave:** cebolla; cultivo de cebolla; mercados; agricultura familiar.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Localização do Estado do Rio Grande do Sul com o município de Mostardas em destaque .....	17
Figura 2 – Esquema da oferta anual da produção de cebola no Brasil .....	35
Figura 3 – “Sementeira” com sementes em estágio inicial de germinação .....	73
Figura 4 – “Sementeira” com cebolinho já desenvolvido .....	74
Figura 5 – Mudanças do cebolinho após o transplante .....	75
Figura 6 – Cebola após o tombamento, em processo de cura a campo .....	84
Figura 7 – Molhos de cebola a campo .....	84
Figura 8 – Tradicionais varais com molhos de cebola – Mostardas, data desconhecida .....	85
Figura 9 e Figura 10 – Armazenagem de cebola e de milho no galpão da propriedade de entrevistados – 2022 .....	86
Figura 11 – Antigo galpão de junco com varais de cebola em Mostardas - data desconhecida .....	91

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Porcentagem de área plantada de cebola, por Estado, em relação ao total de área plantada no país, em 2020 .....	32
Gráfico 2 – Porcentagem de produção de cebola por Estado, em relação ao total de produção de cebola no país, em 2020 .....	33
Gráfico 3 – Rendimento médio das lavouras de cebola, por Estado, em t/ha .....	33
Gráfico 4 – Quantidade produzida de cebola entre os 20 maiores municípios produtores do Estado do RS, em mil toneladas – 2017 .....	36
Gráfico 5 – Rendimento médio da produção de cebola entre os 20 municípios maiores produtores do Estado, em tonelada/hectare – 2017 .....	37
Gráfico 6 – Oferta de cebola por região produtora ao longo do ano .....	40
Gráfico 7 – Média mensal de importação no período 2000-2019 .....	40
Gráfico 8 – Importações brasileira de cebola, de 2013 a 2022 .....	41



## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Estimativa de oferta de cebola de maio a dezembro de 2022, por UF/região, em toneladas .....	35
Quadro 2 – Classes ou calibres da cebola na Resolução 100/1994 do MERCOSUL .....	43
Quadro 3 – Classes ou calibres da cebola na Resolução 04/2021 do MERCOSUL .....	44
Quadro 4 – Agentes locais e regionais entrevistados e respectiva organização/ atividade exercida .....	49
Quadro 5 – Agricultores entrevistados e respectiva idade .....	71
Quadro 6 – Principais canais de comercialização da cebola de cada família .....	80

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 – VAB a preços correntes por setor econômico – 2019 .....	18
Tabela 2 – Valor da produção das lavouras temporárias: cinco principais culturas .....	18
Tabela 3 – Produção e área colhida de cebola em Mostardas, por tipologia dos estabelecimentos agropecuários .....	38

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACARESC	Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina
ADECOM	Associação do Desenvolvimento Comunitário de Mostardas
ADECONT	Associação do Desenvolvimento Comunitário de Tavares
Anace	Associação Nacional de Produtores de Cebola
Anvisa	Agência Nacional de Vigilância Sanitária
Aters	Assistência Técnica e Extensão Rural e Social
COOAFAN	Cooperativa dos Agricultores Familiares Nortenses
CONAB	Companhia Nacional de Abastecimento
Emater/RS-Ascar	Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural/Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Epagri	Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
Epagri/Cepa	Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina
FEAPER	Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais
Fepagro	Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAARA	Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária
MAPA	Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento
MERCOSUL	Mercado Comum do Sul
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PAM	Produção Agrícola Municipal
PANPA	Programa de Apoio a Novos Produtos Agropecuários
PBF	Programa Bolsa Família
PGPAF	Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar
Proagro	Programa de Garantia da Atividade Agropecuária
Pronaf	Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SEAPDR	Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Rural
STR	Sindicato dos Trabalhadores Rurais
VBC	Valor Básico da Cultura

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E O PROBLEMA DE PESQUISA .....	15
1.2 OBJETIVOS .....	16
<b>1.2.1 Objetivo geral .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2.2 Objetivos específicos .....</b>	<b>16</b>
1.3 METODOLOGIA .....	17
<b>1.3.1 A região de estudo .....</b>	<b>17</b>
<b>1.3.2 Procedimentos metodológicos .....</b>	<b>19</b>
<b>1.3.3 A abordagem da pesquisa.....</b>	<b>23</b>
<b>2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>	<b>24</b>
2.1 CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE CEBOLA E DOS CEBOLICULTORES DO PAÍS E DO ESTADO .....	24
2.2 A CEBOLICULTURA NO LITORAL MÉDIO DO RIO GRANDE DO SUL.....	25
2.3 MERCADO, MERCADOS E AGRICULTURA FAMILIAR.....	27
<b>3 MERCADO DA CEBOLA .....</b>	<b>31</b>
3.1 A PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL .....	31
3.2 A IMPORTAÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL.....	39
3.3 O CONSUMO DE CEBOLA NO BRASIL .....	41
3.4 CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE INSTITUCIONAL .....	42
<b>3.4.1 Legislações .....</b>	<b>43</b>
<b>3.4.2 Políticas públicas .....</b>	<b>45</b>
<b>3.4.3 Aspectos socioculturais .....</b>	<b>47</b>
3.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	48
<b>4 A ATUAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE APOIO À PRODUÇÃO E A À CADEIA PRODUTIVA DE CEBOLA .....</b>	<b>49</b>
4.1 AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS ATUAIS E RECENTES .....	49
4.2 PESQUISA E TECNOLOGIA .....	52
4.3 A ATUAÇÃO DA ATER E RESGATE DE AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS DE MOSTARDAS .....	54
4.4 AS RELAÇÕES DE COMERCIALIZAÇÃO.....	58
4.5 GARGALOS E LIMITAÇÕES DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO LOCAL .....	63
4.6 POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO .....	65
4.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	69

<b>5 A ATUAÇÃO DOS AGRICULTORES PRODUTORES DE CEBOLA .....</b>	<b>71</b>
5.1 O SISTEMA DE PRODUÇÃO DE CEBOLA EMPREGADO .....	72
<b>5.1.1 Calendário de plantio.....</b>	<b>72</b>
<b>5.1.2 Preparo do solo, tratos culturais e equipamentos utilizados.....</b>	<b>76</b>
<b>5.1.3 Mão de obra .....</b>	<b>76</b>
5.2 SEMENTES UTILIZADAS .....	78
5.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO.....	80
<b>5.3.1 Canais de comercialização e apresentação da mercadoria .....</b>	<b>80</b>
<b>5.3.2 Preparo e armazenagem do produto .....</b>	<b>83</b>
5.4 RENTABILIDADE, CUSTO DE PRODUÇÃO E FINANCIAMENTO .....	87
5.5 AS MEMÓRIAS SOBRE O PASSADO.....	88
5.6 DEMANDAS E PERSPECTIVAS DO FUTURO .....	91
5.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO .....	92
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com agricultores .....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE B - Roteiro de entrevista com representantes/ integrantes de organizações de apoio.....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE C – Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido.....</b>	<b>104</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E O PROBLEMA DE PESQUISA

O Litoral Médio foi um dos pioneiros na vinda e estabelecimento de colonos açorianos, na segunda metade do século XVIII. Os açorianos fundaram vilas e desenvolveram uma agricultura de subsistência e de base familiar, distinta da colonização implantada pelas fazendas oriundas das sesmarias que ali existiam até então – estruturadas sobre grandes extensões de terra e força de trabalho escrava. A cebola foi uma das culturas trazidas e tradicionalmente desenvolvidas por estes imigrantes. A partir da introdução das variedades de cebola, elas também passaram por processos de seleção natural e da seleção realizada pelos colonos açorianos, sendo estes a referência inicial de melhoramento da cebola (MELO; RIBEIRO, 1988; FONTOURA, 1994 *apud* BARBIERI; MEDEIROS, 2007<sup>1</sup>).

Relatos locais apontam que, no “período áureo” da cebolicultura no Litoral Médio (as décadas de 1970-1980), o cultivo significou a pujança e ascensão econômica de muitos produtores, fortalecendo também a economia local. Atualmente, embora esta ainda seja a maior região produtora dentro do Estado do Rio Grande do Sul, a cebolicultura da região não tem a mesma força, tampouco a mesma participação no mercado nacional. Reflexos disso são a redução no número de produtores locais de cebola e de área cultivada.

A cebola (*Allium cepa*) é uma espécie cultivada em todo o mundo, sendo “uma das mais antigas hortaliças cultivadas” (BARBIERI; MEDEIROS, 2007, p. 14). Indica-se que foi domesticada inicialmente nas regiões montanhosas da Ásia Central (que abrange Turcomenistão, Uzbequistão, Tajiquistão, norte do Irã Afeganistão e Paquistão) (BREWSTER, 1994 *apud* BARBIERI; MEDEIROS, 2007). No consumo corriqueiro, é o bulbo da cebola a parte comercial e, para a produção deste, a cebola é uma cultura anual. Já para a produção de sementes, é bianual, pois só no segundo ano forma-se o pendão floral (CATEN; LUCIA, 1982).

No Brasil, a produção é organizada de forma a atender o mercado interno (VILELA *et al.*, 2005), sendo a exportação e a importação minoritárias. Tem um caráter tipicamente familiar, realizado em propriedades pequenas, principalmente nas regiões Sul e Nordeste do país (OLIVEIRA *et al.*, 2014). Contudo, há consideráveis diferenças regionais em rendimento e em tecnologias de produção (OLIVEIRA *et al.*, 2014): por exemplo, Goiás e Distrito

---

<sup>1</sup> Ressalta-se que, neste caso, são duas referências citadas em Barbieri e Medeiros (2007), a qual foi a obra consultada.

Federal destacam-se pelo alto rendimento médio da produção, com valores na volta de 50 t/ha, enquanto a média nacional é de 32 t/ha (IBGE, 2021a).

Considerando-se este cenário, constata-se que se está diante de uma cultura associada à agricultura familiar na região do Litoral Médio, que, no entanto, está em descenso. No passado, foi importante fonte de renda agrícola, mas, talvez, atualmente os agricultores não a identifiquem mais desta forma. Verifica-se que há mercado para a produção de cebola, pelo vasto uso do alimento na culinária nacional. Também se identifica redução do número de produtores na região, enquanto outros persistem. O Litoral do Rio Grande do Sul veio perdendo espaço como centro produtor de cebola, inclusive internamente ao Estado, uma vez que a região serrana vem despontando na produção. Considerando-se estes fatores, a questão orientadora da pesquisa será: quais as potencialidades e limitações da cebolicultura de Mostardas, frente ao mercado nacional e ao ambiente institucional e organizacional?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo geral

Analisar a cebolicultura de Mostardas em relação ao mercado nacional da cebola e ao ambiente institucional e organizacional, identificando suas potencialidades e limitações.

### 1.2.2 Objetivos específicos

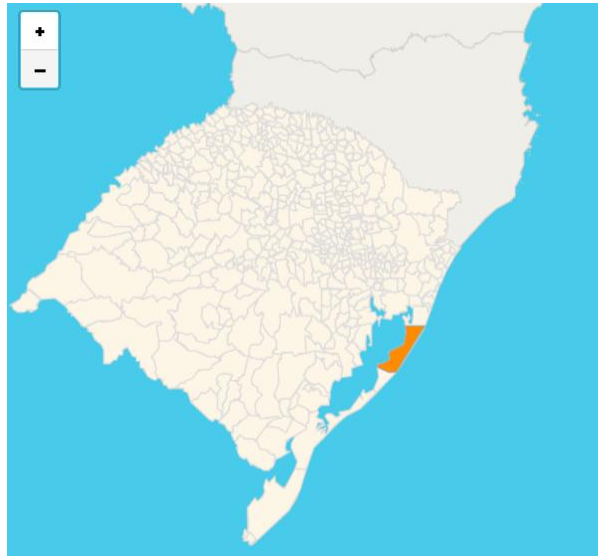
- Caracterizar o mercado da cebola, bem como o ambiente institucional, nos níveis nacional e local.
- Analisar a atuação dos agentes e organizações de apoio à produção de cebola no Litoral Médio do Rio Grande do Sul.
- Investigar a atuação dos agricultores produtores de cebola de Mostardas quanto às relações de comercialização.

## 1.3 METODOLOGIA

### 1.3.1 A região de estudo

Esta pesquisa será desenvolvida em Mostardas, município com área de 1.977,442 km<sup>2</sup> (IBGE, 2021b) e população estimada de 12.888 habitantes (IBGE, 2021b). Localizado na Planície Litorânea do Rio Grande do Sul (FIORI; PESSOA, 2017), no istmo formado entre a Lagoa dos Patos e o Oceano Atlântico, Mostardas dista 202 km da capital Porto Alegre e, segundo IBGE (2021b), pertence à Messorregião Metropolitana de Porto Alegre e à Microrregião Osório.

**Figura 1** - Localização do Estado do Rio Grande do Sul com o município de Mostardas em destaque.



Fonte: IBGE, 2021c.

Segundo informações de Fiori e Pessoa (2017), Mostardas faz parte da Bacia Hidrográfica do Litoral, Sub-bacia Litoral Médio. Conforme a classificação climática de Köppen, o clima no município é subtropical úmido, do grupo climático CFa – sempre úmido com verões quentes. Em relação ao regime precipitação, Mostardas teve menos de quatro eventos de estiagem entre 2003 e 2013, sendo esta considerada uma ocorrência baixa de estiagem. Contudo, quando se considera o balanço hídrico, ou seja, a relação entre demanda e disponibilidade de água, há pontos em que o balanço é excelente, mas há largas áreas em que é muito crítico (FIORI; PESSOA, 2017). Quanto aos tipos de solo, na área do município, são identificados quatro tipos: Argissolos, Gleissolos, Neossolos e Planossolos.



O principal setor econômico do município é a agropecuária, que corresponde a 42,64% do Valor Adicionado Bruto (VAB) total, como mostra a Tabela 1.

**Tabela 1** – VAB a preços correntes por setor econômico – 2019

	<b>Mil reais</b>	<b>%</b>
<b>VAB agropecuária</b>	165.789,34	42,64
<b>VAB indústria</b>	26.261,61	6,75
<b>VAB serviços</b>	122.877,40	31,60
<b>VAB setor público* e seguridade social</b>	73.877,79	19,00
<b>VAB total</b>	388.806,14	100

\* Administração, defesa, educação e saúde pública. Fonte: elaborada a partir de dados de IBGE (2019).

Conforme o Censo Agropecuário de 2017 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), considerando-se o valor da produção dos estabelecimentos agropecuários, 88,02% é gerado em lavouras temporárias. Neste aspecto, Mostardas se destaca pela produção de grãos – arroz e soja, principalmente – mas a cebola é a principal olerícola em valor da produção (IBGE, 2017). A tabela 2, abaixo, mostra os cinco principais produtos agrícolas do município<sup>2</sup>.

**Tabela 2** – Valor da produção das lavouras temporárias: cinco principais culturas – 2017

	<b>Mil reais</b>
<b>Arroz em casca</b>	263.465
<b>Soja em grão</b>	14.771
<b>Milho em grão</b>	470
<b>Cebola</b>	265
<b>Mandioca</b>	97

**Fonte:** elaborada a partir de dados de IBGE (2017).

Destacada a importância da cultura da cebola em Mostardas, aponta-se que será considerada a cultura e as dinâmicas da cadeia da cebola a partir deste município do Litoral Médio do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Mesmo havendo dados mais atuais de outros levantamentos realizados pelos IBGE, foram utilizados os dados do Censo Agropecuário 2017 porque, em relação a Mostardas, esta base de dados apresenta informações mais condizentes com os levantamentos realizados pelas instituições locais – como Eamter/RS-Ascar, Secretaria Municipal de Agricultura e Desenvolvimento Econômico e Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Mostardas.

### 1.3.2 Procedimentos metodológicos

Foi empregado um conjunto de técnicas e abordagens para alcançar os diferentes objetivos específicos propostos. Nesta seção, serão apresentadas estas técnicas conforme os objetivos.

Para atingir o primeiro objetivo específico, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, com o levantamento de informações e dados secundários sobre a produção de cebola, importação, características do mercado consumidor e o ambiente institucional, com ênfase sobre as legislações e políticas públicas. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica parte de materiais já elaborados, como livros e artigos científicos, permitindo ao pesquisador “a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente [...] importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço” (GIL, 2008, p. 50). Já a pesquisa documental utiliza como base materiais que ainda não receberam um tratamento analítico de um autor (GIL, 2008). No caso deste estudo, a pesquisa documental se deu sobre registros estatísticos, relatórios e levantamentos quantitativos, legislações (leis, decretos, portarias e instruções normativas) e matérias jornalísticas e de divulgação. Assim, esse primeiro objetivo terá uma abordagem qualitativa e quantitativa.

Foram pesquisadas bibliografias artigos de periódicos e publicações de organizações da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA). Em relação a documentos, foram buscados registros estatísticos da série histórica da Pesquisa Agrícola Municipal e do Censo Agropecuário 2017 do IBGE; materiais (como resumos de apresentações em seminários, vídeos de eventos etc.) do *website* da Associação Nacional de Produtores de Cebola (Anace) e legislações estaduais e federais (normas técnicas, decretos, portarias do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA e do Governo do Estado do RS, bem como resoluções no Mercado Comum do Sul - MERCOSUL). Foram buscadas também informações complementares em notas, notícias e artigos não acadêmicos publicados em *websites* e portais de notícias. Ademais, algumas informações foram obtidas em palestras da Reunião Técnica da Cebolicultura, realizada em São José do Norte/RS nos dias 8 e 9 de junho de 2022. Também foi possível ter acesso ao conjunto de materiais utilizados nas palestras do

32º Seminário Nacional da Cebola, promovido pela Anace nos dias 19 e 20 de maio de 2022, em Monte Alto/SP<sup>3</sup>.

Para atender ao segundo objetivo específico, foram realizadas entrevistas com agentes-chave de entidades e organizações que têm ou tiveram atuação importante no apoio à cebolicultura e aos agricultores da região. O olhar abrangeu a região produtora de cebola do Litoral, compreendendo os municípios de Mostardas, Tavares e São José do Norte. Isso porque há ações articuladas entre esses agentes que abrangem a região, não sendo específicas a um município.

Foram realizadas 11 entrevistas, com: um pesquisador da Embrapa com trabalhos desenvolvidos na área da cebolicultura; quatro extensionistas da Emater/RS-Ascar que atuam nos municípios mencionados em ações relacionadas à produção de cebola; dois extensionistas da Emater/RS-Ascar que atuaram em Mostardas; dois assistentes técnicos da Emater/RS-Ascar regional Pelotas com atuação na área de olericultura; um representante do Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) de Mostardas e um representante do Subcomitê da Cebola. A proposta foi entrevistar agentes-chave identificados como relevantes; em relação aos extensionistas da Emater/RS-Ascar foram entrevistados ao menos um de cada município da região produtora de cebola. Ressalta-se que o contato com estes entrevistados foi facilitado pelo fato de a autora ser extensionista da Emater/RS-Ascar de Mostardas.

Com estas entrevistas, buscou-se resgatar o histórico de ações empreendidas por estas organizações e seus atores no fomento à cebolicultura da região, com foco no município de Mostardas. Também visou-se conhecer a percepção destes agentes sobre a produção de cebola da região, os gargalos e potencialidades, as dinâmicas existentes entre os atores da cadeia local da cebola, associando estas informações com aquelas encontradas na pesquisa bibliográfica e documental (do primeiro objetivo específico). Ademais, estas entrevistas auxiliaram a refinar a definição dos agricultores entrevistados e o roteiro de entrevista empregado.

Segundo autores como Gil (2008) e Neto (2001), nas Ciências Sociais, a entrevista é uma das técnicas mais usuais. “Através dela, o pesquisador busca obter informes contidos na fala dos atores sociais” (NETO, 2001, p. 57), sendo especialmente apropriada conhecer o que “as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram,

---

<sup>3</sup> No caso da Reunião Técnica da Cebolicultura, participou-se como ouvinte no evento. Quando ao Seminário Nacional da Cebola, um dos palestrantes disponibilizou o conjunto de apresentações (em slides) utilizados pelos demais expositores do evento.

bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes” (SELLTIZ *et al.*, 1967, p. 273 *apud* GIL, 2008, p. 109).

As entrevistas foram dirigidas por perguntas formuladas previamente (o roteiro de questões está disponível no Apêndice B), mas dando a possibilidade de o informante abordar o tema de cada questão de maneira livre (NETO, 2001). As questões eram abertas, sem alternativas de resposta predeterminadas, o que possibilitou aos entrevistados dissertar sobre o tema.

Foram realizadas mediante agendamento, com contato prévio no qual foi apresentada a pesquisa e solicitada a participação. Sete delas foram realizadas remotamente, por telefone ou videochamada (conforme a preferência do entrevistado), e quatro foram realizadas presencialmente (três em Mostardas e uma em Tavares), tendo transcorrido no período de 31 de março a 12 de maio de 2022. Não foram gravadas, mas anotadas em papel ou em arquivo de computador. Cada entrevistado assinou um Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido, cujo modelo está no Apêndice C. Embora tenha sido solicitada no Termo a possibilidade de identificar o nome dos entrevistados, todos os nomes usados neste trabalho são fictícios.

As entrevistas foram submetidas a uma análise qualitativa, empregando-se um processo sistemático e compreensivo baseados nos princípios definidos por Tesch (1990 *apud* GIL, 2008). Deste modo, o material com os registros das entrevistas foi segmentado em unidades, algumas já estabelecidas *a priori*, outras criadas no decorrer do próprio processo de análise (a partir da identificação de mais unidades relevantes ao cumprimento do objetivo específico em questão). Segmentado o material, as unidades puderam ser analisadas e apresentadas. Pretendeu-se, na análise, ressaltar pontos de convergência e de divergência entre os diversos atores entrevistados, mostrando tanto as semelhanças como as disparidades presentes nos relatos, e fazendo-se interrelações, de forma a criar um quadro mais amplo e coerente. Não foi empregado nenhum *software* específico para gerenciamento do processamento de dados, sendo o processo basicamente manual.

Para cumprir com o terceiro objetivo específico, foram entrevistados agricultores produtores de cebola de Mostardas. Foram considerados especificamente aqueles que comercializam a produção, excetuando os que cultivam apenas para autoconsumo. A definição do perfil destes entrevistados foi apoiada pelas entrevistas com os agentes-chave, e, nela, buscou-se abranger diversidade de faixas etárias, gênero e canais de comercialização utilizados para a cebola e contemplar diferentes localidades que concentram produtores de cebola. Ou seja, foi uma amostra intencional. Buscou-se a diversidade no perfil dos

entrevistados para explorar, nesta diversidade, a especificidade da experiência, da lógica, das estratégias e das relações dos agricultores locais, ou seja, aquilo que lhe é característico.

Estas entrevistas foram realizadas a partir de agendamento prévio, em que era explicado o propósito da pesquisa e a dinâmica a ser empregada na entrevista. Ocorreram na casa de cada um dos agricultores e, neste sentido, o tempo envolvido era maior do que o próprio tempo da entrevista formal, pois muitas vezes havia o lanche, o café, a possibilidade de caminhar e mostrar a sua chácara, a semente de cebola recém semeada. Nesta dinâmica, cada entrevista ocupou uma tarde. Uma destas entrevistas, realizada entre o casal, foi gravada, mediante aceite dos agricultores; as demais não foram gravadas, sendo anotadas em arquivo no computador. Os agricultores também foram apresentados e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e também não são identificados no texto, pois os nomes aqui usados são fictícios. Os agricultores também já eram conhecidos pela autora desta pesquisa, devido à sua atuação enquanto extensionista no município.

Para dimensionamento das amostras no caso das entrevistas com agricultores, as amostras foram fechadas por saturação teórica. Desta forma, a coleta de dados foi interrompida quando se constatou que novos elementos não eram mais apreendidos a partir das entrevistas, ou seja, “quando a interação entre campo de pesquisa e o investigador não mais fornece elementos para balizar ou aprofundar a teorização” (FONTANELLA *et. al.*, 2011, p. 390). Neste sentido, foram realizadas sete entrevistas, totalizando, contudo, oito entrevistados, pois uma delas foi feita com o casal. O período de execução foi de 10 a 22 de maio de 2022.

Nas entrevistas com os cebolicultores utilizou-se um roteiro de questões que está disponível no Apêndice A. Buscou-se, através das questões, entender o processo de produção da cebola empregado pelos agricultores, as estratégias e racionalidades envolvidas em cada etapa – desde a escolha da área de plantio até a comercialização –, as relações de comercialização desenvolvidas, sua percepção sobre gargalos, potencialidades e perspectivas para o futuro, bem como entender a sua relação com a produção da cebola e resgatar memórias associadas à cebolicultura. A análise das informações produzidas também se deu através da análise qualitativa, com os mesmos procedimentos empregados na análise dos dados referentes ao segundo objetivo específico.

### 1.3.3 A abordagem da pesquisa

Identifica-se que este estudo insere-se na modalidade do estudo de caso. Segundo Fonseca (2002, p. 33 *apud* SILVEIRA; CÓRDOVA, 2009, p. 39), o estudo de caso “Visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”. Essa modalidade, assim, não se propõe à generalização, mas ao “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 57-58).

Nesta pesquisa, o que se entende por caso é a especificidade do conjunto de situações e ações envolvendo a cebolicultura no território determinado – o Litoral Médio do Rio Grande do Sul e, em mais detalhe, o município de Mostardas –, que se objetiva conhecer em profundidade. Assim, no primeiro objetivo específico, intentou-se partir de um olhar mais geral para o mais particular, iniciando pela análise do mercado nacional até chegar ao nível local. No segundo objetivo específico, há um enfoque regional (Litoral Médio) e municipal (Mostardas). No terceiro, explora-se a especificidade da cebolicultura de Mostardas pelo olhar de seus agricultores.

Apona-se também que a pesquisa teve abordagem fundamentalmente qualitativa, pelo entendimento de que a pesquisa qualitativa é mais adequada para responder ao problema de pesquisa formulado. Segundo Silveira e Córdova (2009, p. 32), esta abordagem busca aprofundar a compreensão de “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Buscou-se compreender um aspecto da realidade na sua totalidade, enfatizando a importância do contexto em que o objeto está inserido. Neste sentido, entende-se que questões como perfil dos produtores, formas de acesso e inserção do mercado, relações de comercialização, atuação das organizações de apoio, papel das legislações e políticas públicas sobre a conformação de um ambiente institucional e as relações estabelecidas entre estes diferentes aspectos são melhor analisadas a partir da abordagem qualitativa.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

### 2.1 CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO DE CEBOLA E DOS CEBOLICULTORES DO PAÍS E DO ESTADO

Segundo dados do IBGE (2021a), no Brasil, em 2020, foram plantados 47.504 ha de cebola, com produção de 1.495.618 t – a menor produção nos últimos cinco anos. Já a produtividade foi de 31.495 kg/ha; embora variável nos últimos anos, com altos e baixos (possivelmente devido a más safras em decorrência de variáveis climáticas), a produtividade vem aumentando substancialmente no período entre 1974 a 2020 (IBGE, 2021a). Segundo publicação do Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola da Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (EPAGRI/CEPA), o aumento da produtividade deve-se à “especialização das unidades de produção [o que] contribuiu para a melhoria dos sistemas de produção”, introduzindo melhorias no manejo da cultura (manejo de solo, controle de pragas e doenças, adubações) e melhoramento genético das cultivares (EPAGRI/CEPA, 2021, p. 32).

O Rio Grande do Sul é o sexto Estado com maior produção de cebola no Brasil, com 7,8% da produção e rendimento médio de 18 t/ha (IBGE, 2021a). No Estado, os municípios do Litoral Médio concentram 1.282 unidades produtivas de cebola, sendo 87,91% delas da agricultura familiar. Juntos, Mostardas, São José do Norte e Tavares somam 39,58% da área colhida e 57,78% da produção gaúcha de cebola (IBGE, 2017). Na safra 2019/2020, a produtividade foi de 21.241 t/ha, totalizando 52.390 t produzidas (IBGE, 2021a). Não obstante, dados do IBGE (2021a) indicam que o Litoral Médio, desde 1994, vem apresentando uma queda contínua da área colhida de cebola (excetuando pequenas variações em alguns anos), reduzindo de cerca de 19.000ha para 6.700ha.

Como já exposto anteriormente, segundo Oliveira *et al.* (2014), o perfil dos produtores de cebola no Brasil é tipicamente familiar, sendo desenvolvido em pequenas propriedades. Estes agricultores costumam planejar a produção respondendo a estímulos de preço das safras anteriores, o que resulta em produção oscilante entre os anos. Assim, após uma safra com preço e/ou rentabilidade baixa, segue-se uma safra de menor área plantada; o contrário também ocorre: após uma safra “boa”, segue-se uma safra com aumento de área plantada. Ademais, a produção está muito sujeita a variações das condições climáticas. Vilela *et al.* (2005) apontam também que falta aos produtores nacionais um planejamento sistemático da produção, ou seja, há uma carência de articulação entre produção, armazenagem e demanda.

Em termos de equipamentos, maquinários são utilizados principalmente no preparo do solo (geralmente, em plantio convencional, com revolvimento de solo), sendo o restante do trabalho realizado manualmente.

## 2.2 A CEBOLICULTURA NO LITORAL MÉDIO DO RIO GRANDE DO SUL

Segundo Muradás (2002)<sup>4</sup>, não há como datar o período de introdução da cultura da cebola no Litoral Médio, mas há registros de que, no Rio Grande do Sul, os açorianos já tinham, na metade do século XVIII, a cebola entre as culturas que desenvolviam. Registros de viajantes do século XIX, por sua vez, apontam a presença do cultivo de cebola no Litoral Médio em localidades que hoje correspondem ao município de São José do Norte. O autor ainda sustenta que foram os açorianos que introduziram a agricultura na região.

Corrêa e colaboradores (2009) e Leite (2012) trazem a mesma informação, afirmando que a cebola teve seu cultivo no Brasil iniciado nos séculos XVIII e XIX, trazida pelos imigrantes açorianos.

Das cebolas introduzidas da Europa, desenvolveram-se, por seleção natural e pela ação dos agricultores, diversas populações que são agrupadas em dois tipos de acordo com a cultivar de origem: “Baia Periforme”, que engloba as populações derivadas de uma cebola portuguesa conhecida como Garrafal e “Pêra”, possivelmente populações derivadas de genótipos egípcios introduzidos na Ilha dos Açores e posteriormente trazidos para o Brasil (LEITE, 2012, p. 1).

No mesmo sentido do mencionado acima, Barbieri e Medeiros (2007) atribuem aos imigrantes açorianos que colonizaram a região de Rio Grande/RS no século XVIII o marco inicial do melhoramento de cebola no Brasil (MELO; RIBEIRO, 1988; FONTOURA, 1994 *apud* BARBIERI; MEDEIROS, 2007). Esse melhoramento ocorreu pela ação combinada da seleção natural e da seleção feita pelos agricultores, constituindo-se populações de cebolas “adaptadas às condições locais do ambiente, com características de tolerância a doenças e boa conservação pós-colheita”, formando um banco genético valioso (BARBIERI; MEDEIROS, 2007, p. 16).

Conforme Corrêa e colaboradores (2009), embora venha perdendo espaço para outras culturas, no Litoral Médio, a cebola é o produto mais tradicional da região e responsável por

---

<sup>4</sup> Esta seção será baseada em grande medida nas informações contidas nos estudos de Fontoura (1994) e Muradás (2002) por serem os únicos localizados, até o momento, que apresentam as características específicas da cebolicultura do/no Litoral Médio.



boa parcela da renda agrícola. Além disso, destacam, é uma cultura típica da agricultura familiar e tem um valor tradicional.

Na sua pesquisa, Muradás (2002) levantou a informação de que, no período de estudo (da década de 1990 a início da década de 2000), 93% da produção era destinada a intermediários – os atravessadores. Em estudo centrado em São José do Norte, mas que retrata a situação da cebolicultura no Litoral Médio, Fontoura (1994) observa que os atravessadores seriam produtores mais capitalizados e com maior área, que também se voltam à atividade de comercialização, fazendo a ponte entre os pequenos agricultores e o mercado nacional.

Fontoura (1994) ainda relata o processo e as consequências da ascensão de Santa Catarina como grande produtor de cebola. A partir de 1985, um programa empreendido pela Associação de Crédito e Assistência Rural do Estado de Santa Catarina - ACARESC<sup>5</sup> resultou em aumento de produção e de produtividade da cebola neste Estado, que, associadas à proximidade em relação aos principais centros consumidores, geraram vantagens competitivas. Além disso, ofertava cebola nos mesmos períodos que o Rio Grande do Sul. Com este processo, reduziu-se o número de compradores em São José do Norte, e Santa Catarina passou a ditar o preço de mercado da cebola. Mais interessante é que o autor relata que, nas entrevistas que realizou na época do estudo (início da década de 1990), identificou que poucos cebolicultores conheciam este processo, sua dimensão e seu impacto nos preços por eles recebidos; continuavam a esperar um dia a cebola retornar aos bons preços de período anterior (FONTOURA, 1994).

Ainda de acordo com Fontoura (1994), devido à redução do número de atravessadores de outros Estados, os intermediários locais ganharam uma fatia maior de mercado. Ao mesmo tempo, sua margem de lucro diminuiu. O autor sustenta, todavia, que mesmo reduzida, considerando-se as variações de safra entre os anos, esta margem de lucro teria permanecido a mesma – ao contrário do que teria ocorrido com os cebolicultores. Muradás (2002) afirma que o preço da cebola em cada safra era definido por atacadistas estabelecidos em São Paulo, sendo repassado para a cadeia de atravessadores até chegar ao agricultor. As informações destes dois autores conduzem a avaliar que, na relação entre agricultor e intermediário, este último seria um agente em grande vantagem competitiva, com lucros estáveis em um negócio de baixo risco, enquanto que o primeiro deteria pouco poder de barganha. Ademais, conforme Corrêa e colaboradores (2009), não é comum os agricultores da região fazerem a classificação das cebolas que produzem, tarefa realizada pelo atravessador, que, a partir daí, determina o

---

<sup>5</sup> Extinta em 1990.

preço do produto. Haveria, assim, uma relação de dependência dos agricultores em relação aos atravessadores (CORRÊA *et al.*, 2009).

Afora isso, Muradás (2002) aponta que os grandes problemas para a cebolicultura do Litoral Médio seriam: a desarticulação nacional do setor agrícola da cebola, a inexistência de política agrícola nacional para a cultura, a importação desnecessária (no sentido de que a produção nacional é suficiente para suprir a demanda de consumo) e o “atraso cultural/tecnológico/econômico” do Litoral Médio (MURADÁS, 2002, p. 97). Corrêa e colaboradores (2009) apontam que carências no manejo produtivo (uso indiscriminado de insumos químicos, o abandono da técnica da cura da cebola) e a ausência de organizações de produtores para armazenagem e comercialização (e a conseqüente dependência dos atravessadores) como debilidades da região. A título de reflexão, destaca-se que a publicação da EPAGRI/CEPA, (2021) sustenta que as melhorias nos processos produtivos (como melhoramento genético, manejo do solo, controle de pragas e doenças, entre outros fatores.) e a especialização das unidades produtivas contribuem para manter Santa Catarina como maior produtor de cebola.

### 2.3 MERCADO, MERCADOS E AGRICULTURA FAMILIAR

No decorrer deste texto, alguns conceitos e elementos teóricos foram utilizados, sem, contudo, serem definidos – como mercados e a relação com a agricultura familiar. Além disso, o conceito de ambiente institucional também contribui para a compreensão dos processos relacionados à cebolicultura do Litoral Médio. Nesta seção, portanto, serão apresentados alguns conceitos e abordagens importantes para melhor exame ao problema de pesquisa proposto.

O conceito de *mercado*, neste estudo, será compreendido não somente no sentido de um local físico e de interações firmadas entre vendedores e compradores, mas como um arranjo,

como uma construção social, como um espaço de interação e troca, regido por normas e regras (formais ou informais), onde são emitidos sinais (por exemplo, os preços) que influenciam as decisões dos atores envolvidos (WAQUIL; MIELE; SCHULTZ, 2010, p. 11).

Ou seja, o mercado é, antes de tudo, um lugar de fluxos e trocas de mercadorias, seja esse lugar um espaço físico ou não. Além disso, esse arranjo é atravessado por instituições sociais – leis, normas e regras, políticas (públicas), valores, costumes, tradições – que formam

um contexto, um *ambiente institucional*. Na realidade, o mercado se realiza neste contexto e com ele interage: ou seja, não existe mercado fora de um do ambiente institucional, que é o contexto social, político, cultural, econômico, financeiro, histórico etc.

O mercado não é uma mera agregação “de negociações individuais” ou “trocas bilaterais entre indivíduos” (HODGSON, 1994, p. 175 *apud* SCHULTZ, 2018, p. 96), pois está em interação com o ambiente institucional (SCHULTZ, 2018). Ademais, quando se fala em mercado da cebola, se define o mercado também pela presença de mercadorias específicas, de um tipo específico. Portanto, neste estudo, o mercado da cebola será entendido como um lugar de fluxos e trocas regidos e interagindo com um ambiente institucional complexo, e centrado na mercadoria cebola.

Deggerone (2021), em sua tese de doutorado em Desenvolvimento Rural, estuda os mercados agroalimentares do município de Aratiba/RS, propondo-se a identificar os espaços de comercialização acessados pelos agricultores familiares e os mecanismos institucionais que orientam a participação destes atores sociais nestes espaços. A autora traz a seguinte definição:

nesta tese, define-se os mercados como espaços em que ocorrem trocas mercantis entre os agentes econômicos orientados por instituições (valores, normas sociais e regras) que organizam as relações de oferta e demanda de produtos, bens e mercadorias por meio dos canais de comercialização (DEGGERONE, 2021 p. 28).

É perceptível que há uma perspectiva sutilmente diferente da apresentada anteriormente, pois enfatiza que os mercados seriam decorrentes, orientados por processos institucionais. Além da relação preço/lucro, a autora destaca a confiança, a segurança e acordos formais como mecanismos institucionais. Salienta que, mesmo com a mercantilização dos agricultores familiares, ou seja, mesmo com a sua inserção mercantil – vendendo aquilo que é produzido pela sua própria mão de obra, para obter dinheiro para adquirir bens de consumo, insumos, equipamentos etc. – um conjunto de instituições sociais também opera, dando sentido e significado às ações econômicas dos atores sociais.

Deggerone (2021) recorre ao campo de estudos da Nova Sociologia Econômica para embasar sua perspectiva. Apresenta a perspectiva de Granovetter (2007; 2009 *apud* DEGGERONE, 2021), para o qual, ainda que menos do que as sociedades pré-capitalistas, as economias de mercado capitalistas também estão imersas, enraizadas em relações sociais, não estando baseadas somente em fatores racionais. Além disso, os atores sociais também podem construir mercados. Para a autora, a Nova Sociologia Econômica contribui para se analisar como valores (amizade, cooperação, solidariedade), normas sociais (costumes, tradições,

rituais) e regras (leis, contratos, acordos informais) formam um quadro de instituições que orientam comportamentos dos atores sociais nos mercados. E os mercados, assim, podem ser também construídos socialmente pelos atores, enfatizando, no seu caso, a construção social dos mercados pelos agricultores familiares.

Retornando à exposição sobre a mercantilização da agricultura familiar, a autora, amparada nas contribuições de Jan Douwe Van Der Ploeg, ressalta que esta não implica necessariamente na ruptura total com as formas familiares de produção. De fato, mesmo neste processo, há fatores de produção (recursos, insumos) usados das atividades produtivas que são mobilizados fora dos circuitos mercantis, possibilitando uma autonomia relativa às unidades de produção (PLOEG, 2003 *apud* DEGGERONE, 2021).

Afora a construção teórica do trabalho de Deggerone (2021), os dados apurados por sua pesquisa em Aratiba apontam que a grande maioria dos agricultores (86%) utilizavam apenas um canal de comercialização para os seus produtos. O outro lado é que as unidades de produção que adotavam canais de comercialização super diversificados (mais de três canais) produziam apenas um produto, ou seja, havia uma especialização produtiva. Já naquelas unidades de produção que utilizavam menos canais, havia mais diversificação produtiva. Para a autora, isso seria estratégico, pois investir na diversificação evita que os agricultores produtores sejam “comprimidos” em situações de aumento do custo de produção associado à queda de preço dos produtos. No caso das unidades produtivas não diversificadas, a estratégia seria a de criar atributos de diferenciação de seu produto (identidade, origem, processo de produção, qualidade), maximizando o valor agregado.

Outro elemento associado à escolha por diversificar ou não os canais de comercialização seria a capacidade da família de assumir a responsabilidade não só por produzir, mas também de realizar diversas etapas envolvidas até o momento da comercialização – como transporte, armazenagem, embalagem. Isso está também associado à disponibilidade de infraestrutura (DEGGERONE, 2021).

Outra constatação do estudo foi que as unidades produtivas que utilizavam canais de comercialização super diversificados possuíam maior nível de autonomia. Essa autonomia se revelava em dois aspectos: condições mais flexíveis nas especificações, aparência, quantidade e forma de entrega dos produtos; e preço negociado entre agricultor e comprador. Seria, assim, uma postura mais proativa.

Os resultados mostram que as unidades de produção familiares que adotam canais de comercialização super diversificados, os atores sociais atuam na negociação das diretrizes que envolvem a oferta dos produtos e também constroem socialmente a

precificação dos produtos agroalimentares. [...]Assim eles conseguem manter certa autonomia sobre a forma de produção e comercialização dos produtos agroalimentares (DEGGERONE, 2021, p. 178).

Para a autora, isso significa que, em situações de desequilíbrio provocadas pelo sistema político/comercial, estes agricultores teriam mais resiliência, maior liberdade para criar alternativas de comercialização. A pesquisa também evidenciou que os agentes compradores tinham preponderância na definição dos preços e condições de entrega dos produtos.

Quanto aos mecanismos institucionais presentes nas transações, a tese explora os principais motivos que orientavam a decisão dos agricultores quanto ao canal de comercialização a ser utilizado, que eram, nessa ordem: relação pessoal/confiança com os agentes compradores; preço recebido (lucro); garantia de aquisição da produção (segurança); existência de contratos (acordos formais). Havia, porém, também um número considerável que apontou enxergar uma única opção de venda, o que a autora associa a uma relação de subordinação.

Após a apresentação dos conceitos e abordagens teóricas mobilizadas na condução da análise do tema estudado neste trabalho, a próxima seção apresentará dados referentes à produção e comercialização de cebola no cenário nacional, estadual e local (de Mostardas), bem como o ambiente institucional associado à cebola, legislações, políticas públicas e aspectos socioculturais.

### 3 MERCADO DA CEBOLA

O mercado da cebola no Brasil pode ser analisado a partir dos aspectos da produção interna, importação e consumo. Porém, considerando-se que mercado não é apenas um espaço de trocas entre vendedores e compradores em negociações individuais, mas um arranjo construído socialmente e orientado por processos institucionais, serão também discutidas questões sobre o ambiente institucional associado à cebola, notadamente as legislações, políticas públicas e aspectos socioculturais.

#### 3.1 A PRODUÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL E NO RIO GRANDE DO SUL

A produção nacional de cebola organiza-se de maneira a ser destinada essencialmente ao mercado interno, sendo insignificante a parcela exportada. Segundo dados da pesquisa Produção Agrícola Municipal (PAM), do IBGE, no Brasil, em 2020, foram colhidas 1.495.618 toneladas de cebola, em 47.487ha. Essa produção gerou R\$ 2.551.766.000,00 (IBGE, 2021a).

Analisando a série histórica de dados da pesquisa PAM, é perceptível que a área plantada no Brasil e em cada estado tem considerável variação ao longo dos anos. Considerando-se o cenário nacional, em que pese a ocorrência de oscilações, a produção de cebola era crescente no Brasil até 2010; após, mantém-se em relativa estabilidade (IBGE, 2021a). De acordo com Schimitt (2022), contudo, apesar das flutuações, o país ainda é o maior produtor de cebola da América Latina<sup>6</sup>.

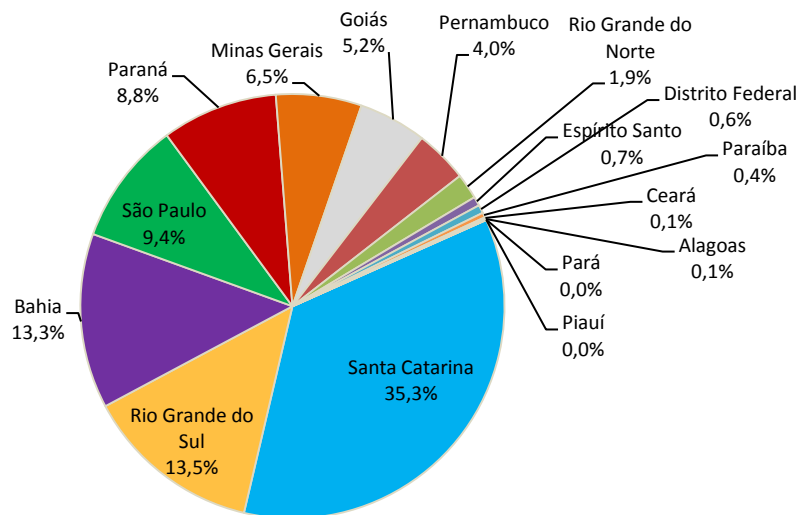
Segundo Oliveira *et. al* (2014), a produção oscilante entre anos se dá fundamentalmente devido a variações nas condições climáticas e de respostas dos produtores aos estímulos de preço das safras anteriores. Ou seja, a uma boa safra em um ano, responde-se com um aumento de área plantada no ano seguinte. Já Schimitt (2022) aponta que variações climáticas – como chuvas excessivas, estiagem e falta de luminosidade – são o principal fator para as oscilações de produção, uma vez que são elas as responsáveis pelas alterações nos preços.

---

<sup>6</sup> Informação fornecida pelo pesquisador da Epagri Daniel Schimitt em palestra do dia 9 de junho de 2022, no evento Reunião Técnica da Cebocultura (São José do Norte/RS).

Baseando-se nos dados mais recentes disponíveis, verifica-se que os cinco estados com maior área plantada são: Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Bahia, São Paulo e Paraná, nesta ordem<sup>7</sup>:

**Gráfico 1** - Porcentagem de área plantada de cebola, por Estado, em relação ao total de área plantada no país, em 2020



**Fonte:** elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2021a.

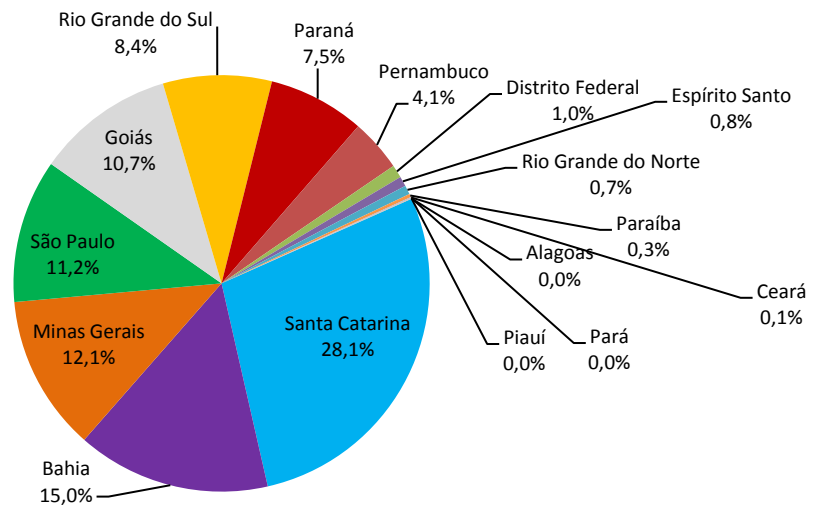
Nota: não foram considerados os Estados que não tinham registro de área plantada: Acre, Amapá, Amazonas, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins.

Destaca-se que, no gráfico acima, os Estados Piauí e Pará, embora apareçam com 0%, tiveram 3ha e 21ha plantados, respectivamente. Considerando-se a quantidade de cebola produzida, a situação é um pouco diferente, uma vez que Santa Catarina, Bahia, Minas Gerais, São Paulo e Goiás despontam como cinco os Estados com maior produção. Rio Grande do Sul está em 6º lugar<sup>8</sup>. O gráfico 2, a seguir, ilustra a situação.

<sup>7</sup> No Censo Agropecuário 2017, os cinco Estados com maior área colhida são (do maior para o menor): Santa Catarina, Bahia, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul (IBGE, 2017). Embora a metodologia de cada pesquisa seja diferente, optou-se por utilizar o dado mais atualizado.

<sup>8</sup> No Censo IBGE 2017, os cinco Estados com maior produção, do maior para o menor, são: Santa Catarina, Bahia, Minas Gerais, Rio Grande do Sul e São Paulo (IBGE, 2017).

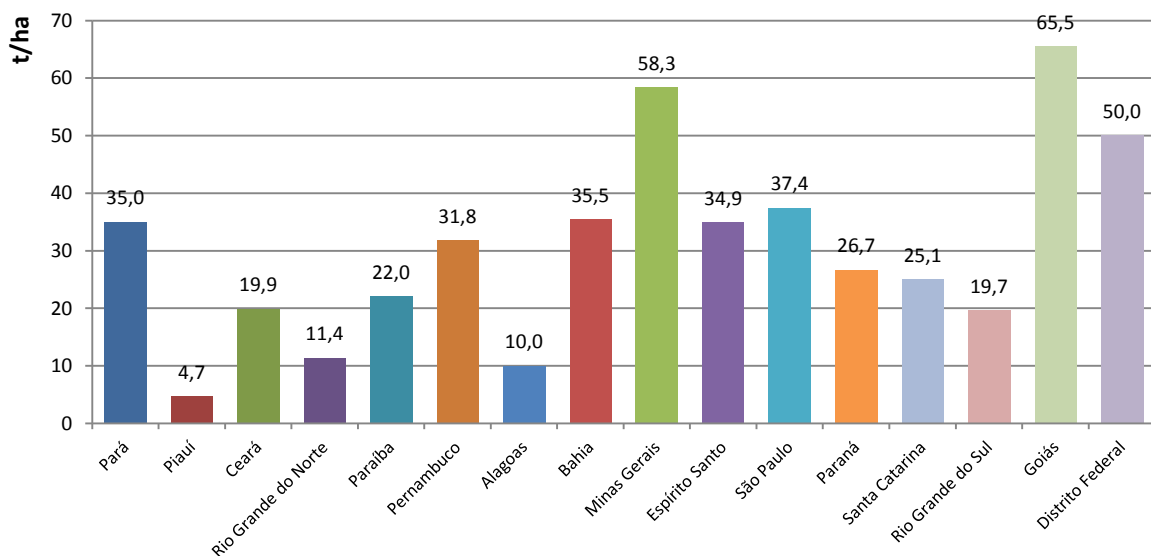
**Gráfico 2** - Porcentagem de produção de cebola por Estado, em relação ao total de produção de cebola no país, em 2020.



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2021a.

Essa diferença aponta para disparidades na produtividade média das lavouras em cada Estado. De fato, como mostra o gráfico 3, Goiás, Minas Gerais e Distrito Federal despontam com uma produtividade média (t/ha) muito acima do restante do país, a partir de 50t/ha. São Paulo, Bahia, Pará, Espírito Santo e Pernambuco formam outro conjunto, com produtividade média acima de 30t/ha.

**Gráfico 3** - Rendimento médio das lavouras de cebola, por Estado, em t/ha.



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2021a.



As consideráveis diferenças regionais em rendimento e em tecnologias de produção são apontadas por Oliveira *et al.* (2014). Uma das explicações é que o perfil do produtor de Goiás, por exemplo, é de maior escala, mais tecnificado (emprego de irrigação por pivô central, semeadura direta com maquinário de precisão e uso de sementes híbridas) e com alto rendimento das lavouras (TOMAZI, 2020). Schimitt (2022) aponta que o aumento da produtividade se dá atualmente principalmente nas regiões Central-Cerrado e Nordeste-Bahia, devido a avanços tecnológicos. Vilela *et al.* (2005) apontam haver elevada elasticidade-preço da oferta da cebola, que se expressa na sensibilidade da produção às variações de preços.

Em geral, a cebolicultura no país tem um caráter tipicamente familiar, realizado em propriedades pequenas, principalmente nas regiões Sul e Nordeste (OLIVEIRA *et al.*, 2014). Do total dos estabelecimentos agropecuários com cultivo de cebola, 87% são da agricultura familiar (IBGE, 2017). De acordo com Vilela *et al.* (2005, p. 1030), “mesmo nas médias e grandes propriedades, o sistema de produção é em parceria, ou seja, o empresário fornece a terra, capital, máquinas e insumos, enquanto as famílias parceiras entram com mão-de-obra para o cultivo, tratos culturais e colheita”. De uma maneira geral, maquinários são utilizados principalmente no preparo do solo (em plantio convencional ou direto), sendo o restante do trabalho realizado manualmente.

Vilela *et al.* (2005) apontam haver falta de um planejamento sistemático da produção, ou seja, falta de articulação entre produção, armazenagem e demanda. No momento atual, o alto custo de produção e a escassez de mão de obra se constituem em entraves para a produção não só no país, mas também no restante do mundo. Nos Estados do Sul do Brasil, o alto custo de produção deve limitar o aumento da área plantada nesta safra de 2022, mesmo com a boa safra (em termos de produção e preço) anterior<sup>9</sup>.

É válido ressaltar que não há entressafra de cebola no Brasil, porém, observa-se períodos de excesso e de relativo vazio de oferta do produto no mercado interno. A mais recente estimativa de oferta de cebola da Anace, apresentada em maio de 2022, traz os números a seguir:

---

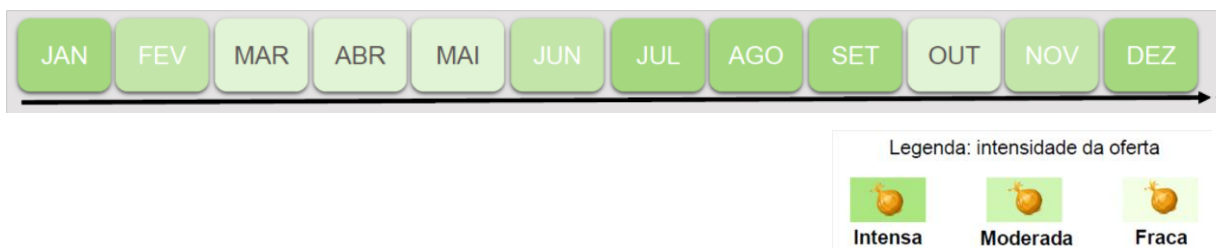
<sup>9</sup> Informação verbal fornecida pelo pesquisador Daniel Schimitt na palestra mencionada acima.

**Quadro 1** – Estimativa de oferta de cebola de maio a dezembro de 2022, por UF/região, em toneladas

	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro
<b>RS</b>	0	0	0	0	0	0	36.600	30.500
<b>PR</b>	0	0	0	0	0	2.080	6.240	36.400
<b>SC</b>	20.000	0	0	0	0	0	40.000	75.000
<b>GO</b>	18.000	27.000	28.000	24.000	26.000	22.000	0	0
<b>MG</b>	41.700	43.920	57.000	40.110	16.400	14.640	0	0
<b>NE</b>	48.792	46.665	34.387	42.625	39.396	39.000	40.101	31.856
<b>SP</b>	5.900	24.400	51.800	60.000	29.200	5.700	0	0
<b>Total</b>	<b>134.392</b>	<b>141.985</b>	<b>171.187</b>	<b>166.735</b>	<b>110.996</b>	<b>83.420</b>	<b>122.941</b>	<b>173.756</b>

Fonte: Adaptado de MELONI (2022).

A partir dos dados do Quadro 1, vê-se que, no período representado, os meses de setembro a novembro, principalmente outubro, são o de menor oferta da produção nacional. O quadro não traz essa informação, mas o período de janeiro a fevereiro é coberto pela safra da região Sul e de março a maio costumam ser meses de vazios de oferta. Essa variação na oferta no decorrer dos meses acarreta em variação de preços, bem como na importação de cebola, como será visto a seguir. Abaixo, na Figura 2, um esquema representa a oferta de cebola no calendário anual, sem, contudo, trazer quantitativos:

**Figura 2** – Esquema da oferta anual da produção de cebola no Brasil

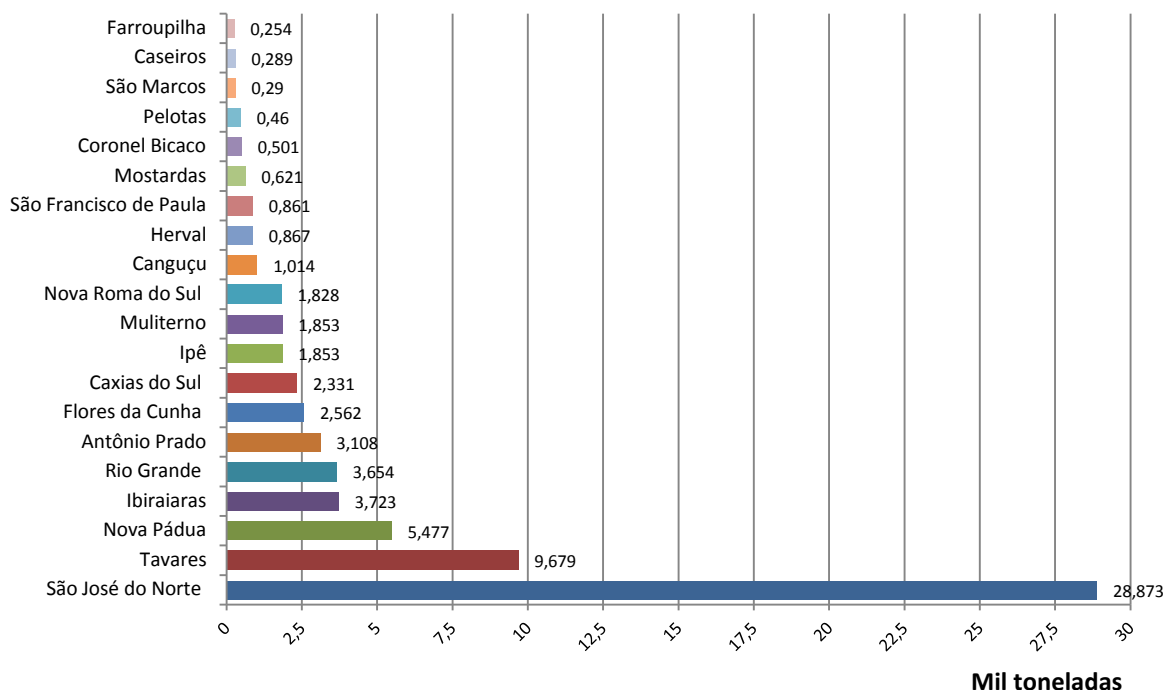
Fonte: Adaptado de MOREIRA (2022).

Para a safra de 2022, estudos atuais apontam para perspectiva geral de leve redução da área plantada. Os motivos seriam a má rentabilidade da produção, devido ao baixo preço recebido pela cebola entre julho e outubro de 2021 e a elevação do custo dos insumos e defensivos. Esse quadro se aplica para São Paulo, região do Cerrado e Estados da região Nordeste. Para a região Sul, a safra de 2021 foi satisfatória, e é esperado leve aumento de área plantada, puxado por Santa Catarina (MOREIRA, 2022)

Concernente à produção no Rio Grande do Sul, segundo dados do último Censo Agropecuário, de 2017<sup>10</sup>, a produção estadual foi de 75.654t. Os 20 municípios com maior produção de cebola no Estado concentram-se nas regiões da Serra Gaúcha (mesorregião Nordeste), Litoral Médio, Serra do Sudeste e Noroeste do Estado (em municípios próximos à região da Serra) (IBGE, 2017).

O gráfico 4, abaixo, mostra que São José do Norte detém o posto de maior produtor de cebola no Estado, e se destaca com uma produção total bem superior aos demais municípios, equivalendo a 38,2% do total do Estado. Analisando os municípios do Litoral Médio, Tavares ocupa a 2ª posição (12,8% da produção do Estado), Rio Grande a 5ª posição (com 4,8% da produção do Estado) e Mostardas somente a 15ª (0,8% da produção do Estado). Considerando os quatro municípios, o Litoral Médio é responsável pela produção de 56,6% da cebola do Rio Grande do Sul. Não obstante, há municípios que vêm se destacando em quantidade produzida de cebola, especialmente na região da Serra Gaúcha.

**Gráfico 4-** Quantidade produzida de cebola entre os 20 maiores municípios produtores do Estado do RS, em mil toneladas - 2017

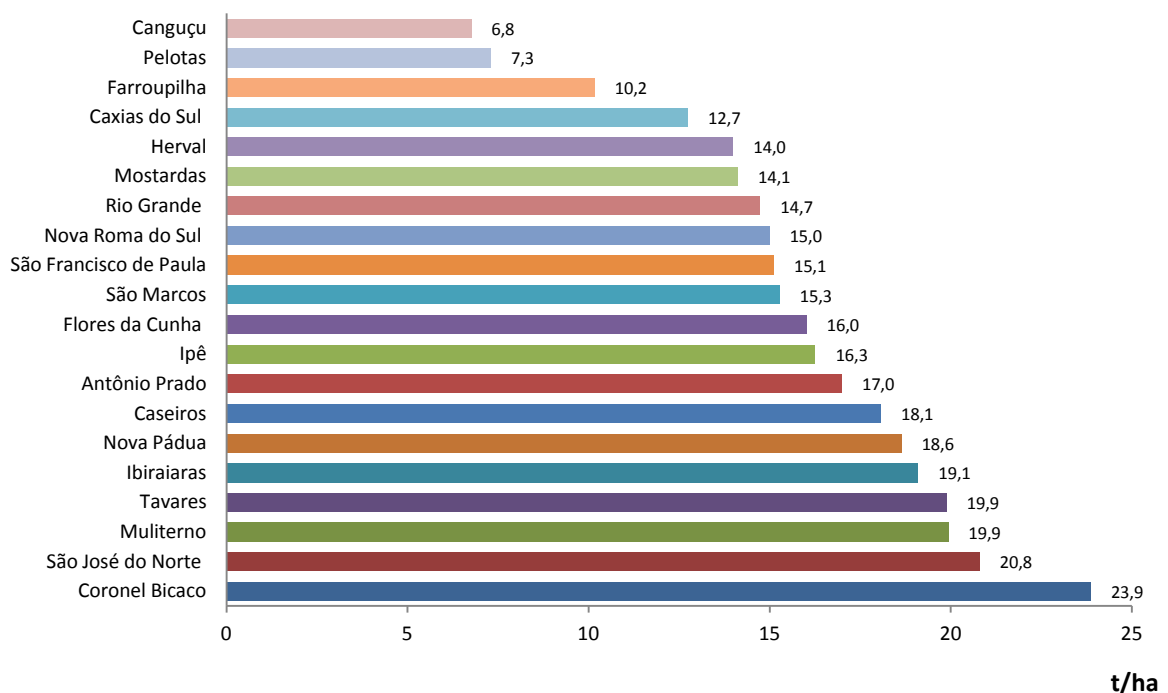


**Fonte:**Elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2017.

<sup>10</sup> Como já esclarecido na nota de rodapé número 2, para abordar dados referentes à produção agrícola de Mostardas, serão usados do Censo Agropecuário 2017 porque identificou-se que esta pesquisa apresenta informações mais condizentes com os levantamentos realizados pelas instituições locais. Embora haja levantamentos sistemáticos do IBGE com dados mais recentes, estes apresentam informações que destoam do que é observado localmente, especialmente no que diz respeito à cebolicultura.

Quanto ao gráfico acima, cabe ressaltar que, embora o município de Herval esteja entre os maiores produtores, afóra a produção em escala doméstica para autoconsumo entre a agricultura familiar, o cultivo neste município é caracteristicamente voltado à produção de sementes<sup>11</sup>. Em relação ao rendimento médio do cultivo de cebola, a média do Estado, conforme o Censo Agropecuário de 2017, é de 15,6t/ha. Os 10 municípios com maior rendimento médio estão acima desta média Estadual; Coronel Bicaco, município do noroeste do Rio Grande do Sul, é o que tem maior rendimento médio.

**Gráfico 5** – Rendimento médio da produção de cebola entre os 20 municípios maiores produtores do Estado, em tonelada/hectare - 2017



**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2017.

Pode-se notar que, analisando-se o caso do Litoral Médio, São José do Norte e Tavares figuram entre os maiores rendimentos médio do Estado. Já Rio Grande e Mostardas estão abaixo da média estadual.

<sup>11</sup> Há quatro empresas de sementes de cebola no município. Segundo informações da Emater/RS-Ascar de Herval, a área de plantio anual para esta produção, no município, varia entre 100ha e 150ha. Ainda, foi informado que o fato de aparecer no Censo Agropecuário 2017 uma produção de cebola 867t pode ser uma distorção, devido a uma experiência temporária de uma dessas empresas produtoras de semente, que investiu em alguns anos na produção de bulbos de cebola em cerca de 25ha, para comercialização *in natura*. A Emater/RS-Ascar local estima que a área atual de produção de bulbo de cebola no município é de no máximo 7ha anuais. Foi destacado, ainda, que Herval é o maior produtor de sementes de cebola do Brasil e que estas quatro empresas, mais a cooperativa Bionatur/Coonaterra (de Candiota), produzem basicamente toda a semente de cebola utilizada no Estado.

A cebola gaúcha é ofertada ao mercado principalmente nos meses de novembro a março, período em que se estima que cerca de 83% da produção é comercializada. Os principais destinos são atacados das regiões Nordeste e Sudeste, bem como da Grande Porto Alegre/RS (FARIAS, 2022).

Em relação a Mostardas, aponta-se que a Tabela 2 (página 18) demonstrava ser a cebola a 3ª cultura mais importante no município considerando-se o valor gerado pela produção, sendo ela a principal entre as olerícolas. Já a Tabela 3, abaixo, traz outras informações em detalhe.

**Tabela 3** – Produção e área colhida de cebola em Mostardas, por tipologia dos estabelecimentos agropecuários.

Variável	Tipologia		
	Total	Agricultura familiar - não	Agricultura familiar - sim
Área colhida (Hectares)	44	16	27
Nº de estabelecimentos agropecuários (Un.)	46	10	36
Quantidade produzida (Toneladas)	621	246	375

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir de dados de IBGE, 2017.

Os dados evidenciam que a agricultura familiar<sup>12</sup> é prevalente na produção de cebola em Mostardas considerando-se área, número de estabelecimentos envolvidos e produção total. Assinala-se, porém, que há um grupo familiar produtor de cebola com perfil de produção não familiar, que cultiva 15ha de cebola em áreas arrendadas – o que possivelmente corresponde aos 16ha de área e aos 10 estabelecimentos agropecuários não familiares. Trata-se de uma família oriunda de Garibaldi que há mais de duas décadas cultiva cebola em Mostardas<sup>13</sup>. O perfil não familiar se deve principalmente porque a mão de obra empregada é basicamente contratada. Quanto à produção proveniente da agricultura familiar, observa-se que a área média colhida é de 0,75ha por estabelecimento agropecuário, evidenciando um perfil substancialmente diferente.

Sendo estes dados referentes a 2017 e observando-se a redução continuada de número de produtores e de área cultivada, a atualização destes números só pode ser feita por

<sup>12</sup> O IBGE compreende como agricultura familiar aqueles que se enquadram nas definições do Decreto 9.064 de 31/05/2017. Este decreto, por sua vez, baseia-se na Lei Federal nº 11.326/2006, que considera agricultor familiar aquele que: detenha área de até 4 módulos fiscais (no caso de Mostardas, de até 100ha); tenha prevalência do uso de mão de obra familiar no desenvolvimento das atividades econômicas do estabelecimento rural; tenha percentual mínimo de renda originada das atividades econômicas do empreendimento; exerça gestão familiar do estabelecimento.

<sup>13</sup> São localmente chamados de “os gringos”.

estimativas<sup>14</sup>. Desta forma, a Emater/RS-Ascar de Mostardas estima que há no município atualmente cerca de 30 cebolicultores com produção destinada à comercialização, com área total cultivada de 40ha na última safra – considerando-se 15ha do grupo não familiar e 25ha distribuídos entre os produtores de base familiar<sup>15</sup>. Há também uma produção não estimada, e menos significativa, de produção de cebola para autoconsumo.

A agricultura familiar produtora de cebola em Mostardas está concentrada nas localidades de Comunidade Quilombola dos Teixeiras (onde há a maior número de produtores), Comunidade Quilombola Beco dos Colodianos, Valim e Rincão do Cristóvão Pereira.

### 3.2 A IMPORTAÇÃO DE CEBOLA NO BRASIL

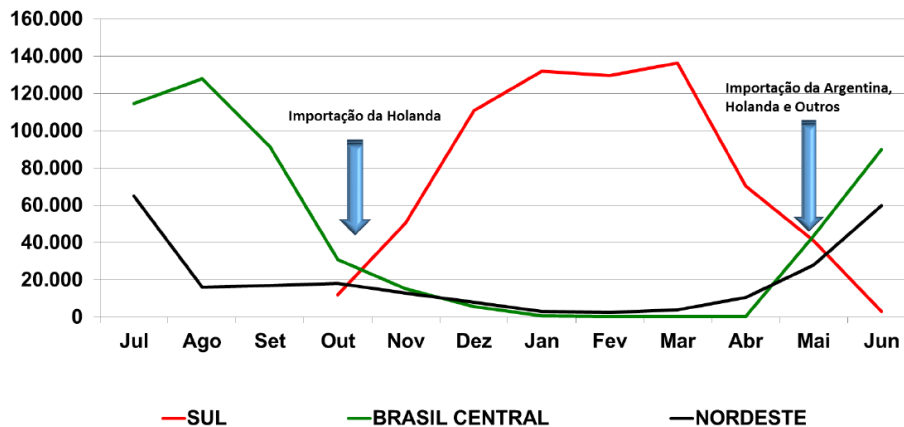
Como já mencionado, a importação é minoritária na cadeia da cebola, mas merece atenção. Embora se sustente que a produção brasileira de cebola tem capacidade de suprir o mercado interno (VILELA *et al.*, 2005), há tradicionalmente entrada de cebola da Argentina e, mais recentemente, da Países Baixos e Espanha. Predomina largamente a importação de cebola fresca e refrigerada, sem passagem pela indústria (VILELA *et al.*, 2005). Dossa e Fuchs (2017) indicam que a importação aumenta em momentos de redução de oferta de cebola nacional e consequente aumento de preços. A importação, assim, atua como instrumento regulador dos preços e da oferta, sendo favorável para o consumidor. Todavia, é prejudicial para os produtores brasileiros. O gráfico 6, a seguir, mostra os vazios de oferta nos meses de outubro-novembro e de maio, indicando, também, a entrada de cebola nestes períodos.

---

<sup>14</sup> Lembrando que os dados da Pesquisa Agrícola Municipal do IBGE, atualizados ano a ano, não estão sendo usados por constatar-se uma distorção.

<sup>15</sup> Entende-se como agricultor familiar ou produção de base familiar o mesmo perfil explicitado na nota 10, fundamentado na Lei Federal nº 11.326/2006.

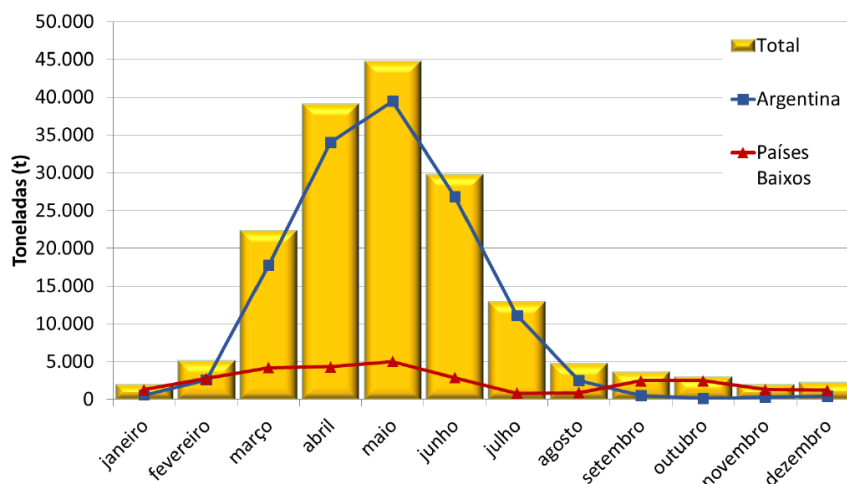
**Gráfico 6 - Oferta de cebola por região produtora ao longo do ano**



Fonte: SCHIMITT( 2020).

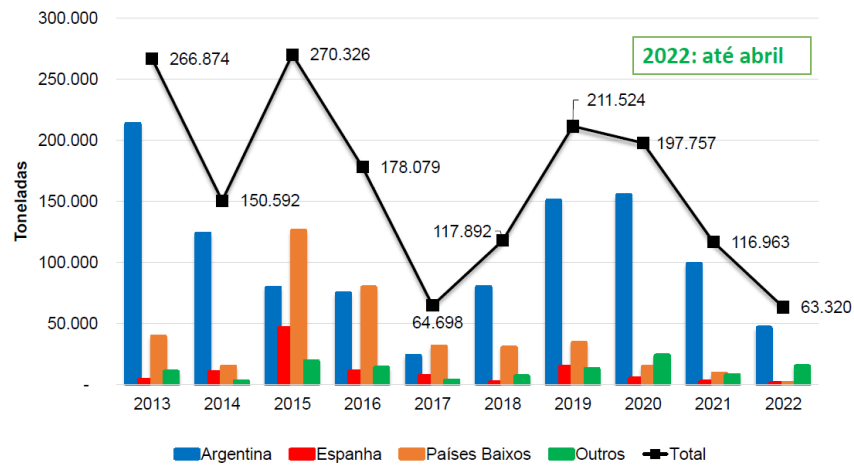
Conforme Schimitt (2020), considerando-se os últimos 20 anos, os meses de abril, maio e junho, que representam o final da safra da região Sul, são historicamente aqueles com maior importação de cebola. Pode-se estimar que 50% da cebola no mercado desse período é importada, sendo originária principalmente da Argentina. Este é um vazio histórico na oferta, uma tendência observada há 30-40 anos. Em setembro e outubro, há importação principalmente da Holanda e Países Baixos e, em menor medida, da Espanha, especialmente nos anos com problemas nas safras da região do Cerrado e de São Paulo.

**Gráfico 7 - Média mensal de importação no período 2000-2019**



Fonte: SCHIMITT (2020).

Porém, segundo Schimitt (2022), nos últimos anos, a importação vem apresentando queda. Além disso, Chile tem avançado na exportação de cebola ao Brasil. O gráfico abaixo apresenta o quantitativo de importação de cebola no Brasil em um período de 10 anos.

**Gráfico 8 – Importações brasileira de cebola, de 2013 a 2022**

**Fonte:** Schimitt (2022), com base em dados de Mdic/ComexStat

Em que pese as flutuações da linha de importação total, observa-se no gráfico acima que há uma tendência recente de queda contínua nas importações, desde 2019. Isso pode indicar uma reorganização da produção de cebola nacional, visando preencher os vazios de oferta, mas também pode-se considerar o aumento do dólar como um fator que desmotiva a importação. Outra observação importante é que a cebola Argentina prevalece nas importações.

### 3.3 O CONSUMO DE CEBOLA NO BRASIL

O consumo da cebola no Brasil é essencialmente *in natura*, de forma que a indústria de alimentos ainda não representa um mercado expressivo para a olerícola. A industrialização do vegetal é acessória, sendo via de regra “considerado mais como um meio de agregar valor às cebolas amarelas que não possuem atributos de qualidade para comercialização *in natura*” (BOTREL; OLIVEIRA, 2012, p. 8431). No entanto, foi observada tendência de aumento no consumo de produtos processados (em pastas, molhos, purês, cebolas desidratadas), em função do aumento da população urbana, na maior participação da mulher no mercado de trabalho, do aumento das refeições fora de domicílio (VILELA *et al.*, 2005). Estas tendências de consumo parecem carecer de estudos, pois não foram encontrados dados atuais.

Na indústria, a cebola pode ser processada para produção de pastas, conservas, óleos, cebola minimamente processada e cebola desidratada. Todos estes produtos são comercializados no atacado para indústrias de alimentos processados (no preparo de sopas,



molhos, enlatados, temperos, maionese, embutidos de carne) e para restaurantes industriais. Pastas, conservas e cebola minimamente processadas são também destinadas ao varejo para consumo doméstico (BOTREL; OLIVEIRA, 2012).

No consumo *in natura*, prevaleceria o uso da cebola em saladas cruas, motivo pelo qual a demanda pela olerícola no mercado nacional seria maior nos meses mais quentes. Embora seja também usada como condimento no preparo de molhos, por exemplo, no período de inverno o seu consumo tende a ser reduzido (informação verbal)<sup>16</sup>.

Segundo a bibliografia disponível, o consumo *per capita* de cebola, no país, mantém-se em torno de 6kg/ano (LEITE, 2004; MELO, 2010)<sup>17</sup>. É considerado baixo. Indica-se haver uma tendência à queda desse número, devido ao processo de redução do consumo de alimentos em casa pelas famílias urbanas, e pela associação do consumo de cebola em saladas cruas e como condimento. Além disso, os dados mais recentes apontam redução da aquisição de cebola pelas famílias devido à diminuição do poder de compra da população (informação verbal)<sup>18</sup>.

Se considerarmos esse consumo médio para a população do Rio Grande do Sul, são, então, necessárias 68.799t para abastecer a demanda de consumo no Estado<sup>19</sup>. Lembrando que a produção gaúcha anual de 75.654t (IBGE, 2017), a oferta supera a demanda. No entanto, como a safra estadual se concentra entre os meses de novembro a janeiro, há tanto oferta para fora do Estado no período da safra, como compra de outras regiões e até importações nos vazios de oferta.

### 3.4 CARACTERÍSTICAS DO AMBIENTE INSTITUCIONAL

Na consideração sobre o ambiente institucional, serão abordados legislações, políticas públicas e alguns aspectos socioculturais que se considera relevante para analisar o mercado da cebola.

---

<sup>16</sup> Informação fornecida pelo pesquisador Daniel Schimitt em palestra do dia 9 de junho de 2022, no evento Reunião Técnica da Cebocultura (São José do Norte/RS).

<sup>17</sup> Não se obteve publicações mais recentes com esta informação, mas esse dado foi corroborado por Daniel Schimitt na palestra acima mencionada.

<sup>18</sup> Informação fornecida por Daniel Schimitt na palestra acima mencionada.

<sup>19</sup> Considerando uma população estimada de 11.466.630 habitantes no Rio Grande do Sul para 2021 (IBGE, 2022).

### 3.4.1 Legislações

A Resolução 100/1994 do MERCOSUL aprovou um regulamento técnico que fixava parâmetros de identidade, qualidade, acondicionamento, embalagem e apresentação da cebola destinada ao consumo *in natura* (não sendo aplicável à cebola verde e para uso industrial), com o propósito de padronizar e eliminar diferenças entre regulamentos técnicos nacionais dos países membros. Mais especificamente, detalhou padrões para a apresentação da cebola (integridade, limpeza de cascas, raízes, corte de talo, estado de conservação, sabor e odor regulares), quanto aos resíduos de substâncias nocivas à saúde acima do nível permitido, forma de acondicionamento e embalagem, informações a constar em rótulos/etiquetas, normas para classificação em classes e em tipos.

Especificamente em relação às normas para classificação da cebola, a referida Resolução estabeleceu *classes ou calibres* (referente ao diâmetro transversal do bulbo – ver quadro 2) e *tipos ou graus de seleção* (referente à qualidade do bulbo).

**Quadro 2** – Classes ou calibres da cebola na Resolução 100/1994 do MERCOSUL

<b>Classes ou calibres</b>	<b>Maior diâmetro transversal do bulbo (mm)</b>
2	maior que 35 até 50
3	maior que 50 até 70
4	maior que 70 até 90
5	maior que 90

**Fonte:**Elaborado pela autora a partir da Resolução 100/1994 do MERCOSUL

A normativa permitia poder haver classes misturadas em uma mesma embalagem, desde que obedecendo ao limite de 10% de unidades e que fossem de classe imediatamente superior e/ou inferior (por exemplo, em embalagem de classe 3, haver no máximo 10% pertencentes à classe 2). Vedava, porém, a mistura de cebolas de formatos e cores diferentes.

Em relação aos tipos ou graus de seleção, ficaram definidos limites máximos para a ocorrência de defeitos (talo grosso, brotado, podridão, mancha negra, mofado e defeitos leves). A cebola ficaria, assim, separada em Extra, Categoria I (especial ou selecionado) e Categoria II (comercial), conforme a ocorrência de defeitos.

No Brasil, a Portaria nº 529/1995, publicada pelo então Ministério da Agricultura, do Abastecimento e da Reforma Agrária (MAARA), aprovou as normas da Resolução 100/1994 do MERCOSUL. Na prática, no Brasil, ao menos, a Resolução e a Portaria serviram como determinantes para a cebola que poderia ou não ser vendida no mercado formal e como norma orientadora para formação de preços. Como será visto nas próximas seções deste trabalho,

especificamente a questão das classes/calibres é importante no mercado, conformando que os agentes da cadeia chamam de “caixa” (cebola caixa 2, caixa 3 etc.).

Em junho de 2019, foi publicada a Portaria nº 119/2019, pelo MAPA, que submetia à consulta pública o Regulamento Técnico MERCOSIL de Identidade e Qualidade da Cebola (Resolução 04/2021 do MERCOSUL), que, após aprovado, revogaria o regulamento técnico anterior. Após o processo de consulta pública, em 27 de abril de 2022, foi publicada a Portaria MAPA nº 427/2022, que revogou a Portaria MAARA nº529/1995 e incorporou o novo regulamento ao ordenamento jurídico nacional.

Este novo regulamento técnico igualmente estabelece parâmetros quanto à classificação, embalagem e acondicionamento, modo de apresentação, presença de contaminantes ou substâncias nocivas à saúde, rotulagem e amostragem e análise da cebola, tendo como objetivo definir características de identidade e qualidade da cebola *in natura*. Uma importante mudança, com repercussão no mercado e nas relações dos agentes da cadeia de comercialização da cebola, se deu quanto a alterações nos calibres que definem a classificação. A nova classificação é apresentada no quadro 3 a seguir:

**Quadro 3** – Classes ou calibres da cebola na Resolução 04/2021 do MERCOSUL

Classes ou calibres	Maior diâmetro transversal do bulbo (mm)
Mini	Menor que 25
1	Entre 25 e 40
2	maior ou igual a 40 e menor que 55
3	maior ou igual a 55 e menor que 75
4	maior ou igual a 75 e menor que 90
5	maior ou igual a 90

**Fonte:** Elaborado pela autora a partir da Resolução 04/2021 do MERCOSUL

Com essas alterações, passou a existir uma exigência maior em relação ao tamanho da cebola para sua classificação. Por exemplo, na resolução anterior, uma cebola com 52mm estaria na “caixa” 3; na atual, é “caixa” 2. Essa mudança tem impacto nos preços pagos e recebidos entre os diversos agentes da cadeia de comercialização (agricultor, intermediário, central de distribuição e atacadista), pois as cebolas maiores são mais valorizadas. Embora aprovada apenas recentemente, os compradores/atravessadores de cebola já tinham colocado em prática a nova calibragem.

Outra legislação que impacta a cadeia produtiva da cebola é a Instrução Normativa Conjunta Agência Nacional de Vigilância Sanitária/Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento (INC Anvisa-MAPA) nº 02/2018, que define os procedimentos para

rastreabilidade na cadeia produtiva de produtos vegetais frescos, incluindo a cebola. A norma visa permitir o monitoramento de resíduos de agrotóxicos nos produtos nacionais e estrangeiros destinados ao consumo humano. Na prática, implica na responsabilidade de todos os agentes da cadeia manter registros que permitam a identificação da origem e a movimentação dos produtos vegetais frescos, desde a lavoura até o consumo. Da parte do agricultor, cabe a responsabilidade de registrar a aplicação dos insumos e tratamentos fitossanitários.

Posteriormente, foi publicada a INC Anvisa-MAPA nº01/2019, prorrogando os prazos para adequação dos entes da cadeia às normas. Assim, para a cadeia produtiva da cebola, ficou estabelecido o prazo máximo de 1º de agosto de 2020 para a adequação. Contudo, o que se observa é que, localmente, entre agricultores e compradores/atravesadores, a rastreabilidade não foi adotada, ou seja, não há prática nem exigência de registros entre estes entes.

### **3.4.2 Políticas públicas**

Pode-se dizer que há poucas políticas públicas específicas para a cebolicultura. Na região do litoral do Rio Grande do Sul, uma política pública específica à cultura da cebola foi o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) da modalidade sementes, através do qual a Secretaria Estadual de Agricultura e Desenvolvimento Rural (SEAPDR), com recursos da Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), adquiria sementes de organizações da agricultura familiar para destinar a outros agricultores. Ou seja, a política se realizava tendo Governo Estadual/SEAPDR como entidade demandante, sendo o PAA uma política pública federal. O PAA Sementes de cebola foi executado na região de 2015 a 2020, com doação de sementes aos cebolicultores dos municípios de Rio Grande, São José do Norte, Tavares e Mostardas.

Recentemente, em 29 de dezembro de 2021, o presidente da República sancionou a Lei Federal nº14.284, que instituiu o Programa Auxílio Brasil e o Programa Alimenta Brasil, em substituição ao Programa Bolsa Família (PBF) e ao Programa de Aquisição de Alimentos, respectivamente. Tanto o PBF como o PAA tiveram suas leis e regulamentações revogadas. O Alimenta Brasil já foi regulamentado pelo Decreto Federal nº10.880/2021, porém, não se tem conhecimento de seu emprego ou da criação de outro programa ou ação destinados a cumprir o mesmo papel do PAA Sementes. Assim, até o momento, há a descontinuação desta política pública em específico.

Não especificamente voltado à produção de cebola, mas associado ao fato do perfil dos produtores ser de base familiar – propriedades de até quatro módulos fiscais, emprego de mão de obra e gestão familiar –, tem-se como política pública relevante o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (Pronaf). Através dele, agricultores com perfil familiar podem acessar financiamento agropecuário para custeio e investimentos, com juros subsidiados.

Vinculado ao Pronaf, há o Programa de Garantia da Atividade Agropecuária (Proagro), um seguro agropecuário. A cobertura do seguro pode ser solicitada pelo agricultor financiado pelo Pronaf em caso de sinistros que gerem perdas na produção. Também há o Programa de Garantia de Preços para a Agricultura Familiar (PGPAF), que garante, aos agricultores que acessam o Pronaf, desconto nas parcelas de financiamento em momentos em que o preço de mercado da cultura financiada está inferior ao preço de garantia. O preço de garantia é definido a partir do cálculo do Valor Básico da Cultura (VBC), o qual considera o custo de produção. O PGPAF existe desde 2006 e a cebola passou a ser contemplada no programa no ano safra 2008-2009.

Há também políticas estaduais não específicas à cebolicultura, mas que atendem a necessidades de produtores. Uma a ser lembrada é o Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais (FEAPER), do Governo Estadual do Rio Grande do Sul. O FEAPER não é um programa executado regularmente, mas um fundo que é operacionalizado para financiar determinados programas, projetos e ações do Governo Estadual, voltados à agricultura familiar, nas modalidades de custeio e investimento, podendo financiar desde a aquisição de insumos para correção de solo como a construção e implantação de infraestruturas de produção. Também a Consulta Popular, processo de consulta à população para definição de prioridades de parte dos investimentos e serviços do Estado, é executada nos municípios do litoral do Estado atendendo agricultores da cebola.

Uma importante política foi a criação do Subcomitê da Cebola do Rio Grande do Sul. Esta instância foi instituída pelo Decreto Estadual nº 38.933/1998. O decreto teve como principal foco a criação da Câmara Setorial da Cadeia Produtiva da Horticultura do Estado do Rio Grande do Sul, e, no seu Art. 4º, criava o Subcomitê da Cebola, no âmbito da câmara. Ambas as instâncias têm como objetivos expressos a definição, orientação e discussão de políticas, estratégias e diretrizes para desenvolvimento das cadeias produtivas a que se referem. Da mesma forma, ambas têm sua composição definida no decreto, abarcando representantes de secretarias do Governo Estadual, federações sindicais, associações de

produtores, setor de pesquisa agropecuária (EMBRAPA), setor de Assistência Técnica e Extensão Rural e Social (Aters) – EMATER/RS-Ascar.

Mais recentemente, com o Decreto Estadual nº 54.130/2018, foi criada a Câmara Setorial da Cebola do Rio Grande do Sul, com objetivos semelhantes aos citados acima, deixando expresso o propósito de aumentar a competitividade da cadeia produtiva. A câmara é composta por representantes do governo e de entidades afins à cadeia produtiva da cebola – federações sindicais, associações de agricultores, comércio, pesquisa e ATERS, incluindo o Subcomitê da Cebola. Ou seja, a partir da criação dessa câmara específica à cultura da cebola, o Subcomitê passou a integrá-la. As reuniões do Subcomitê da Cebola ocorrem regularmente, embora tenham sofrido o impacto das medidas de distanciamento social necessárias devido à pandemia da Covid-19, nos últimos dois anos (período no qual foram realizadas reuniões virtuais, porém sem regularidade). Em 2022, foram retomadas as reuniões no formato presencial, tendo sido realizado já duas: a primeira em 17 de março, em Tavares, e a segunda em 19 de abril, em Mostardas. Cabe ressaltar que, embora o Subcomitê tenha abrangência estadual, devido à concentração de unidades produtivas e de produção de cebola, as reuniões sempre foram realizadas nos municípios do Litoral Médio.

### **3.4.3 Aspectos socioculturais**

Observa-se que o cultivo de cebola é predominantemente da agricultura familiar. As características dessa tipologia de unidade de produção agrícola devem ser consideradas na análise das estratégias e no planejamento da cadeia produtiva. Por exemplo, a dificuldade de elevação no nível tecnológico da produção pode estar relacionada tanto a baixo grau de instrução e escolaridade como ao menor capital para investimentos. A resistência ao plantio de novas variedades pode estar relacionada à aversão à mudança e ao risco. A dificuldade de planejamento estratégico na cadeia pode estar relacionada a dificuldades de representação dos agricultores produtores em espaços de discussão e deliberação.

Ademais, destaca-se que, como já exposto, a cebola tem largo uso nas tradições culinárias regionais na forma *in natura*, estando presente em diversos pratos como ingrediente de molhos e como tempero. Isso indica os motivos que levam à larga destinação da produção de cebola ao consumo *in natura*. Além disso, a menor destinação da cebola para a indústria de alimentos pode estar relacionada ao menor consumo de produtos processados e ultraprocessados que utilizam o vegetal na sua preparação. Porém, esse consumo pode crescer em função de mudanças nos arranjos familiares e dos hábitos de alimentação.

### 3.5 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscou-se fazer uma caracterização do mercado da cebola, enfatizando não somente aspectos relacionados a produção e oferta, mas também os elementos que compõem o ambiente institucional – legislações, políticas públicas e aspectos culturais. Essa abordagem está fundamentada no conceito de mercado adotado nesta pesquisa, qual seja, de um espaço de fluxos e trocas de mercadorias construído e enraizado socialmente.

Identificou-se uma produção nacional de cebola voltada fundamentalmente para o abastecimento interno, no qual Santa Catarina desponta como Estado com maior área plantada e maior produção. O Rio Grande do Sul é o 2º maior em área plantada e o 6º em produção, o que indica haver disparidades de produtividade entre as diversas regiões. A produção nacional não tem entressafra, mas há períodos de baixa oferta, que se tornam os momentos em que aumenta a entrada de cebola importada – oriunda da Argentina, Chile, Espanha e Holanda. A importação apresenta tendência recente de queda. No Rio Grande do Sul, São José do Norte é o maior município produtor em área e quantidade, e o conjunto dos quatro municípios produtores do Litoral conformam 56,6% da produção estadual. Não obstante, a região da Serra Gaúcha vem aparecendo como outro centro produtor importante.

Em relação às legislações, destaca-se a Resolução 04/2021 do MERCOSUL, que define os atuais calibres para a classificação da cebola. Essa classificação influencia principalmente no preço pago ao produtor, desvalorizando cebolas de menor tamanho.

No que se refere às políticas públicas, identificou-se poucas específicas à cebola, mas aquelas relacionadas ao crédito agropecuário, notadamente as que têm como público-alvo a agricultura familiar, têm relevância. Cita-se, assim, Pronaf, Proagro, PGPAF e FEAPER. O PAA Sementes de cebola foi uma importante política para os municípios do Litoral Médio, tendo sido executado de 2015 e 2020. O vazio deixado pelo PAA é bastante sentido na região.

Quanto aos aspectos culturais, destaca-se que o perfil dos cebolicultores no país é fortemente identificado como agricultura familiar, principalmente nas regiões Sul e Nordeste. Os hábitos culinários no país conduzem à demanda pela cebola *in natura*, não processada ou industrializada. É uma olerícola “discreta” na culinária, mas está presente na alimentação cotidiana, em saladas, molhos e como condimento.

## 4 A ATUAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES DE APOIO À PRODUÇÃO E A À CADEIA PRODUTIVA DE CEBOLA

Neste capítulo, será explorada a visão de agentes locais e regionais de organizações que de alguma forma têm atuação de apoio ou fomento à cebolicultura da região. Foram 11 entrevistas realizadas, e o quadro, a seguir, é apresentado para melhor situar a leitura deste capítulo.

**Quadro 4** – Agentes locais e regionais entrevistados e respectiva organização/ atividade exercida

Nome (fictício)	Idade
Celso	Presidente do Subcomitê da Cebola
Charles	Extensionista rural da Emater/RS-Ascar de Mostardas entre 1981 e 2013
Claudio	Extensionista rural da Emater/RS-Ascar de São José do Norte
Cristian	Extensionista rural da Emater/RS-Ascar de São José do Norte
Cristina	Extensionista rural da Emater/RS-Ascar de Mostardas entre 2001 e 2011
Eduardo	Extensionista rural da Emater/RS-Ascar de Mostardas
Jairo	Presidente do STR de Mostardas
Luís	Assistente técnico da Emater/RS-Ascar da região na área de olericultura
Patrícia	Pesquisadora na Embrapa Clima Temperado
Ricardo	Assistente técnico da Emater/RS-Ascar da região na área de produção orgânica
Taís	Extensionista rural em Tavares

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

O conjunto de entrevistados trouxe perspectivas tanto diversas como convergentes em relação aos aspectos explorados. As próximas seções são baseadas nas experiências, relatos e pontos de vista destes agentes.

### 4.1 AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS ATUAIS E RECENTES

Entre as políticas públicas, uma das mais citadas foi o Pronaf. Segundo os extensionistas da Emater/RS-Ascar entrevistados, a política de crédito é acessada majoritariamente entre agricultores de São José do Norte e Tavares; em Mostardas, desde 2015 se observa redução dos projetos de crédito para cebola, sendo que em 2021 não teve nenhum e em 2022 poderá haver somente um. A maioria dos projetos entre os cebolicultores são na modalidade custeio – para gastos relacionados às despesas da safra – mas há também projetos de investimento (aquisição de bens duráveis) – para compra de tratores e implementos, implantação de irrigação, construção e reforma de galpões para armazenagem.



Em Mostardas, especificamente, o atual extensionista (que trabalha no município desde final de 2014) afirmou não ter feito nenhum projeto Pronaf investimento para cebola, somente de custeio. Além disso, em 2015 teriam saído cerca de 20 financiamentos de custeio para cebola e, após, como já mencionado, a queda foi ano a ano.

Só custeio, e projetos de valores bem pequenos, todos – 5 mil, 7 mil. Eu imagino que por isso que o banco não quer financiar, porque é pouco recurso. Em 2021 encaminhamos três projetos de custeio, mas nenhum o banco aceitou. Acho que por ser pouco recurso. E um porque [o agricultor] já é muito idoso, acho que por isso. Porque nunca deram resposta, mas não liberaram. E aí o pessoal não procurou mais. Mas o crédito, acredito, estimularia mais o plantio (Eduardo).

Logo, segundo o entrevistado, os projetos foram elaborados e encaminhados corretamente ao banco para requisição de financiamento, mas não houve resposta. E, na sua perspectiva, isso teria desestimulado os agricultores a buscar financiamento.

Em Tavares, também foi relatada queda na demanda de projetos de crédito, sendo atualmente de 60 por ano. Em São José do Norte, informou-se em média 300 projetos de crédito para cebola ao ano.

O extensionista Cláudio, de São José do Norte, mencionou a importância do PGPAF, especificamente em anos de baixo preço recebido pela cebola. Outro ponto importante é que, em 2014, a Emater/RS-Ascar apresentou um estudo para apresentar e corrigir o custo de produção usado como base para o VBC, o que melhorou bastante a situação.

Sobre o Proagro, um entrevistado lembrou que há muitos indeferimentos na região pelo teor mínimo de argila exigido no solo. Segundo ele, seria necessário haver mudanças nos parâmetros empregados pelo programa para melhor atender aos agricultores da região:

A norma não espelha de forma adequada a realidade do sistema produtivo da região do istmo, incluindo solo, clima, cultura e água. Porque é uma norma feita para o Brasil inteiro, não reflete o território do litoral (Ricardo).

Também o FEAPER e a Consulta Popular foram lembrados pelos entrevistados como políticas públicas que beneficiam a cebolicultura, uma vez que, principalmente em São José do Norte e Tavares, os recursos daí advindos são muitas vezes mobilizados para agricultores da cebola. Ainda, foram lembradas as patrulhas de máquinas agrícolas das prefeituras, que prestam serviços como preparo de solo e abertura de drenos em áreas sujeitas a alagamentos.

Acerca do PAA Sementes de cebola, em geral, a quantidade de sementes ofertada não era suficiente para toda a demanda, mas foi lembrado que o acesso a este insumo gratuitamente era importante para baixar os custos de produção e o programa tinha boa

aceitação entre o público beneficiário. No entanto, um dos entrevistados salientou que “os produtores também se viam valorizados, não era só pela questão do custo” (Jonas).

Um dos entrevistados da Emater/RS-Ascar apontou a própria Aters como uma política pública:

A própria Aters é uma política pública, porque a Emater sempre esteve presente nos quatro municípios. Eu não conheço nenhuma empresa privada que dê assistência técnica na região. A assistência técnica permanente e continuada é da Emater (Ricardo).

Sobre isso, cabe lembrar que todas as políticas acima mencionadas foram executadas pela Emater/RS-Ascar, em cada um dos municípios – embora o Pronaf não exclusivamente, uma vez que os projetos de crédito podem também ser elaborados por outros profissionais. Taís, extensionista rural de Tavares, relatou que a instituição é referência para os agricultores da cebola para assistência técnica, demandando trabalho, mas também há busca por auxílio em aspectos que extrapolam às suas atribuições:

[...] e o pessoal vem pedir ajuda para tudo. Por exemplo, quando foi negado o Proagro, o pessoal veio trazer a súmula de julgamento, para pedir ajuda, ver o que fazer. Enfim, são as famílias que mais precisam de assistência e que mais demandam. O único lugar que eles têm a questão da cebola é a Emater, não tem outro órgão em Tavares. Quando por algum motivo é negado [o Proagro], eles procuram a Emater para tentar entender, ver alguma forma de conseguir reverter (Taís).

Jonas, extensionista rural de São José do Norte, expôs que a demanda das famílias produtoras de cebola é grande, envolvendo boa parte do ano de trabalho:

De fevereiro até junho nosso trabalho fica quase 100% com os dois extensionistas da área agropecuária trabalhando com o crédito, só com trabalho interno, para conseguir atender a todos. São mais ou menos 300 projetos de custeio para cebola por ano. [...] Começa a ter mais procura também na época de transplante da muda, devido a doenças, de julho a setembro. De setembro a novembro ficamos mais livres para atender outras demandas. Já em dezembro tem a colheita, e, se tiver problemas na safra [perdas], tem demanda de Proagro (Jonas).

Importante destacar que, desde 2015, as equipes da Emater/RS-Ascar vêm sofrendo paulatinas reduções. No momento, São José do Norte tem três extensionistas rurais, Tavares dois e Mostardas dois. Destes, um de cada município é extensionista rural social e os demais são da área agropecuária (agrônomos e técnico agropecuário).

Já em Mostardas, Eduardo, que atuou durante cinco anos como extensionista rural em Tavares, diz que a demanda de assistência técnica é menor.

Tavares tem diferença em relação à cebola porque ela ainda é a atividade principal na agricultura familiar, e aí o pessoal procurava bem mais a Emater. A assistência técnica tinha um trabalho muito mais intenso na cebola – recomendação de variedades, recomendação de adubação de solo, acompanhamento da lavoura. [...] Aqui em Mostardas praticamente não existe essa parte de acompanhamento de lavoura. E lá se procurava muito. Além da questão de que o sistema de produção da propriedade [em Tavares] está muito mais ligado à cebola, coisa que aqui não é o principal. Acho que em nenhuma aqui é a principal atividade (Eduardo).

Assim, os relatos dos entrevistados apontam para uma realidade diferente entre Mostardas e os demais municípios no que se refere à demanda e acesso ao crédito e assistência técnica.

#### 4.2 PESQUISA E TECNOLOGIA

Segundo relatos dos entrevistados, a pesquisa agropecuária representou um importante papel na disseminação da cebolicultura no país. Como já evidenciado a partir da pesquisa bibliográfica, a cebola foi introduzida no Brasil justamente na região do Litoral Médio, no século XVIII, pelos imigrantes açorianos, com a cultivar *Garrafal*. Desta cultivar, originou-se a cebola *Baia periforme*, população que é “mãe” de diversas populações e cultivares hoje existentes no país. A pesquisa agropecuária foi importante no desenvolvimento destas populações e cultivares, que se disseminaram a outros Estados e passaram a competir com a produção gaúcha de cebola. Nas palavras de Cristina, que atuou como extensionista em Mostardas entre 2001 e 2011, “hoje várias regiões brasileiras produzem cebola e essa região é hoje mais uma entre as outras regiões no país”. Isso teria sido especialmente presente em Santa Catarina, onde a Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri) foi uma entidade importante neste processo.

Mais especificamente em relação à região do Litoral Médio do RS, os entrevistados lembraram de um importante protagonismo da unidade da hoje extinta Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro), a unidade Fepagro Sul, localizada no município de Rio Grande. Segundo os relatos, essa unidade de pesquisa foi bastante ativa nos anos 1990, no desenvolvimento de variedades de cebola, lançando mais de uma variedade por ano. Porém, antes mesmo da extinção da Fundação (em 2017), tinham sido descontinuadas estas pesquisas.

Até anos 90 a Fepagro era muito ativa ainda e depois teve um período que ficou um vácuo na pesquisa de cebola. E depois a Embrapa começou a entrar na pesquisa de cebola. Tanto que as bases da Embrapa são as pesquisas da Fepagro (Eduardo).

Houve um momento em que a pesquisa agropecuária deu atenção para o cultivo de cebola e em um outro momento não (Cristina).

Além da interrupção da pesquisa agropecuária em cebola, uma das entrevistadas apontou desarticulação entre pesquisa e políticas públicas de extensão rural, ou seja, elas não “caminhavam juntas”:

E também a desarticulação dessas políticas. Não adianta ter políticas, se não tiver pesquisa agropecuária para a cebola. Uma discussão que tinha no Subcomitê da Cebocultura era que, como deixou de se ter pesquisa agropecuária para o desenvolvimento de cultivares de cebola, as sementes comerciais começaram a apresentar mistura varietal. Os agricultores percebiam que plantavam a semente e surgiam plantas com características de variedades diferentes (Cristina).

Esta entrevistada também mencionou que a pesquisa muitas vezes não orientava sua atenção para aquilo que os agricultores identificavam como necessário:

Outro problema é que as variedades precoces de cebola são ruins de casca e não aguentam o armazenamento em galpão, apodrecendo rapidamente. Isso que se colocava também para a pesquisa, que eles [os agricultores] queriam uma cebola precoce que aguentasse a armazenagem. Então, a pesquisa não acompanhou muito essa necessidade dos agricultores (Cristina).

A retomada da pesquisa agropecuária de cebola no Estado se deu ao final dos anos 1990 e início dos anos 2000, através da unidade Clima Temperado da Embrapa, em Pelotas/RS. A unidade conta com uma pesquisadora que atua em melhoramento e recursos genéticos de cebola, fazendo um trabalho de resgate, conservação, caracterização e uso desse material no desenvolvimento de cultivares melhoradas. Desenvolve estudos com cultivo orgânico, desenvolvimento de variedades mais resistentes a doenças e identificação de propriedades nutraceuticas da cebola.

Segundo esta pesquisadora, entrevistada para este estudo e aqui chamada de Patrícia, a Embrapa Clima Temperado possui um Banco Ativo de Germoplasma de Cebola iniciado em 1979, que conserva a diversidade de cebolas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, reunindo 272 variedades crioulas e comerciais. A documentação deste Banco está na Plataforma Alelo Recursos Genéticos, sistema de documentação digital que se comunica em rede com outros centros do mundo.

Ainda segundo Patrícia, esta unidade da Embrapa tem quatro variedades já desenvolvidas, sendo que uma delas, BRS Prima, foi lançada em 2022<sup>20</sup>. No momento, está em desenvolvimento um trabalho de unidades de observação desta e de outras cultivares de

---

<sup>20</sup> O lançamento oficial da cultivar BRS Prima foi realizado em 8 de junho de 2022, na Reunião Técnica de Cebocultura, em São José do Norte/RS.

cebola, mediante a doação de sementes para famílias agricultoras, que receberão acompanhamento no desenvolvimento dos cultivos. Em cada município da região do Litoral (Mostardas, Tavares, São José do Norte e Rio Grande), duas famílias agricultoras participarão das unidades de observação. A ação é desenvolvida em parceria entre Embrapa e Emater/RS-Ascar, especialmente das equipes locais de extensão rural.

Apesar da importância dessa retomada, o entrevistado Eduardo apontou que as pesquisas são basicamente voltadas ao desenvolvimento e melhoramento genético de variedades, e não há estudos para avaliar e desenvolver outras tecnologias necessárias, como por exemplo, estruturas de armazenagem mais adequadas ou maquinário adaptado às condições locais (solo, tamanho das áreas, entre outros).

#### 4.3 A ATUAÇÃO DA ATER E RESGATE DE AÇÕES E POLÍTICAS PÚBLICAS DE MOSTARDAS

Em termos de políticas públicas locais voltadas à cebolicultura e seus agricultores, os entrevistados apontaram que elas iniciam no final da década de 1990 e início dos anos 2000. O entrevistado Ricardo, que atuou como extensionista rural em São José do Norte a partir de 1998, recordou que a Emater/RS-Ascar participou da criação (no sentido de provocar e apoiar) de várias estruturas organizativas: Subcomitê da Cebola, Associação do Desenvolvimento Comunitário de Tavares - ADECONT, Associação do Desenvolvimento Comunitário de Mostardas - ADECOM, Cooperativa dos Agricultores Familiares Nortenses – COOAFAN. Na visão destes atores, as associações e a cooperativa surgiram com o propósito de organizar os agricultores para a compra coletiva de insumos e também para organizar a comercialização. ADECOM e ADECONT<sup>21</sup> são associados de agricultores contemporâneas, tendo sido criadas a partir de um projeto financiado pela Fundação Banco do Brasil. Os extensionistas envolvidos nesse processo ressaltam que a criação se deu tanto como tentativa de organização coletiva dos agricultores para compra de insumos (adubo, calcário, ureia, semente) e venda da produção de cebola, como também para conquistar a gestão de máquinas de patrulha agrícola (as quais foram adquiridas pelo projeto da Fundação Banco do Brasil).

---

<sup>21</sup> A ADECONT foi extinta em 2007. Segundo um dos membros da diretoria da associação na época, após uma safra frustrada por antracnose e outra safra difícil por queda violenta do preço da cebola, aliado a um calote numa venda coletiva da produção dos associados, a organização chegou a um grau de endividamento que tornou inviável sua continuidade.

Ainda em relação a essa participação da Aters nos processos, foi mencionado que a Emater/RS-Ascar de São José do Norte esteve envolvida na aplicação da Resolução 100/1994 do MERCOSUL na classificação da cebola.

Na época, existia um problema sério de classificação, porque cada comprador classificava da sua forma, e sempre a seu favor. Cada comerciante abria a máquina do seu jeito. Nós explicamos aos produtores como funcionava e ajudamos a fazer aplicar a classificação oficial. Com a classificação oficial, se passou a usar a régua. Mas se começou a penalizar o produtor no preço. Muitos produtores associam até hoje a Emater ao prejuízo na classificação oficial (Ricardo).

Mais especificamente no caso de Mostardas, três ações foram destacadas nas entrevistas: a construção e reforma de galpões para famílias produtoras de cebola; a construção de um galpão comunitário para a ADECOM; o Troca-troca Sementes de Cebola<sup>22</sup>.

Os galpões individuais tinham como objetivo melhorar a estrutura para cura e armazenagem de cebola. Segundo os entrevistados, as estruturas eram, até então muito precárias. Foram financiados com recursos do Programa de Apoio a Novos Produtos Agropecuários (PANPA), do Governo Olívio Dutra, executado com recursos da então Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento, através de definição do Orçamento Participativo, tendo gerenciamento da CEASA Regional de Pelotas (GOVERNADOR..., 2002). O programa contemplou os quatro municípios do Litoral Médio da cebola. Em Mostardas, os recursos vinham a fundo perdido, ou seja, sem necessidade de qualquer pagamento por parte das famílias beneficiárias – que deveriam ter enquadramento no PRONAF e Talão de Notas Fiscal do Produtor Rural.

Nos arquivos do escritório da Emater/RS-Ascar de Mostardas, há um conjunto de registros que demonstram o envolvimento da equipe de extensão rural nesta ação: são visitas, reuniões, projetos técnicos, orçamentos de materiais, termos de compromisso assinados. No total, constam 94 projetos de galpões, distribuídos em oito localidades rurais do município. As ações iniciaram em 2001 e no primeiro semestre de 2002 chegaram os materiais – as famílias beneficiárias recebiam os materiais e ficavam responsáveis por empreender a construção. Segundo o entrevistado Charles, hoje extensionista aposentado, mas que atuou por mais de duas décadas em Mostardas, dos mais de 90 galpões, “muito pouquinho que não foi construído. Por que eles ganhavam o material, e alguns até não fizeram, mas muito pouco” (Charles) – o que indica a importância atribuída ao programa pelo público beneficiário.

---

<sup>22</sup> As informações a seguir sobre estas ações e programas foram obtidas tanto a partir das entrevistas, como através de registros (arquivos em papel e arquivos virtuais) constantes no Escritório de Mostradas da Emater/RS-Ascar.

O galpão comunitário de cebola tinha como objetivo oferecer uma estrutura para corte, toaleta e classificação da cebola para os associados. Segundos os entrevistados, a ideia era não só agregar valor à cebola (pelo preparo e toaleta), mas também organizar a comercialização coletiva, eliminando a necessidade frente aos intermediários (atravessadores) da cadeia. Foi iniciado no âmbito do PANPA, em 2002. Todavia, os recursos foram liberados somente em julho de 2003, inviabilizando a entrega dos materiais, pelo tempo transcorrido. Assim, em início de 2004, foi elaborado novo projeto, desta vez para receber recursos do RS Rural, programa do Governo Estadual executado entre 1997 e 2005<sup>23</sup> que, aliado à extensão rural, englobou uma série de ações e projetos realizados em diversas frentes.

A estrutura comunitária foi construída na localidade do Valim, em terreno doado pela Prefeitura Municipal de Mostardas à ADECOM, com 261m<sup>2</sup>. A experiência de preparo, classificação e comercialização coletiva da cebola, contudo, ocorreu somente em uma safra:

[...] com um recurso do RS Rural que foi para construir um galpão, para vencer a questão dos intermediários, que era muito forte. Foi comprado máquina para classificar cebola, acho que foi usada uma vez, uma safra, depois nunca mais usaram. E já tinham uma pequena estrutura.

[...]A ideia do galpão era inclusive para organizar a toaleta, montar uma equipe, três quatro produtores, “Vamos classificar a cebola”. A ideia é que não fosse para armazenamento o galpão, mas para preparar ela para comercializar (Jairo).

Então essa ideia de eles classificarem, e eles venderem, de usar o espaço, nunca funcionou. Nos Teixeiras<sup>24</sup> eles tinham uma máquina bem pequena para classificar, também de projeto (Cristina).

Teve uma tentativa importante da associação, foi feita a sede, foram compradas máquinas para corte e classificação de cebola. Mas acabou não dando resultado conforme projetado, por causa da questão de formação de um grupo, a questão de organização interna. Porque na época tinha bastante produtor de cebola. Funcionou um ano e aí o pessoal não sentia necessidade de cortar e beneficiar a cebola, porque o comprador ainda ia na propriedade comprar. Então, o pessoal achou que era bobagem, porque ter trabalho se o intermediário ia na propriedade comprar? Não sei se foi uma ação feita no momento errado, ou não se trabalhou bem a questão de organização coletiva. (Eduardo).

Mas depois a associação foi se desmobilizando, foi feito aquele prédio ali no Valim, foi comprado uma máquina de cebola, mas em seguida se desmobilizou (Charles).

Importante salientar que dois entrevistados dos trechos acima expressam que não apenas a proposta de preparo e venda coletiva, mas a própria associação se desmobilizou em questão de algum tempo. A ADECOM existe até hoje, mas com um número reduzido de associados.

<sup>23</sup> Em 1997, o programa tinha o nome de Pró-Rural 2000; em 1999, passou a ser denominado RS Rural. Foi financiado com recursos do Banco Mundial.

<sup>24</sup> Comunidade Quilombola dos Teixeiras.

Outra política pública executada em Mostardas foi o Troca-troca Sementes de Cebola, entre os anos 2007 e 2009, segundo constam nos registros, por meio dos qual as associações comunitárias recebiam sementes e repassam aos agricultores associados, tendo condições de pagamento facilitado, após a colheita. Nos registros documentais, consta, para a safra 2007, a doação de 120kg de sementes de cebola. Segundo uma entrevistada, buscou-se atrelar o programa ao fomento do uso de sementes de diferentes ciclos para conduzir a um escalonamento no plantio e colheita de cebola:

Porque os agricultores estavam plantando praticamente só variedades precoces. Os agricultores pegavam uma quantidade de precoce, uma quantidade de ciclo normal e uma quantidade de crioula, que tem ciclo maior (Cristina).

Conforme os entrevistados, as variedades mais tradicionais na região são a Crioula e a *Baia periforme*, de ciclo médio a tardio. Todavia, teria havido um momento (que não foi possível precisar – a partir de 1990) em que havia uso maciço de sementes de ciclo mais precoce (curto), até mesmo por uma “propaganda” feita sobre novas variedades. A questão é que as cebolas precoces têm menos capacidade de conservação pós-colheita (suportam em média 20 dias), competindo com o final da safra de São Paulo e início das safras de precoce de Santa Catarina, bem como impedindo o produtor de esperar um melhor preço para venda.

Mais recentemente, como já mencionado, no período de 2015 a (pelo menos) 2021, teve-se o PAA Sementes, com doação de sementes de cebola.

Em relação aos programas acima relatados, uma extensionista que atuou em Mostardas na primeira década dos anos 2000 relata que aquele foi um momento muito profícuo não só em ações estatais com atenção à cadeia produtiva da cebola, mas de estruturação da Aters. Porém, na sua avaliação as ações chegaram com defasagem de tempo.

E uma vez eu ouvi de um quilombola lá dos Teixeiras o seguinte comentário: “É uma pena que isso não estivesse acontecendo a uns 10 anos atrás”. Por quê? Porque nesse momento muita gente já tinha parado de produzir cebola, o pessoal já estava muito desanimado. Eu sentia isso, a gente já estava num momento de declínio da produção de cebola no município (Cristina).

Outras ações que empreendidas em Mostardas que apareceram nas entrevistas foram duas experiências de comercialização coletiva da produção. A primeira foi entre 1997 e 1998, organizada entre STR, Emater/RS-Ascar e ADECOM, com a venda de duas cargas para uma empresa fornecedora do Grupo Pão de Açúcar, no Rio de Janeiro.

A segunda foi entre 2006 e 2007, envolvendo Emater/RS-Ascar, STR e Prefeitura Municipal. Num primeiro momento, foi organizada uma carga de cebola e se conseguiu um



ponto de feira no município de Capivari do Sul, na rodovia RST-040, um dos caminhos que ligam Porto Alegre e Região Metropolitana ao Litoral Norte. Exatamente no período de veraneio, foi realizada uma feira em um fim de semana, vendendo cebolas aos veranistas que passavam. Na mesma ocasião, foi negociado com um supermercado de Capivari do Sul a entrega direta de cebola, que originou duas pequenas entregas. A entrevistada ressaltou que esta experiência fora motivada por uma safra de muito baixo preço pago à cebola e dificuldade de colocação da produção no mercado. E, mesmo tendo sido bem sucedida (no sentido de conseguir escoar a produção e ter o devido pagamento), não teve continuidade: “No ano seguinte, o preço da cebola subiu e ninguém mais quis vender coletivamente” (Cristina).

#### 4.4 AS RELAÇÕES DE COMERCIALIZAÇÃO

Nas entrevistas com os atores locais das organizações de apoio, ficou marcado que o principal canal de comercialização utilizado pelos agricultores para venda da sua produção de cebola é o atravessador<sup>25</sup>. Sobre essa relação de comercialização, uma chamou a atenção nas falas foi o apontamento sobre a informalidade que por ela perpassa. Essa informalidade, por exemplo, diz respeito à ausência de contratos:

Não tem documento, é só no fio do bigode. Eu preparei a cebola, deu 1.000 sacos. O comprador diz, digamos: 400 sacos é de primeira, 300 sacos de segunda e 300 sacos de sobra, não tem preço. Era assim. E sem papel de compra e venda. E ainda o talão ficava como o comprador (Ricardo).

O talão que o entrevistado se refere diz respeito ao Talão de Notas Fiscal do Produtor Rural, emitido pela Secretaria Estadual da Fazenda. Outro ponto abordado na fala concerne à classificação da cebola. Estes assuntos serão abordados mais adiante.

Outra entrevistada associou a informalidade a uma fluidez na estrutura, uma vez que a ela não está somente na relação direta entre agricultor e atravessador.

A cadeia de comercialização da cebola não é uma cadeia formalizada. EmTavares, tu vês isso,tem compradores que vêm, alugam um galpão. [...] Mais especificamente, a comercialização ocorre com uma informalidade muito grande. Você não tem, diferente de outros produtos agrícolas, uma cooperativa, um grande grupo empresarial que compre o produto. Ela tem uma estrutura meio fluida (Cristina).

---

<sup>25</sup> Nas entrevistas, percebeu-se que, de uma maneira geral, os entrevistados que eram também agricultores se referiam a este intermediário como “comprador”, enquanto os técnicos da Emater/RS-Ascar empregam o termo “atravessador”. Por definição, é a figura de um ator da cadeia (que pode ser oriundo da comunidade local ou de outro Estado ou região) que compra cargas de cebola dos agricultores para montar um carregamento maior e levar para pontos de venda ou de distribuição da cebola. Há também a figura de agricultores da cebola que também exercem essa atividade de intermediário na cadeia. No texto, optou-se por chamá-los de atravessadores.

A menção a atravessadores que alugam galpões (para reunir a carga, classificar, ensacar, carregar caminhão) aponta para a circulação de atores no território, num empreendimento temporário, ainda que periódico (por ser anual, a cada safra) e autônomo. Eles não são representantes comerciais de empresas, por exemplo. Assim, a informalidade está também na própria forma de atuação deste ator que interliga segmentos da cadeia, da produção à distribuição e varejo. Este mesmo entrevistado também ressaltou que relações pessoais atuavam na conformação da relação comercial:

Na época [primeira década dos anos 2000] existia uma meia dúzia de compradores e relações pessoais entre eles e os agricultores, do tipo: "Ah, eu sou amigo do Carlinhos, então, eu vendo pro Carlinhos". Então, cada um deles tinha o seu comprador de cebola (Cristina).

Em uma hora da entrevista em que relembra de um momento em que fazia uma tentativa de organização de venda coletiva entre agricultores, ele relata a negativa destes:

Eu chegava nas casas deles, eles me diziam que já tinham se comprometido a vender para o fulano. A comercialização rolava muito por uma relação pessoal. Então, a cebola tem essa questão, que é um mercado muito informal. Em Mostardas e Tavares passava muito por uma relação pessoal (Cristina).

Embora (ou justamente), por essa relação de confiança estabelecida, os relatos de calotes, principalmente por cheques sem fundo, estiveram presentes nestas entrevistas.

Porque tinha alguns compradores que compravam há anos e anos aqui. Então, o produtor já esperava o comprador. Mas às vezes vinham anos e anos aqui, o produtor confiava. Mas aí um ano dava um sumiço. O produtor confiava muito neles e às vezes dava os golpes, cheque sem fundo (Charles).

E o pior é que os intermediários que vinham de fora, e até os daqui, faziam isso de não pagar. [pagavam com cheque e o cheque não tinha fundo] E não faziam só com um, faziam com vários.

[...]

Essa relação com intermediários com produtor, no pagamento, era um horror. Teve uma época que um pagou para o produtor com uma requisição de talão de cheque. Não era um cheque, era só uma requisição. O agricultor vendeu duas safras assim. O produtor mal sabia ler, não viu, era só uma requisição de talão de cheque... Isso foi em Tavares (Jairo).

Em todos os anos acontecia. Com 20, 30 produtores. Porque era isso, levava a cebola e diziam "Depois a gente acerta"... e ficavam devendo 100 mil pra um, 30 mil pra outro... [...] Essa desorganização fez também com que as pessoas desistissem da cultura também. Perdeu um ano, perdeu no outro... sai fora (Eduardo).

Um entrevistado destacou a informalidade pela via da fluidez e das relações pessoais. Outro entrevistado classificou a relação de comercialização como pré-capitalista:

A relação entre comerciantes e cebolicultores é pré capitalista. É casa da mãe Joana. Para mim, a questão é sociológica, é necessário de ser estudada, porque é uma relação de espoliação do produtor de cebola, de subserviência (Ricardo).

Também foi apontado, nas entrevistas, de forma mais direta, que os agricultores se encontram em uma posição desvantajosa perante o atravessador, com menor poder de barganha – inclusive porque não buscam o mercado, mas esperam o comprador aparecer:

São poucos produtores que conseguem conservar cebola e esperar épocas mais favoráveis para comercialização. Grande parte vende direto na lavoura e são muitos produtores e poucos compradores, e aí tem muito domínio no mercado, na questão dos preços, da classificação. O produtor reclama que eles apertam demais na classificação, e aí muita cebola que cairia na caixa 3, acaba caindo na caixa 2 e aí o valor cai pela metade (Cláudio).

Nos Teixeiras, já dava para ver, há duas, três safras: se o comprador não vai nos Teixeiras comprar, eles não vendem. Teve um que me disse “Ainda bem que ele vai lá comprar” (Eduardo).

É muita dependência frente ao atravessador, e ele faz o que quer. O pessoal precisa vender para eles (Taís).

Um dos entrevistados, relatando sobre os anos 1980 em Mostardas, disse que o período era mais favorável aos agricultores, que tinham maior poder de barganha na negociação e chegavam a recusar a venda se o preço oferecido não o agradasse.

E o produtor mesmo que colocava o preço, ele sabia quanto cobrar. E dizia “Eu quero tanto”, e se não era, não vendia. E tinha caminhoneiro que realmente voltava sem comprar. Sempre tinha comprador. E era pagamento mais ou menos a vista (Charles).

Também esse entrevistado lembrou que a safra da cebola gerava um grande movimento de caminhoneiros em Mostardas, vindos de São Paulo e Santa Catarina. Alguns tinham contato com intermediários que conheciam os agricultores e os levavam até as propriedades. Na cidade, havia uma cabine telefônica onde se reuniam muitos dos caminhoneiros, por meio do qual se informava o preço cobrado na cidade para avaliar a possibilidade ou não de compra.

Acerca da comercialização, São José do Norte conta com a COOAFAN, cooperativa com quadro aproximado de 100 famílias. A avaliação dos extensionistas rurais do município é diversa; há reconhecimento da importância da cooperativa, mas também foi dito que o preço pago pelo atravessador compete com o da cooperativa, de forma que os associados nem sempre optam pela comercialização coletiva. Um dos extensionistas atuais do município

apontou que na última safra a COOAFAN vendeu o equivalente a apenas 1% da produção de São José do Norte.

Um dos pontos mais surpreendentes nas entrevistas foi a menção ao fato dos atravessadores levarem e reterem o talão de notas fiscal dos agricultores junto com a carga. Essa prática foi mencionada como presente tanto no passado como na atualidade.

Tem o problema de informação do produtor, não saber como preenche o talão, e deixa a cargo do comprador. E traz problemas, porque acaba passando cebola a mais ou a menos do que realmente produziu. O comprador fica com um bolo de talões no galpão e a hora que vende tira a nota (Jonas).

Tem compradores locais que também vendem pra outras empresas maiores. São atravessadores mesmo. É o clássico. Leva o talão do produtor e tira a nota direto quando vender lá. E fazem o que querem com o produtor, tiram uma carga maior ou menor do que o produtor vendeu, fazem muito desconto sobre a cebola, na classificação. E levam também talões de outras pessoas, que não plantam, junto. Acho que não dá 5 atravessadores desses (Taís).

Quase toda nota, quando não ia o talão, ia a nota só, até São Paulo. E quem fazia eram os próprios intermediários, tanto os locais como os de fora. Os intermediários nunca tiveram uma empresa (Jairo).

Tem que ter o cuidado de pedir a nota. Para levar para Ceasa, para o comprador, é importante ter várias notas. Ele entrega a nota, na Ceasa se carimba as notas, e traz a contranota para o agricultor. E nos supermercados, geralmente a nota vem por e-mail (Celso).

Sobre a última fala, a explicação foi de que o atravessador, ao chegar à Ceasa de Porto Alegre com notas fiscais de vários agricultores, consegue identificar a carga como vinda diretamente do produtor, podendo acessar o Pavilhão dos Produtores (GNP) (ou “as pedras”) para vendê-la.

Os relatos apontam que não só há atravessadores que recolhem e guardam os talões dos agricultores, como também ocorre por vezes de levarem a carga com a nota fiscal não preenchida, ou só parcialmente preenchida, sem discriminar o destinatário<sup>26</sup>. O atravessador não consta como destinatário na nota fiscal, como comprador; quem vai constar é o destinatário final desta rota (seja Ceasa ou um comércio do varejo, por exemplo). É como se esse atravessador, intermediário na cadeia, para todos os efeitos, não existisse. O entrevistado Jairo inclusive relatou um episódio em que um agricultor foi multado porque o caminhão, ao passar pela fronteira com Santa Catarina, acusou excesso de peso; como era o seu nome que constava como proprietário da carga, recaiu sobre ele, e não sobre o atravessador. O

---

<sup>26</sup> Não foi possível mensurar o quão comum é esta prática de omitir o atravessador na nota fiscal. Em conversas informais com agricultores de São José do Norte e Tavares, foi dito que existe essa prática, mas não apontavam ser comum e não afirmavam já ter trabalhado desta forma.

pagamento da multa teria sido acertado pelo atravessador, mas chama atenção para os riscos que o agricultor se envolve ao não formalizar a venda para este intermediário.

Outro ponto presente nos relatos é que os atravessadores guardam “um bolo” de talões de notas, que só serão preenchidos posteriormente, no momento de preparar a carga. Mas às vezes acontece que, chega ao final, sobra talão de notas e falta carga, e fica agricultor sem ter a sua venda registrada. Outra menção é o fato de que algumas pessoas que não produzem cebola têm relações com esses atravessadores e entregam seus talões para que seja registrada alguma venda<sup>27</sup>. Por isso, acontece de algum produtor de cebola acabar ficando sem nota fiscal da sua comercialização.

Ainda em relação à comercialização, a classificação da cebola é mencionada como um ponto problemático. Poucos agricultores têm seu próprio equipamento de classificação, o que confere aos atravessadores um poder na negociação. Os relatos dão conta de que, de uma maneira geral, os agricultores se sentem lesados na classificação. Primeiro, porque haveria alteração na regulagem das máquinas de classificação, e que não há fiscalização sobre isso:

A tabela nacional é caixa 2 a 5,5cm de diâmetro. Às vezes, o comprador abre a máquina para 6cm. Aí, a cebola que era caixa 3 cai na caixa 2, o produtor recebe assim. Mas, na hora de vender, o comprador seleciona as maiores da caixa 2 e mistura de volta na caixa 3. Então, ele ganha muito a mais (Celso).

Porque não tem uma fiscalização, nem pode ter, por parte do município, sobre a regulagem das máquinas. Então, é uma eterna discussão. Quando sai a cebola da propriedade, o agricultor tem uma ideia de classificação, e quando chega lá, sai diferente (Cláudio).

Ademais, a conformação da diferença de preço entre os diferentes calibres não é oficial, mas uma convenção, na qual o atravessador tem o poder de determinar.

A última normativa de calibragem da caixa 3, pelo que se sabe, ainda não entrou em vigor<sup>28</sup>, mas os compradores já vem aplicando, e aí acaba prejudicando o produtor. [...] Já se convencionou aqui que a caixa 2 vale metade da caixa 3; não está escrito em lugar nenhum, mas já se convencionou (Cláudio).

A classificação é uma normativa que já existe há muito tempo e o produtor reclama há muitos anos, porque na verdade, na hora que o comprador compra ele faz todos os descontos e chega na hora de comprar no mercado, tu não vê essa diferença, está tudo misturado. Às vezes até vendendo a mais a miúda. E é uma forma que o atravessador se aproveita. Não teria problema vender pela metade do preço, mas que na hora de vender fosse justo, para o consumidor na ponta. E tem a cebola de

<sup>27</sup> Um dos motivos seria a comprovação de atividade rural para fins previdenciários enquanto trabalhador rural segurado especial. Ter uma nota fiscal por ano é uma das principais formas aceitas para comprovação de tempo de trabalho rural, o que permite acessar direitos de auxílio doença, auxílio maternidade e aposentadoria em condições particulares.

<sup>28</sup> Na data da entrevista, a Resolução 04/2021 do MERCOSUL ainda não estava em vigor no Brasil.

descarte, que é descartemas ninguém [nenhum agricultor] vai pegar de volta, então, algum destino ela tem (Taís).

Esta última fala traz também o terceiro problema envolvido na classificação: embora o agricultor esteja sujeito à classificação e à consequente diferença de preço na cebola que comercializa, para o consumidor, essa diferença inexistente, pois cebolas de diferentes tamanhos são colocadas na mesma gôndola dos supermercados, sem diferença de preço. Ou seja, a classificação vale para uma ponta da cadeia e “some” na ponta final.

#### 4.5 GARGALOS E LIMITAÇÕES DA PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO LOCAL

Algumas características da produção e do mercado de cebola local já foram apontadas anteriormente – como a carência de políticas públicas, os hiatos nas pesquisas agropecuárias e no desenvolvimento de tecnologias, o domínio do mercado local pelos atravessadores, as dificuldades de negociação de preço, a desmobilização dos agricultores para a comercialização etc. Nesta seção, serão abordadas algumas questões que ainda não apareceram no decorrer do trabalho, mas emergiram no decorrer da pesquisa.

Um dos aspectos mencionados foi o envelhecimento dos produtores e as dificuldades de sucessão nas propriedades. Isso se traduz na redução de área plantada, tanto pela efetiva parada dos mais velhos na atividade, como pela redução da área plantada nas propriedades quando da saída dos mais jovens (pois o tamanho dessa área é ajustada conforme a mão de obra disponível). Um dos entrevistados mencionou também que o fato de haver poucos jovens na atividade dificulta a pensar e enxergar mudanças no manejo da produção ou nas formas de comercialização.

A rentabilidade da atividade foi também apontada como um gargalo, associada, aliás, às dificuldades de sucessão. Foi lembrado que, na região, atividades como pecuária e resinagem de Pinus se apresentam como alternativas econômicas que competem com a cebola – seja pelo desenvolvimento da atividade pelas famílias agricultoras, seja pela absorção de mão de obra<sup>29</sup>. Frente a um aumento do custo de produção na cebolicultura, outras possibilidades de geração de renda se apresentam como mais atraentes. O outro lado deste

---

<sup>29</sup> Em São José do Norte é mais comum a presença da pecuária bovina nas propriedades da agricultura familiar, inclusive com associação entre pecuária e cebolicultura. Em Mostardas, a bovinocultura de corte, resinagem de Pinus e rizicultura são em geral absorvedoras de mão de obra, ofertando trabalho e emprego para a população rural.

processo é que as famílias em geral não têm sua renda tão dependente da cebolicultura, o que é importante em safras ruins (por baixo preço ou baixa produção).

Não tem sucessão. As famílias são menores, os filhos abandonaram, é o casal de idosos. E a perspectiva que a gente vai ter é ver essa questão de sucessão, como vamos resolver esse problema. É ter um projeto de desenvolvimento. Se não, a lógica é que a agricultura familiar aqui vai quase desaparecer. Uma coisa é que os filhos vão para o assalariamento, lavoura de arroz. Hoje, com o pinus, com a resinagem, o filho vai pra resinagem (Jairo).

Hoje o produtor está muito mais tranquilo, não precisa plantar 4 ou 5 hectares. Ele pode ajustar com a mão de obra, ele tem a resinagem de pinus, e o gado é a mesma coisa. O gado se valorizou muito daquela época pra cá (Luís).

Outro ponto importante foi que a cebola do Litoral Médio perdeu espaço dentro do mercado nacional, até mesmo dentro do mercado gaúcho. Como já visto, a partir do final da década de 1970, São Paulo e posteriormente Santa Catarina conquistaram o posto de maiores produtores de cebola. Os entrevistados apontaram tanto a existência de pequenos períodos de sobreposição de safras, baixando os preços, como também o fato de que, com a grande produção de Santa Catarina, há menos compradores de outros Estados que vêm ao Rio Grande do Sul.

Todos os aspectos acima citados, associados ainda aos calotes na venda da produção, safras com preços muito baixos ou com muitas perdas nas lavouras, confluem em um outro, que é a descapitalização de muitos agricultores da cebola. Ao longo do tempo, tanto o processo como eventos pontuais teriam sido responsáveis pela retirada de alguns produtores da atividade.

E o produtor também teve uma fase... por a cebola passar umas fases valendo muito pouco, o produtor descapitalizado já começava mal. Por exemplo, pouca semente, pouco adubo, ele já iniciava mal por falta de recurso, porque não tinha capital. Isso aconteceu muito (Charles).

O preço oscila muito, e com isso os agricultores se descapitalizaram, se desmotivaram. Já ouvi dizer de um agricultor “A cebola ela dá e ela tira” (Cristina).

Cabe destacar que o entrevistado Celso, presidente do Subcomitê da Cebola e também produtor de cebola, salientou que há anos difíceis e anos em que “tudo dá bom”, e concluiu “A gente não pode desistir”.

Outro gargalo citado é a carência de infraestrutura, entre os agricultores, para preparar e armazenar a cebola. Essa estrutura diz respeito a máquinas para corte (do talo e da palha) e classificação da cebola, sacaria, galpões adequados, que permitiria agregar valor à produção pelo toalete e poder comercializar num momento de melhor preço.

O que falta mesmo é estrutura de armazenamento. Grande maioria tem só um galpão pequeno para máquinas, mas não para guardar a cebola produzida. Embora agora nos últimos investimentos tenha saído muito projeto para construção de galpão... O galpão que daria condições de armazenar por 60, 70 dias, podendo armazenar até março, abril. Mas o que se vê é que o produtor tem que vender com pressa, e aí tem que vender ali em janeiro (Cláudio).

O preparo e toaleta da cebola, se não procurar isso, tu desiste. Quando está ruim [o preço, a comercialização], eu preparo, arrumo a cebola e agrego valor. [...] No geral, 80% da produção de Tavares é vendida na roça. Porque a maioria não tem galpão, estrutura, sacaria. E o que acontece geralmente é que o comprador tem sacão e empresta para o agricultor (Celso).

Tem isso, é cultural deles, não tem isso de produzir e fazer a sua toaleta, preparar seu produto. Tem isso de Tavares de vender na roça “Quero me ver livre, preciso ter o dinheiro”, sem se envolver, para não ter mais trabalho (Jairo).

A “venda na roça”, conforme informações dos entrevistados, ocorre em São José do Norte e Tavares, mas muito pouco em Mostardas. Consiste na venda da cebola com basicamente nenhum preparo, tendo passado apenas por uma rápida cura a campo.

Aliado à falta de preparo da cebola para venda, apareceu também como limitação a falta de envolvimento dos cebolicultores na busca por mercados e canais de comercialização.

A comercialização que é feita hoje, esse é um dos problemas que tem, ela continua sendo igual a como era feita 30 anos atrás. O produtor fica na propriedade esperando que o comprador vá lá comprar. O pessoal não evoluiu na questão de preparar o produto para vender. Hoje são pequenas áreas, colhe de 3 a 8 mil quilos, é muito pouquinho, então, um caminhão que carrega 20 mil quilos, o pessoal não vai comprar. Os compradores começaram a não ir mais comprar. E aí ficou só um comprador que ainda faz isso (Eduardo).

Este entrevistado observa que não houve atualização e desenvolvimento dos agricultores nos aspectos atinentes à comercialização. Essa atualização seria tanto no sentido da toaleta, como na organização para comercialização coletiva, aspecto também mencionado por outros entrevistados.

#### 4.6 POTENCIALIDADES E PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Entre as potencialidades destacadas, os entrevistados apontaram o histórico da região na produção da cebola, associado à tradicionalidade, à presença nas comunidades de remanescentes de quilombos da região, ao saber-fazer dos agricultores e as tecnologias sociais desenvolvidas para a cultura. Além disso, também acenou-se para a possibilidade de uma



diferenciação que gerasse um posicionamento estratégico do produto no mercado, a partir de uma indicação geográfica da cebola da península:

O ponto positivo é justamente esse histórico que tem de cebola na região, o conhecimento dos agricultores (Cláudio).

O *know-how* todo que eles tem, essa tecnologia. Inclusive os “gringos” usam esse *know-how*. Quem muda para eles? Quem colhe para eles?<sup>30</sup> (Jairo).

Está numa comunidade tradicional, até por uma questão de *marketing* de comercialização, um apelo de comercialização. E é uma questão tradicional, o pessoal conhece a cultura, conhece a produção. O processo produtivo, não tem nada que o pessoal não conheça. Atualização, de uma variedade nova, mais resistente... Beleza. Mas o grande potencial é que o pessoal conhece a produção de cebola, conhece o que fazer para ser melhor (Eduardo).

A tradição, por exemplo, se houvesse uma denominação de origem, por exemplo, “cebola da agricultura familiar”, que produzisse uma diferenciação... (Taís).

Tem também alguma coisa no lado cultural, tipo a cebola nortense<sup>31</sup>, ainda pode conseguir manter o agricultor mais tradicional, esse da enxada. Se não, acho que poucos se manteriam. Potencialidades é da questão cultural, que é uma visão de que é uma cebola de alta qualidade, reconhecida (Jonas).

Outro aspecto diz respeito à adaptação da cultura da cebola em relação ao solo e ao clima da região:

Terra é favorável, as condições climáticas são favoráveis. Terra de fácil manejo, fácil de trabalhar (Eduardo).

O solo é em geral pobre, mas, sabendo trabalhar, colocando matéria orgânica, ele responde (Jonas).

Nosso solo é favorável a esse tipo de produção. Só que tem que mudar a forma de trabalhar esse solo. Usar a tecnologia de adubação verde, usar feijão miúdo, todo o processo que tem que ser feito, rotação de culturas, que é uma coisa que quase não se faz. Então, tem esse potencial (Jairo).

A cebola tem uma adaptação climática na nossa região, porque quando ela “estala”<sup>32</sup> e vai fazer a cura, é justamente o período em que inicia a estagem. Por isso que é fundamental em novembro, dezembro, quando a cebola começa a “estalar”, essa situação de pouca ou nada de chuva, para a cebola. É fantástico (Luís).

Nas falas é visível que se pondera que o solo arenoso pode ser pobre em matéria orgânica, mas, trabalhando esta questão, é favorável à cultura. Em São José do Norte, um entrevistado observou que o uso de culturas de verão para adubação verde e ciclagem de

<sup>30</sup> Os “gringos” ao que o entrevistado se refere são os produtores de cebola oriundos de Gabribaldi que plantam 15ha de cebola em Mostardas.

<sup>31</sup> Referente a São José do Norte/RS.

<sup>32</sup> “Estalo” é como é chamado o momento em que as folhas da cebola caem, deitam, indicando a hora da colheita. “Essa queda foliar (chamada estalo) é um indicador útil da maturidade dos bulbos” (HEIDEN, 2007).

nutrientes (milheto e feijão miúdo) é corrente. Outro aspecto, ressaltado na última fala acima, diz respeito à adaptação da cultura ao ciclo das estações e pluviometria, pois o período em que inicia a redução de chuvas é o momento em que a cebola passa a ter pouca tolerância à umidade. Vale lembrar que não há motivos para pensar que essa adaptação é casual, pois tanto as variedades de cebola sofreram seleção na mão dos agricultores desde a sua introdução na região, no século XVIII, como o próprio calendário agrícola da cebola é também uma adaptação às condições do ambiente da região. Assim, o saber-fazer dos agricultores e tecnologias sociais por eles desenvolvidas ao longo do tempo também contribuem para essa adaptação da cultura.

Além dos aspectos citados, também foi abordado que, mesmo com todos os percalços, a cebola gera renda e que, enquanto gerar renda para a agricultura familiar da região, ainda que complementar, ela vai existir.

E a cebola, apesar de tudo, tem um rendimento até razoável por hectare. E enquanto der uma renda, mesmo que pequena, o pessoal vai plantar. [...] Não acho que vai se extinguir tão cedo, só que sempre oscilando (Cristina).

Um entrevistado salientou que o fato de a cebola não ter mais a mesma importância para a agricultura familiar do município (no caso, São José do Norte) é também positivo, pois reduz a dependência da economia local a uma única cultura.

Naquela época de 1990, se a cebola falhasse, era um deus nos acuda, tanto para serviço como pro comércio, no município. Mas hoje mudou, porque hoje a cebola é a terceira ou quarta economia do município (Luís).

Em um sentido semelhante, outro entrevistado afirmou que as propriedades da agricultura familiar que se dedicam à cebola mantêm diversificação produtiva, sendo esta também uma potencialidade.

Ela continua sendo importante, porque a propriedade que tem cebola é mais diversificada. Porque a terra em que tem cebola, depois se planta outra cultura – milho, feijão. Hoje é muito mais importante na complementação de renda e na diversificação de culturas (Eduardo).

Considerando as limitações e potencialidades da cultura da cebola na região, os entrevistados apontaram para algumas mudanças e ações importantes. Foi indicada a importância de se investir no desenvolvimento de maquinário pequeno, adaptado às características da produção e do manejo empregado na região – por exemplo, maquinário para colher ou para fazer plantio direto da cebola. Neste sentido, foi lembrado que seria importante

também o apoio das Prefeituras para a aquisição via patrulha agrícola, podendo o equipamento ser usado por diversos agricultores. Alguns extensionistas afirmaram que experiências com uso de maquinário para colheita, por exemplo, não são bem sucedidas na região, demandando desenvolvimento na tecnologia.

Outro fator elencado diz respeito ao armazenamento, pois, como já afirmado em outro momento do texto, este é visto como deficiente e há pouco conhecimento sobre a estrutura mais adequada para a conservação da cebola na região<sup>33</sup>. A armazenagem está relacionada ao maior controle do produtor sobre a comercialização, permitindo estender o período de escoamento da safra, aguardando um melhor preço de venda.

Lembrou-se também do desenvolvimento ou experimentação de tecnologias que se traduzam em novas perspectivas de produção de mercado. Aqui, associa-se tanto o desenvolvimento de pesquisa e tecnologia pela Embrapa, no lançamento de novas cultivares e variedades com características específicas (mais resistentes a doenças, mais resistente a armazenagem, com propriedades nutraceuticas), como experiências de cultivo orgânico da cebola. A mudança para o sistema de produção orgânica foi apontada por entrevistados como potencial para o futuro:

O consumidor hoje não quer consumir agrotóxicos, quer um alimento limpo. Principalmente dos centros urbanos. A produção orgânica, além de atender o anseio do consumidor urbano, localmente, reduz e muito a dependência de insumos externos. Corta essa cadeia de dependência de vendedor de insumos (Ricardo).

Além da diferenciação no mercado e a entrada em um novo nicho, a produção orgânica de cebola foi apontada na perspectiva de conservação do solo e de uma produção mais ambientalmente equilibrada.

Ainda na perspectiva do mercado, destacou-se ser importante agregar o processamento da cebola, apresentando outros diversos produtos ao mercado, além da cebola *in natura*. A agroindustrialização seria importante tanto para acessar novos mercados (que, em realidade, precisam ser construídos) como para agregar valor à produção.

Vender um produto *in natura*, quase uma *commodity*, ele não tem preço. Ele teria que ser beneficiado, industrializado, que agregue valor, e que remunere melhor o produtor. Só que eu não vejo isso acontecer neste território do istmo.  
[...]

---

<sup>33</sup> Os galpões dos agricultores da região em geral são rústicos, de madeira, com telhas de fibrocimento, com ou sem piso. Em geral, é de uso misto, servindo para guardar maquinário, ferramentas, insumos, não sendo exclusivo para armazenagem. As cebolas são acondicionadas em geral em montes, empilhadas. Em alguns casos, usa-se molhos pendurados em varas.

Da forma como se comercializa, eu não vejo um futuro muito otimista. Agora, se começar a pensar em outra matriz, ou outros produtos, aí muda de conversa. Cebola desidratada, ou em escamas, para o consumidor urbano, que não tem tempo para descascar, cortar, não quer cheiro nas mãos (Ricardo).

Uma coisa que precisava fazer, por exemplo, uma mini fábrica de conservas. A ideia que a gente tinha... A perspectiva de futuro, organizar através de cooperativa, de cooperação, e uma forma de agregar valor ao produto. Hoje, com a tecnologia que se tem, se der uma dessecada, embalar a vácuo... (Jairo).

Eu vejo que tem potencial para uma agroindústria, alguém que se interesse, a gente tenta, mas não aparece, para vender cebola cortada, congelada, descascada, sei lá. Ou aqueles produtores que tem o mercado certo, por exemplo, para o Zaffari<sup>34</sup>. E também em questão de comercialização até teria uma perspectiva via cooperativa, mas o pessoal aqui não sabe trabalhar dessa forma (Taís).

Importante notar que, em várias dessas falas, embora se indique a importância e o potencial para agroindustrializar a cebola, há também certa desesperança frente à dificuldade de realizar este projeto. Vê-se o potencial e a importância, mas pouco se vislumbra de possibilidade. Também este sentimento foi notado em alguns entrevistados que mencionavam ser essencial transformar a forma de comercialização, de forma que os agricultores não “ficassem na mão” do atravessador, como exemplificado na fala de um entrevistado “Como apoiar de forma a acontecer de uma maneira mais favorável? Acho que esse é o ponto de incentivo da produção de Mostardas” (Eduardo). Também é destacável que nas falas acima aparece a questão do cooperativismo associado à agroindústria.

#### 4.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Neste capítulo, buscou-se resgatar ações desenvolvidas por organizações de apoio à cebolicultura do Litoral Médio, a partir da perspectiva e dos relatos de agentes-chave. Também intentou-se entender suas percepções sobre alguns aspectos envolvidos nas relações de comercialização da cebola.

Os entrevistados enfatizaram a importância das políticas públicas para a cadeia produtiva na região. Em relação à pesquisa, apontaram para o vazio deixado pelo encerramento das pesquisas da Fepagro, e uma retomada importante, mas que só ocorreu mais recentemente, pela Embrapa.

No resgate de ações em Mostardas, foi percebido que, apesar das tentativas, a experiências de organização coletiva não perduraram, sendo eventos pontuais na história da cebolicultura local. Ainda em relação à comercialização, os entrevistados apontaram para

---

<sup>34</sup> Referência aos supermercados do Grupo Zaffari.

informalidade existente nas relações de comercialização no território. Essa informalidade está presente na não existência de contratos, na existência de atravessadores com ares de “mascates”, na influência das relações pessoais nas decisões de venda, nas brechas existentes para a ocorrência de calotes, na comercialização sem nota fiscal, ou com nota fiscal preenchida indevidamente. Também ficou destacada a percepção de que os agricultores estão em desvantagem nessa relação de comercialização com o atravessador, no que diz respeito ao preço e à classificação da cebola.

No que diz respeito à informalidade, um entrevistado caracterizou-a como um relação pré-capitalista de comercialização. No entanto, em uma perspectiva institucionalista dos mercados, entendemos de forma diferente, uma vez que, mesmo nas trocas mercantis capitalistas, além da relação preço-lucro e de fatores racionais, estão envolvidas relações sociais, de confiança, de segurança e acordos informais. A informalidade não é um mero elemento pré-capitalista, mas uma forma de construir um mercado e, certamente, manipular diferentes aspectos buscando uma transação vantajosa.

Os entrevistados indicaram, entre os gargalos, o envelhecimento e a dificuldade de sucessão familiar na atividade, os revezes que a cultura da cebola por vezes sofre, levando agricultores à desistência, a competição com a safra de Santa Catarina, uma vez que o Rio Grande do Sul e a região litorânea não são mais os maiores produtores do país. Também identificaram o fato de os agricultores terem em geral resistência a buscar outras formas de comercialização da produção, outros mercados, sendo ainda preponderante a comercialização para o atravessador.

Como potenciais, foi mencionada a possibilidade de valorizar e dar visibilidade à tradição e tradicionalidade da cultura da cebola na região, como estratégia de posicionamento diferenciado da mercadoria ou acesso a outros mercados. Na mesma perspectiva, há a possibilidade de produção orgânica de cebola e de agroindustrialização. O investimento em pesquisa e desenvolvimento de novas tecnologias, notadamente em armazenagem e maquinário é colocado tanto como potencial como necessidade.

## 5 A ATUAÇÃO DOS AGRICULTORES PRODUTORES DE CEBOLA

Foram realizadas sete entrevistas com agricultores produtores de cebola, sendo uma dessas realizada com um casal. Os agricultores são das localidades Comunidade Quilombola Beco dos Colodianos, Comunidade Quilombola dos Teixeiras e Valim. O quadro a seguir é apresentado para situar a leitura em relação a cada entrevistado:

**Quadro 5** – Agricultores entrevistados e respectiva idade

Nome (fictício)	Idade
Adão Atílio	86 anos
Antônio Jorge	49 anos
Darci	70 anos
Elias	75 anos
Gabriel	29 anos
Ieda	58 anos
Ildo José	69 anos
Rosa Ana	63 anos

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

É perceptível que boa parte dos entrevistados são idosos, havendo apenas um jovem. Embora tenha-se buscado contemplar diferentes perfis de produtores, é característico dos produtores de cebola de Mostardas a idade mais avançada e a pouca participação dos jovens na atividade. Além disso, o fato de a maioria ser homem é também característico: embora as mulheres se envolvam na atividade, a gestão e as decisões concernentes à atividade geralmente estão centradas nos homens<sup>35</sup>.

Todas as famílias enquadram-se na definição de agricultura familiar nos termos da Lei Federal nº 11.326/2006: área de até 4 módulos fiscais (no caso de Mostardas, de até 100ha)<sup>36</sup>; prevalência do uso de mão de obra familiar no desenvolvimento das atividades econômicas do estabelecimento rural; percentual mínimo de renda originada das atividades econômicas do empreendimento; gestão familiar. Além disso, são propriedades diversificadas, nas quais, além da cebola há também, em geral: cultivo de milho, feijão, batata-doce, aipim, abóboras e outras curcubitáceas, hortaliças, frutíferas, ervas de chá e criação de gado bovino e ovino, de suínos e de aves. Algumas das variedades cultivadas são, inclusive, crioulas – milho catete,

<sup>35</sup> Não era solicitado entrevistar um ou outro integrante da família, apenas apresentava-se a pesquisa e deixava-se para a família (em geral, era somente o casal que estava presente) decidir quem participaria.

<sup>36</sup> O módulo fiscal de Mostardas é 25ha.

feijão roxinho, feijão mamona, feijão miúdo, batata abóbora, poronguinho. A produção é parte direcionada para comercialização e parte para autoconsumo.

Sublinha-se que o perfil das famílias entrevistadas é semelhante ao observado entre os cebolicultores de Mostardas, seja nos aspectos sociais, etários, étnico-culturais, econômicos, produtivos, fundiários e inclusive de distribuição nas localidades rurais do município, que inclui as duas comunidades de remanescentes de quilombos. Há uma família produtora que destoa do perfil geral: os “gringos”, produtores de cebola oriundos da Serra Gaúcha que cultivam 15ha de cebola em Mostardas, conforme já apresentado na páginas 38 deste trabalho (Capítulo 3)<sup>37</sup>.

## 5.1 O SISTEMA DE PRODUÇÃO DE CEBOLA EMPREGADO

A área plantada dos agricultores entrevistados varia entre 0,1ha a 0,5ha, ou seja, entre 1.000m<sup>2</sup> e 5.000m<sup>2</sup>. Na realidade, os agricultores da cebola na região não costumam se referir à área plantada por uma medida métrica, mas por “réstias”: mil réstias, duas mil réstias, três mil réstias etc. – sendo que 10 mil réstias correspondem a aproximadamente 1ha plantado. Ou seja, é um saber particular que faz a transposição de uma medida unitária (a réstia, a trança de cebola) a uma medida de área, associando área com rendimento médio da lavoura. Segundo um entrevistado, o “medir” uma área com base da medida da réstia é feito “no olho”. Todos informaram que houve redução da área cultivada pela sua família, ao longo dos anos.

Após a colheita da cebola, a terra utilizada é destinada a outra cultura – milho, feijão, batata doce e aipim. Assim, aproveitam a adubação realizada. A cebola, assim, não é uma cultura isolada, mas associada a outros cultivos. A maioria afirmou utilizar sempre a mesma área para a cebola (“é uma terra que a gente vai produzindo praticamente todos os anos, e vai sempre melhorando ela, vai sempre aproveitando” - Elias), porém outros fazem rotação – segundo estes, a área é trocada quando se avalia que está caindo o rendimento da lavoura.

### 5.1.1 Calendário de plantio

O plantio das sementes, chamadas de “cebolinho”, é feito entre final de abril e maio. Um dos entrevistados justificou aguardar a entrada de maio “para evitar de estar colocando água. Aí eu deixo trocar a estação, porque já começa a chover.” (Darci). Alguns disseram ter

---

<sup>37</sup> Conseguiu-se contato com esta família, mas não foi possível entrevistá-los por não indicarem tempo disponível para a entrevista. Foi possível obter algumas informações por trocas de mensagens.

preferência pela lua crescente para semear, e todos foram unânimes em dizer que não pode plantar na lua nova, porque dá o “espigo”. O espigo é quando a haste da cebola desponta muito cedo e floresce, prejudicando o desenvolvimento do bulbo (que é a parte a ser consumida e comercializada), que se torna oco. O plantio das sementes é feito a lanço, em canteiros a céu aberto. Após o semeio, usa-se uma fina camada de terra para cobrir.

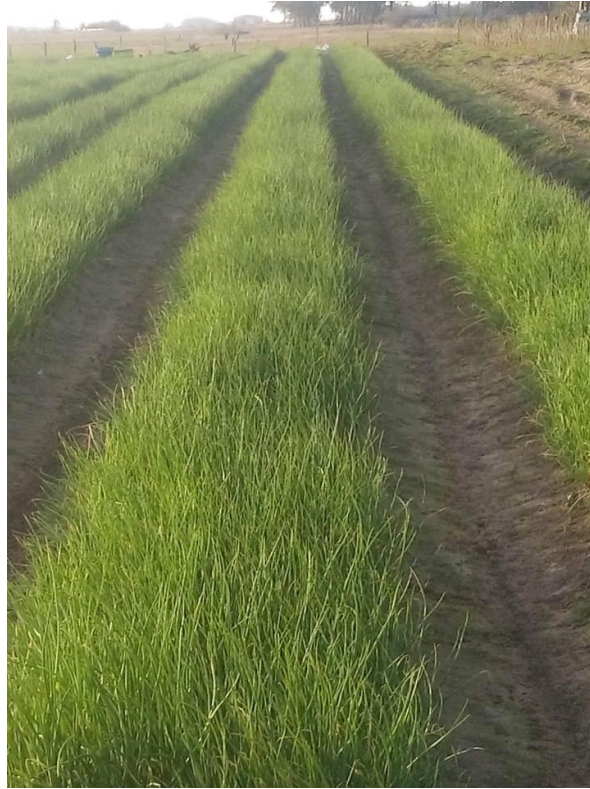
**Figura 3** – “Sementeira” com sementes em estágio inicial de germinação.



**Fonte:** Fotografia da autora, 2022.



**Figura 4** – “Sementeira” com cebolinho já desenvolvido



**Fonte:** Fotografia de Rui Lemos Miguel de Lemos, 2021.

Após o desenvolvimento da muda, ela é transplantada para a área onde se desenvolverá completamente o bulbo. Entre os agricultores entrevistados, o período do transplante varia entre final de julho até setembro. Um entrevistado justificou que o período de semente está relacionado ao local escolhido para o plantio da muda e o regime de chuvas:

Semente é de abril a maio, dependendo do lugar onde vai ser “transmudado”. Se for “transmudado” num lugar alto, pode ser mais no cedo, que não dá problema com terra encharcada. Quando vai “transmudar” numa terra mais baixa, tem que ser mais no tarde (Elias).

**Figura 5** – Mudas do cebolinho após o transplante



**Fonte:** fotografia de Rui Lemos Miguel de Lemos, 2021.

No desenvolvimento do cultivo, há tratos a serem feitos, seja a capina (à mão ou com enxada) para eliminar a competição das plantas espontâneas ou a aplicação de agrotóxicos para capina química e combate a pragas e doenças, conforme a necessidade.

A colheita inicia em geral em torno de 10 de dezembro, podendo se estender até o final do mês, no caso de variedades de ciclo mais longo, como a Crioula. O ponto da colheita é indicado pelo “estalo”, seguido pela secagem das folhas.

No momento que ela deita, já dá para colher. Quando vê que o talo tá amarelado, seco. E a cebola boa tem que deitar. Se não deitar, é complicado. A cebola que deita é uma cebola sã (Gabriel).

Cai e começa [as folhas] a ficar da cor disso aqui [aponta uma cor clara]. Ela deitada, ela [a cabeça da cebola] ainda cresce. Estando verde, cresce. Aí quando ela começa a “esbranquear” a gente colhe. Porque depois que ela deita, ela ainda cresce (Rosa Ana).

Após a colheita, é feita a armazenagem, que em alguns casos é por tempo mínimo, ou mais estendido, conforme a estratégia de comercialização empregada pela família. As questões relativas à armazenagem serão tratadas adiante.

### 5.1.2 Preparo do solo, tratos culturais e equipamentos utilizados

É comum o uso de esterco bovino e ovino para adubação das áreas utilizadas. Em geral, é feita uma adubação prévia na área onde é semeado o cebolinho com uso somente de esterco. Já na área onde transplantam a muda, o preparo prévio é com uso de calcário, adubo químico e também esterco. Ureia é usada em cobertura já após o transplante, em uma ou duas aplicações intercaladas. Todos os entrevistados usam algum tipo de insumo químico, ao mesmo tempo em que usam esterco para adubação.

O preparo das terras e até mesmo o feitiço dos canteiros é feito com trator. Em todos os casos entrevistados, não há equipamento próprio, sendo usado o da patrulha agrícola municipal (no caso das comunidades quilombolas, são equipamentos cedidos às associações comunitárias) ou emprestado de familiares. Arado de boi também é usado, mas mais raramente. Semeio, transplante e colheita são processos totalmente manuais.

Na ocorrência de doenças ou ataque de pragas, são usados agrotóxicos específicos. Nenhum dos entrevistados informou fazer algum tipo de tratamento preventivo. O uso, assim, é feito quando se identifica algum problema. Questionados, os agricultores afirmaram que já sabem identificar as doenças e que, ou já sabem qual produto usar, ou se informam nos estabelecimentos comerciais de produtos agropecuários.

A gente sabe, a gente conhece o tipo de erva “danina”. Porque hoje a gente sabe que cada caso é um caso. Uns combatem um tipo de erva, outros combatem outro. [A doença, a gente] sabe identificar e já sabe o produto. Conforma a maneira que dá a doença, a pinta que dá na folha (Elias).

Isso aí quase sempre o cara resolve, já conhece o plantio. Só se fosse um problema novo, que o cara não sabe, aí precisaria de uma assistência. Mas quase sempre são os mesmos. [...] Quase todos os anos tem uma época que é a mesma coisa. O veludo... Aquilo ali é um problema! É só chover, esquentar o solo, a cebola úmida, já começa a aparecerem os problemas (Gabriel).

### 5.1.3 Mão de obra

A mão de obra da atividade é essencialmente familiar, fora a contratação do serviço de trator e de diaristas para os períodos de serviço mais intenso. Algumas famílias também usam a troca de serviços para reforço da mão de obra. Esse reforço é necessário principalmente no período de transplante das mudas.

No período da muda, no máximo duas pessoas. Pago por dia, por mil. E depois para colher, a mesma coisa. Quando acha, né. Agora nem isso tem, tem uns que nem sabem mais [fazer os serviços] (Adão Atílio).

Isso aí às vezes meus tios me ajudam. Eu ajudo eles e eles me ajudam (Gabriel).

Eu uso pagar a hora da muda. Mas na colheita não. Porque dá para fazer devagar (Darci).

Quando é pouquinho, planta sozinho. Às vezes contrata alguém, se precisa, paga uma pessoa por dia. Porque dá aquele mutirãozinho e termina. Às vezes pega o Adão, pega a Lúcia. Às vezes não tem gente pra trabalhar, não tem quem venha [e então pede para os vizinhos] (Ieda).

As falas dos entrevistados mostram que a forma de contratação do serviço varia entre milheiro de muda, hora trabalhada ou diária. Apesar da variação, é visível que a contratação ou não da mão de obra é uma estratégia organizada pela família, tendo em vista a necessidade de fazer o transplante em curto tempo e avaliando a disponibilidade de mão de obra familiar. Isso fica mais claro neste relato:

Ele [marido] trabalhando por fora, ele tira as férias e nas férias muda a cebola. Eu até ajudo, botando beira [uréia] na cebola, que é pra ela vir com mais potência (Ieda).

No caso da entrevistada acima, o trabalho na roça da cebola é realizado principalmente pelo marido, pois ela tem problemas de saúde que a impedem de fazer esforço. O marido é empregado de serviços gerais em uma propriedade de produção de pecuária bovina, e divide seu tempo entre o trabalho externo e a produção agropecuária familiar. A sua estratégia, então, é tirar as férias do emprego no período de transplante da cebola, para ter o tempo necessário para realizar esta etapa.

Foi recorrente a menção a problemas de saúde, especialmente entre as mulheres, que limitam ou impedem a sua participação no cultivo da cebola (bem como em outras atividades da produção agropecuária da família). Das sete famílias entrevistadas, em quatro isso ocorre, por doenças cardiovasculares, reumáticas e lesões e patologias músculo-esqueléticas, e inclusive entre as mulheres não idosas. Não obstante, considerando tanto o tamanho da família como a capacidade laboral de cada integrante, é feito um ajuste da área plantada. A decisão sobre o tamanho da área cultivada está relacionada, assim, à disponibilidade de mão de obra familiar. Aqui salienta-se que, das sete famílias entrevistadas, somente uma tem participação de filhos (já adultos) na produção.

A gente já plantou mais, já plantamos uns 2kg<sup>38</sup> [de semente]. Agora que estamos plantando menos. Menos gente para ajudar, menos cebola (Ieda).

---

<sup>38</sup> Em média, para plantar 1ha de cebola, são necessários 2,5kg de sementes semeadas. Porém, essa área pode variar conforme o rendimento do cebolinho.

E agora tá ficando velho, cada vez vai diminuindo (Adão Atílio).

Já foi bem maior. Diminuiu até por falta de mão de obra, e a idade chegando também (Elias).

Eu me aposentei igual, mas segui plantando. Foi depois que o guri foi pra granja, aí ficamos só nós dois [o casal de idosos], aí reduzi mesmo. Faz uns 5 anos que reduzi (Darci).

A principal reclamação quanto à mão de obra não foi em relação ao seu custo, mas à falta de disponibilidade. Aqui, converge a percepção de haver uma “competição” de outras oportunidades de trabalho e renda, como a extração de resina e os serviços em granjas de arroz, na disponibilidade de mão de obra, inclusive familiar. A fala de um agricultor sobre a saída de um dos seus filhos da atividade da cebola é sintomática: “Teve uns anos que a cebola deu muito pouco preço. E aí ele saiu, começou a trabalhar fora” (Darci). No caso, após uma má safra, o filho deixou de trabalhar com os pais e tornou-se empregado de uma granja de arroz.

## 5.2 SEMENTES UTILIZADAS

No que se refere às sementes utilizadas, as variedades são diversas: Baia Precoce (ciclo curto), Bola Precoce (ciclo curto), Juporanga (ciclo médio), Crioula Alto Vale (ciclo longo), Crioula, cebola roxa. Alguns entrevistados não indicaram uma preferência. Uma agricultora inclusive afirmou que “cada ano eu vou mudando a marca [variedade] para ver se é melhor ou não” (Rosa Ana). Quando há indicação de uma preferência, a justificativa se dá pela aceitabilidade do produto no mercado, rendimento do cultivo e conservação pós-colheita.

Planto a Baia Precoce. Para uso de comércio, ela dá melhor, produz mais (Darci).

A Juporanga pra mim é mais preferida, até porque ela tem melhor casca e se sai melhor em produção. Ela fica com uma casca mais bonita, porque se ela não tiver uma boa casca, o comércio não aceita. Não importa a forma dela, pode ser grande, não aceita. E a que tem mais casca é que atura mais. Ela é mais vestida. Existe uma cebola, uma tal Primavera, que é um exemplo pra dar, mas ela não tem valor comercial. Quando ela está pronta, tem apenas uma casquinha. E no carregar, trabalhar ela, sai aquela casca. E não tem aceitação (Elias).

Eu compro da roxa, porque a roxa dá mais para venda. O quilo hoje da roxa chega a dar uns 4 reais. [...] As boas que dão aqui nas nossas terras é a Baia precoce e a Crioula. Dão mais aqui na terra, dão mais em produção (Antônio Jorge).

Agora estou com a Crioula de novo, que é a cebola que dura mais tempo, é mais do tarde. E ela se conserva mais. Eu não gosto de comprar essas do cedo, essas precoces são ruins, porque, se dá o acaso de chover muito, que as terras não dá pra mexer, atrasa o plantio (Rosa Ana).

Nós aqui usamos quase sempre a mesma variedade, escolhemos semente de boa qualidade, no caso, mas sempre a mesma: a Crioula Alto Vale. Teve uns quantos anos que colhemos cada cebolão, a coisa mais linda do mundo. O período dela é mais tarde um pouco, no caso das precoces é mais cedo. É uma cebola mais tardia, e boa de casca, dura mais. Aguenta até mais longe. [A precoce] Parece que é mais rápido, ela parece que não tem a mesma duração que a outra, rápido ela começa a dar problema. Se o cara quer guardar por mais um tempo, parece que ela não aguenta, começa a dar problema (Gabriel).

Como já foi abordado, sementes de ciclo mais longo têm melhor conservação pós-colheita.

Alguns entrevistados não indicaram uma preferência. Uma agricultora inclusive afirmou que muda a cada ano para avaliar a qualidade de cada semente. Apontou, no entanto, que sempre verifica a especificação de pureza da semente, escolhendo aquelas com teor de pureza de no mínimo 99%. Outro relatou que sempre planta cerca de três variedades diferentes.

As sementes são compradas pelos agricultores nos estabelecimentos de produtos agropecuários locais e parte delas são oriundas das doações de sementes através da Emater/RS-Ascar de Mostardas. Estas sementes doadas eram oriundas do PAA Sementes, operacionalizado pela SEAPDR; devido à restrição de recursos do programa e posterior descontinuidade do PAA, nos últimos anos, as sementes foram adquiridas com recursos próprios da Secretaria. As sementes doadas em 2022 são remanescentes do último processo de aquisição feito pela SEAPDR, que ocorreu no final de 2020. Estas sementes doadas em geral eram das variedades Crioula Alto Vale e Juporanga, e foram muito bem avaliadas pelos entrevistados.

Além disso, em duas das famílias entrevistadas há também a produção de parte de sementes. A produção de sementes de cebola é uma tecnologia tradicional, de largo uso quando não havia acesso a sementes comerciais<sup>39</sup> e, hoje, é uma prática conservada entre as mulheres. Em Mostardas, a pesquisa realizada localizou quatro mulheres que ainda produzem sementes de cebola. Quando questionado a um entrevistado porque somente uma parte das

---

<sup>39</sup> Em consulta ao arquivo do escritório da Emater/RS-Ascar de Mostardas, localizou-se o relatório de um Diagnóstico Rural Participativo realizado em 2002 na Comunidade Quilombola dos Teixeira. Na linha do tempo construída neste diagnóstico, a comunidade apontou que as sementes eram produzidas exclusivamente pelos próprios agricultores até a década de 1960, ou seja, após isso, tem-se a entrada de sementes comerciais. Embora seja o DRP de uma comunidade em específico, é representativa da realidade rural local em geral (EMATER/RS-ASCAR, 2002).

sementes era produção própria (no caso, a sua mãe produz), ele justificou que é uma cautela quanto à garantia de sanidade e nível de pureza das sementes:

É que o cara fica preocupado que possa dar uma doença, fica com medo de não ter aquela pureza 100%. Por exemplo, vou investir em sementes 100% feitas em casa, mas ela não tem uma certificação de garantia, o cara fica com medo. Mas é boa a semente de casa. Teve um ano que eu me lembro que a de casa deu muito melhor que a comprada (Gabriel).

Foi apontado que as sementes atuais, comerciais, têm maior produtividade. Por exemplo: “E a genética vai toda vida melhorando” (Elias). Outro, porém, assegurou: “A cebola de primeira parecia que era diferente, agora parece mais fraca. [...] Não existia doença. Às vezes a semente dá uma peste, morre de repente. Nesse tempo não tinha.” (Adão Atílio).

### 5.3 ESTRATÉGIAS DE COMERCIALIZAÇÃO

As estratégias de comercialização a serem exploradas envolvem a escolha dos canais a serem utilizados, cuidados na apresentação da mercadoria, armazenagem e definições do período de comercialização.

#### 5.3.1 Canais de comercialização e apresentação da mercadoria

Entre as sete famílias envolvidas nas entrevistas, os canais de comercialização são diversificados. Esta variabilidade foi inclusive um dos critérios para definição dos entrevistados. Ademais, embora todos produzam visando à comercialização, parte da produção é reservada para o autoconsumo, inclusive muitas vezes dividindo com membros da família (filhos, por exemplo). O quadro 6, abaixo, apresenta os canais utilizados por cada um.

**Quadro 6** – Principais canais de comercialização da cebola de cada família

<b>Agricultor</b>	<b>Principais canais de comercialização</b>
Adão Atílio	Atravessador
Antônio Jorge	Direto ao consumidor
Darci	Direto ao consumidor
Elias	Atravessador
Gabriel	Atravessador
Ieda	Atravessador e direto ao consumidor
Rosa Ana e Ildo José	Feira livre, atravessador, comércio local e direto ao consumidor

**Fonte:** Elaborado pela autora (2022).

Em relação ao atravessador, todos vendem ao Manoel, que é basicamente o único em atividade em Mostardas atualmente. Também a família dos “gringos” ocasionalmente compra cebola dos demais para fechar alguma carga. Porém, os agricultores disseram não ver vantagem na comercialização aos “gringos” por eles fazerem a classificação da cebola, separando as cebolas em descarte (as menores), caixa 2 e caixa 3, sendo a caixa 2 a metade do preço da caixa 3. Além disso, não é sempre que compram, somente quando necessitam. Manoel também dá a opção de comprar conforme a classificação, mas os entrevistados em geral preferem o preço único. Ou seja, a avaliação é que a classificação não valoriza sua mercadoria.

Manoel era produtor e atravessador da cebola, porém hoje apenas compra e revende. Tem uma banca na RST-101 (rodovia que corta longitudinalmente o istmo e é o principal acesso aos municípios do Litoral Médio), mas também repassa a cebola para comércios do varejo, por exemplo, bancas na beira de estradas (Rota do Sol, Estrada do Mar). A preferência pelo atravessador está relacionada à menor dedicação nas atividades pós colheita.

Eu vendo a cebola ensacada, não preciso limpar. Por isso que eu digo que a vantagem dele é essa. Só põe na balança e vai (Adão Atílio).

Porque se vende a pouco preço? Pela mão de obra (Elias).

O atravessador em questão compra a cebola “a varrer”, ou seja, compra a produção do agricultor a um preço único, a partir de uma avaliação geral da qualidade da mercadoria, sem classificação ou descarte. Na sua casa, faz o preparo e toalete, selecionando, limpando. Também faz réstias para vender.

Tanto os agricultores entram em contato com o atravessador como ele busca os produtores para acertar uma venda. Uma entrevistada disse que ela própria entrava em contato com outros vizinhos cebolicultores para reunir a produção de todos e formar uma carga maior para o atravessador. Considerando-se que um caminhão leva em torno de 20t de cebola, é preciso juntar a mercadoria de vários produtores para viabilizar a vinda do atravessador.

Em geral, o preço vendido a este atravessador em 2022 foi de R\$ 1,00/kg. O peso é verificado tanto na propriedade, com uma balança portátil (quando são quantidades menores), como em balanças de caminhão que tem na região – neste caso, o agricultor vai junto para conferir. Após verificado o peso total, é feito um desconto de 10% a 15%, estimando peso de terra aderida, cebolas impróprias e perda de água. Os que venderam este ano ao atravessador



comercializaram entre 1t e 7t. Ainda, os que optam por esse canal de comercialização têm maior área plantada.

A forma de pagamento do atravessador é por dinheiro, no ato, ou mesmo posteriormente, ou no cheque. Todos os entrevistados afirmaram não ter problema com o recebimento do pagamento, definindo o atravessador como uma pessoa séria e de confiança. Também todos afirmaram que a venda é feita com nota fiscal no Talão de Notas Fiscal do Produtor Rural, tendo o nome e demais dados do atravessador registrados como destinatário. Ou seja, essa comercialização é feita de maneira regular. Só não há nenhum tipo de contrato, garantia ou compromisso, uma vez que a negociação é feita somente após a colheita.

Na formação do preço na venda ao atravessador, notou-se que o preço é definido mais por este do que pelo agricultor. Um entrevistado afirmou que sempre tenta negociar e aguardar um melhor preço, até chegar o momento em que “‘Ah, vou ter que vender por esse preço aqui’. Porque senão depois a cebola vai dando problema.” (Gabriel). Isto é, a negociação pode se esgotar pela capacidade de conservação pós-colheita da cebola. Não obstante, este entrevistado, em 2022, vendeu para outro atravessador – um comprador de Tavares que adquire menores quantidades, em parcelas, para vender cebola em uma banca improvisada na principal avenida de Mostardas. Segundo o entrevistado, assim conseguiu um melhor preço.

Outro canal de comercialização da cebola recorrente é a venda direta ao consumidor. Nestes casos, os agricultores vendem para conhecidos, pessoas que já têm seu contato, e que muitas vezes compram em maior quantidade – um, dois, três, cinco sacos de 60kg. Há relação de confiança envolvida, ligada muitas vezes à confiança sobre a qualidade da cebola e o não uso, ou baixo uso de agrotóxicos. Duas dessas famílias aproveitam o período de movimentação do veraneio para vender a cebola nos balneários da costa oceânica de Mostardas. Sendo a cebola colhida até dezembro, as férias de verão são um momento propício para a venda.

Vamos para Praia de São Simão e vêm uns “gringos” que nem perguntam o preço, só metem a mão no bolso. A procura é grande. Vamos pra praia, vendemos e voltamos (Antônio Jorge).

Na praia sai muito bem a cebola. [...] Na Praia Nova, nós temos casa lá. [...] Eles levam... saco, réstia, tudo que tem eles levam. A roxa também é muito procurada (Ildo José).

As famílias que optam pela venda direta não vendem somente cebola, sendo esta mais um produto da sua “cesta”. Ou seja, a cebola se associa a uma estratégia mais ampla de

comercialização da produção agropecuária. Mesmo os que vendem basicamente ao atravessador também reservam uma quantidade que pode ser eventualmente vendida a um consumidor que apareça.

A quantidade total vendida é menor, mas se consegue um preço mais alto, a partir de R\$2,00/kg, até mesmo R\$4,00/kg, no caso da cebola roxa. Ao mesmo tempo, exige mais mão de obra para fazer uma toailete do produto, retirando as casca mais externas, alguns cortando as folhas e raízes secas, tornando-o mais apresentável ao consumidor. É vendida tanto a cebola em sacos como em molhos. Alguns separam as cebolas menores e vendem-nas separadamente, pois há procura para fabricação de conservas.

Uma das famílias vende sua cebola também na feira, pois integram uma associação de feirantes em Mostardas e ainda entregam para mercados (estabelecimentos comerciais) do município. Igualmente para estes canais de comercialização há maior dedicação para o preparo da cebola. No caso do mercado, essa família disse que vendia de um a três sacos de 60kg por semana. Se considerarmos uma média de 90kg/semana, entre janeiro e março, essa família venderia aproximadamente 1,2t; ou seja, pode-se dizer que também é um canal viável para comercializar em menor quantidade.

### **5.3.2 Preparo e armazenagem do produto**

No momento em que a cebola atinge sua maturação na terra, ou seja, em que “deita” e seca a folha, ela é arrancada e deixada em montes no local, sobre os canteiros. Alguns a carregam em seguida e levam aos galpões, outros deixam alguns dias na lavoura para fazer uma primeira etapa de cura (retirada de umidade) a campo, de no máximo cinco dias, com as palhas cobrindo os bulbos para proteger do sol direto. Mantendo os montes juntos, são arrumadas e amarradas as palhas para formar molhos, que reúnem cebolas de tamanho variado, uma vez que não são selecionadas. Alguns agricultores fazem o trabalho de atar os molhos a campo aberto, outros preferem fazer no galpão, pois podem aproveitar diferentes momentos do dia e fazer aos poucos. Entre os entrevistados, foi percebido que a tarefa de preparar os molhos é mais realizada pelas mulheres.

**Figura 6** – Cebola após o tombamento, em processo de cura a campo



**Fonte:**Fotografia de Rui Lemos Miguel de Lemos, 2021.

**Figura 7** – Molhos de cebola a campo

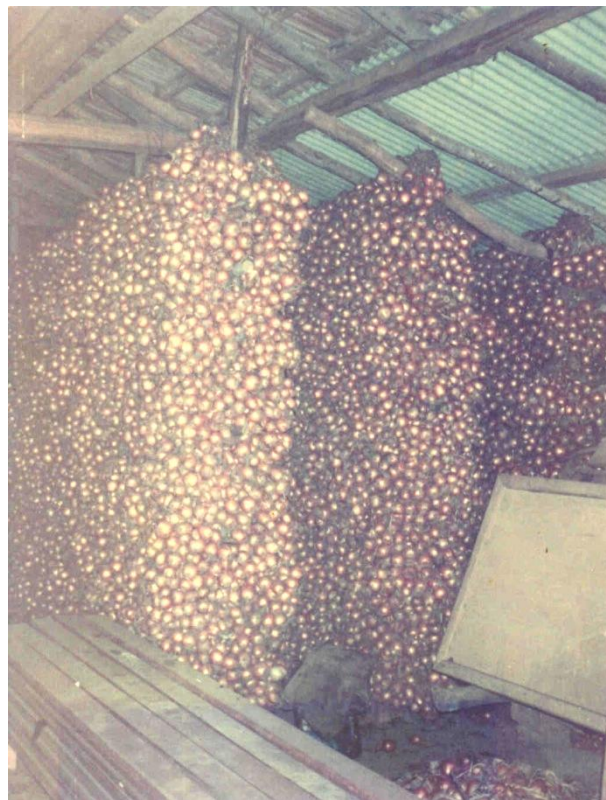


**Fonte:**Arquivo Emater/RS-Ascar de Mostardas, sem data.

A armazenagem é feita no galpão, e as cebolas são penduradas em varais rústicos, acondicionadas em sacos de 60kg a serem empilhados ou espalhadas. Ventilação e circulação de ar, bem como controle da temperatura, são fundamentais para manter a qualidade da cebola

e aumentar sua conservação do período pós-colheita. Assim, tradicionalmente se usavam grandes varais de cebola dentro dos galpões. Os varais são como estrados verticais feitos com taquaras de bambu, as quais eram dispostas horizontalmente do alto até abaixo. Nas taquaras, usa-se pendurar molhos. Há recomendações técnicas que indicam ser importante guardar distância entre as taquaras e o telhado o piso, ter abertura na cumeeira tipo lanternim, preferir o uso de telhas de barro, além de atentar para a boa circulação de ar. Contudo, no interior de Mostardas, em geral, os galpões não observavam estas recomendações.

**Figura 8** – Tradicionais varais com molhos de cebola – Mostardas, data desconhecida



**Fonte:** Arquivo Emater/RS-Ascar de Mostardas, data desconhecida.

Nos dias de hoje, não são comuns grandes varais. Via de regra, usa-se apenas uma única vara, para guardar uma quantidade menor de cebola. As figuras 9 e 10, a seguir, mostram a armazenagem em varas utilizada por duas das famílias entrevistadas nesta pesquisa.



**Figura 9 e Figura 10**– Armazenagem de cebola e de milho no galpão da propriedade de entrevistados – 2022



Fonte: Fotografias da autora, 2022.

Como mostram as fotografias acima, é visível a proximidade do varal em relação ao teto e ao chão, bem como o compartilhamento do galpão para outros usos. É comum o espaço ser dividido não só para armazenagem de outros alimentos, como também ser usado como garagem para automóvel e guarda de ferramentas e equipamentos de trabalho.

Alguns entrevistados disseram preferir vender toda a produção o mais rápido possível, para evitar perdas no processo de armazenagem. Indicaram não perceber vantagem em aguardar um período maior para conseguir melhor preço na mercadoria.

Eu fazia varal, mas agora ultimamente até nem tenho feito. No varal ela aguenta mais. Eu só deixo amontoada no galpão, mas é pra sair em seguida, no máximo semana que vem, ou na outra semana. Agora, se deixar amontoada por uns 15, 20 dias, aí dá problema. Porque começa a pegar umidade, já começa a apodrecer. [...] Esse ano, como o galpão era grande, eu consegui espalhar ela. Quando chegou março tinha bem pouquinha, a maioria foi por janeiro, fevereiro (Gabriel).

A cebola, “de primeira”<sup>40</sup>, quanto mais tarde a gente vendia, mais dinheiro dava. E agora não, tira da roça e tem que vender direto, porque o preço só mantém, não aumenta. Aí coloca no galpão, fica meio amontoada, já perde. Antes compensava,

<sup>40</sup> No sentido de antes, no passado.

defendia, porque dobrava o preço. Agora é difícil. Cebola se sai a 1 real, ela finda por aquilo (Adão Atílio).

[Não usam mais o varal] exatamente [para] poupar serviço e o preço é imprevisível mais no tarde, não se sabe se vale a pena fazer aquilo ali (Elias).

De primeira eu botava em varal. Agora, como é pouca coisa, eu ensaco em saco de cebola, e em seguida ela sai (Darci).

Não todos, mas estes cebolicultores são em geral os que dão preferência para venda ao atravessador. Os que usam outros canais de comercialização (venda direta, feira), em que a saída da mercadoria é mais esparsa, mantém o uso do molho pendurado em vara. O casal Rosa Ana e Ildo José, por exemplo, assegurou que conseguem conservar cebola até maio ou junho, principalmente as da variedade Crioula, desde que observando o espaçamento nas varas, evitando amontoar. Ou seja, a forma de armazenagem está relacionada ao canal de comercialização utilizado pela família.

#### 5.4 RENTABILIDADE, CUSTO DE PRODUÇÃO E FINANCIAMENTO

Quando questionados sobre o quão rentável avaliavam a cebolicultura, os entrevistados, em geral, se mostraram desmotivados em relação à situação atual. Foi recorrente a menção ao aumento considerável do custo de produção recentemente – em sementes, adubo químico, ureia e até mesmo combustível, que impacta na hora/máquina dos tratores. Alguns inclusive informaram que o custo dos insumos influencia no tamanho da área a ser plantada.

Não posso plantar muito porque a questão do adubo, é muito caro. Tu vê, já comprei um calcário, não é nada, mas já foi 130 reais só de calcário (Antônio Jorge).

O custo aumentou muito. Até o ano passado a gente gastava, vamos dizer, uns 3 mil reais [para a área plantada], agora hoje podemos colocar outro tanto, subiram os insumos, principalmente. Ano passado a gente comprou adubo a 80 reais, hoje tá 250, quase 300 (Elias).

Nós aqui na nossa volta estamos numa situação assim: semeamos o cebolinho, até plantar, vamos ver o preço do adubo, para ver o que vai plantar (Adão Atílio).

O custo de produção está aumentando, está tudo muito caro. Por isso o pessoal não planta muito. O pessoal está deixando de plantar porque está custando muito caro o adubo, essas coisas para a manutenção da terra, nos últimos anos (Ieda).

Neste sentido, a restrição se daria pela capacidade de investimento da família para iniciar e manter o cultivo. A este respeito, nos últimos anos, nenhum dos entrevistados retirou

financiamento para cebola. Dois entrevistados informaram que acessaram Pronaf por anos, mas pararam.

Parou porque a gente viu que as coisas começaram a ficar ruins e estava sujeito a criar uma dívida. O comércio de cebola é uma coisa muito “esparça”, dá um ano que não vende (Elias).

Depois pegou as coisas a arruinar tudo, não dava mais (Ildo José).

Constatou-se que os agricultores não têm em geral registros organizados de saídas e entradas para contabilizar custo e renda gerada, afora algumas anotações, mas fazem uma avaliação geral entre os dois aspectos. Assim, foi destacada também a relação desfavorável entre custo de produção e preço pago à cebola.

Do jeito que a coisa está hoje, o quilo o certo era uns 4 reais. Do jeito que a coisa encareceu... Aí sim, o cara tava feito. [...] E valia a pena uma cebola, até 5 pilas, valia. Não é cebola cozida do sol, com veneno, é cebola boa. Aí dava um incentivo pro cara (Gabriel).

A gente não tá plantando muito também porque está muito caro. Vai plantar para vender a 50 centavos? Que é o que dá muitas vezes, se não quer perder, vende a 50 centavos (Ieda).

Nós viemos vendendo essa cebola a 1 real há uns cinco anos. Agora, com o preço que está o adubo, 1 real não defende (Adão Atílio).

Em relação à renda gerada pela cebolicultura e o quanto ela representa para o orçamento familiar, quatro entrevistados informaram que é uma renda que ajuda, que é importante em complemento às demais atividades ou mesmo considerando que há outras fontes de renda – como aposentadoria ou emprego externo à propriedade. Em nenhum dos casos, contudo, é a principal renda. Dois se mostraram mais desanimados e disseram que a cebola é pouco importante ultimamente. Uma família apontou que a cebola “empata”, mas mantêm a atividade porque ela está integrada com outros cultivos.

## 5.5 AS MEMÓRIAS SOBRE O PASSADO

Nas entrevistas, também buscou-se fazer com que os entrevistados resgassem algumas memórias e impressões do passado, sejam aquelas vividas por eles próprios, ou as memórias relatadas por familiares. Todos os entrevistados enfatizaram que a cebolicultura está presente “desde sempre” nas suas vidas, que é uma atividade passada entre as gerações familiares, e que desde muito cedo – aos 10 ou 12 anos – já se envolviam no trabalho rural – e

isso desde os entrevistados mais velhos até o mais jovem. Neste sentido, nas falas havia também uma nostalgia em relação pelo período “áureo” da cultura na região, como, por exemplo: “Ah, a cebola de primeira era tudo na vida.” (Adão Atílio) ou “Como era bom aquele tempo” (Elias).

Lembraram que a cebolicultura representou a oportunidade de muitos de adquirir automóvel, construir ou melhorar as moradias, comprar terras, investir em infraestrutura. Uma das famílias apontou que comprou automóvel, trator, construiu a moradia, o banheiro, o galpão e até adquiriu eletricidade, que não existia na comunidade na época, com a renda originada com a cebola. E concluíram: “Pra ver que a cebola valia ‘de primeira’” (Rosa Ana). Outro entrevistado também apontou “Na verdade a gente deve até obrigação a cebola. 50% das coisas que a gente adquiriu é cebola” (Elias). Este entrevistado lembrou que também muitos atravessadores “fizeram sua vida” com a compra e venda da cebola.

Mais especificamente em relação à comercialização, os entrevistados idosos lembraram que havia grande movimentação de atravessadores para negociar a mercadoria, e isso antes mesmo da colheita, pois no período da muda já percorriam as comunidades rurais para avaliar a quantidade de cebola a ser produzida naquela safra e fazer negociações prévias:

Teve uma época que os caras corriam detrás, só de mudar, os caras já andavam na volta do cercado olhando e meio tratando com fulano (Adão Atílio).

A gente estava muito bem negociando com um, quando via, chegava outro. Como era bom aquele tempo. Tinha como dizer o preço “Não vai pagar? Vou vender pra outro” (Elias).

Um desses entrevistados lembrou que a plantação de cebola era usada até mesmo como crédito para comprar nas “vendas”, ou seja, os pequenos comércios vendiam fiado a partir do momento que sabiam que o agricultor ia plantar cebola:

[...] a gente fazia o rancho nas “vendas” por conta da cebola – era só botar cebola na terra e fazia rancho. Já tinha garantia para pagar com a safra. E a safra levava 3, 4 meses para estar pronta. E o cara começava a comer por conta (Adão Atílio).

Foi lembrado também que havia na cidade atravessadores que vinham de outros Estados, e muitos traziam dinheiro em malas ou em sacos de estopa para acertar o pagamento do ato.

Os compradores pagavam na frente da casa. Tinha o Gilmar, os Paraná. O Gilmar era forte, ele carregava o dinheiro naqueles sacos de cebola, pagava na frente da casa. Aí embaixo da figueira. Só pagava e recebia no dinheiro (Antônio Jorge).



A este respeito, por outro lado, foi também lembrada a ocorrência de calotes, que passaram a ocorrer principalmente a partir do surgimento dos cheques. Dos entrevistados, apenas um foi vítima de dois calotes, ambos de pessoas conhecidas em Mostardas: um por cheque sem fundo e um através de uma negociação em que o comprador se comprometeu a pagar uma dívida de financiamento agropecuário como pagamento. Sem ver cumprido o compromisso, o agricultor se viu obrigado a vender o gado para quitar a dívida no banco. Passado um tempo, cobrou a dívida do comprador e conseguiu receber o dinheiro: “Eu recebi “pingadinho”. Mas penei com os juros. Os juros naquele tempo subiam muito” (Ildo José).

A respeito da comercialização da cebola do passado, foi percebido que essas relações sempre foram permeadas pela informalidade, pois mesmo quando o pagamento seria posterior não eram usados contratos. Também foi confirmado que muitas vezes a nota fiscal do Talão de produtor saía em branco junto com a carga.

Além das questões de comercialização, há lembranças sobre as técnicas e tecnologias tradicionais associadas à cebolicultura, como a de produção de sementes, o feitio de réstias e os antigos galpões de junco. Acerca dos galpões, foi afirmado que estes eram mais seguros para conservação da cebola, que “aguentavam mais” por manter melhor a temperatura amena e a baixa umidade, mas um dos motivos para não serem mais utilizados é o fato de não haver pessoas hoje que dominem a técnica de construção.

**Figura 11** – Antigo galpão de junco com varais de cebola em Mostardas - data desconhecida



**Fonte:**Arquivo Emater/RS-Ascar de Mostardas.

Já as réstias eram antigamente feitas tanto para armazenagem como para carregar os caminhões<sup>41</sup>, e muitas vezes envolviam um grande trabalho para preparar uma carga<sup>42</sup>. Exigiam a coleta de junco em lagoas e valos, a ser usado para fazer a trança.

Antigamente os caminhões iam tudo com réstias. Espichadinhas dentro dos caminhões. Porque a cebola enrestada ela dura bastante (Ieda).

O meu pai ia buscar [junco] lá na Lagoa dos Patos de carreta. [...] Lá no Mina, lá no Pontal. Chegava mês de novembro, eles iam tudo pra lá bater junco, e eu era negrinho novo e ia lá levar os pães pra eles. [...] Eles paravam lá quase um mês batendo junco. Aí era uma turma grande, tudo paravam lá. Comendo peixe e batendo junco (Ildo José).

Alguns agricultores de hoje ainda preservam o conhecimento da técnica, mas ela é pouco utilizada. Trabalhosa, exige mais horas trabalhadas na preparação da mercadoria. Para arrumar cargas, atualmente é usado sacaria com capacidade de 60kg de cebola. Nenhum dos entrevistados tem o hábito de fazer réstia, seja para conservar, seja para agregar valor pela apresentação da mercadoria. Contudo, como já mencionado, todos a guardam como uma medida de quantidade/área plantada.

O uso de caminhões foi possível a partir de melhorias na RST-101. Em períodos anteriores, antes da década de 1960, o escoamento da produção se dava por barcos, via Lagoa dos Patos. À beira da lagoa, haviam “barracas”, que intermediavam a venda da produção e muitas vezes trocava-a por produtos que os agricultores não produziam –farinha de trigo, açúcar.

## 5.6 DEMANDAS E PERSPECTIVAS DO FUTURO

Em relação ao futuro da produção, nenhum entrevistado revelou ter intenção de parar. Todos de uma maneira geral se mostraram insatisfeitos com o momento atual de alto custo de produção. Ao mesmo tempo, foi comum enfatizarem que de qualquer forma não deixariam de plantar, nem que seja para autoconsumo. Por exemplo: “Plantando um pouco sempre vai dar. Para botar na panela. Com muito cuidado para não ter prejuízo” (Elias). É de se observar que, como foram entrevistados justamente famílias agricultoras que persistem na atividade, há essa

<sup>41</sup> No DRP da Comunidade Quilombola dos Teixeiras, aponta-se que se usavam exclusivamente as réstias até a década de 1960 (EMATER/RS-ASCAR, 2002).

<sup>42</sup> “Para o transporte a cebola em réstias é a que apresenta as condições mais propícias. Isto porque permite um melhor arejamento dos bulbos, os choques são amortecidos pela palha e facilita a retirada de cebolas em processo de deterioração, evitando-se a contaminação do lote” (CATEN; LUCIA, 1982).

perspectiva de manter a produção diversificada nas suas propriedades, ao menos para autoconsumo, e, desta forma, a cebola está inserida no conjunto de atividades desenvolvidas.

Da mesma forma, foi observada a redução do número de produtores de cebola nas comunidades e que há muito poucos jovens na atividade, bem como na agricultura em geral – o que pode ser visto pela própria dificuldade de sucessão dentro das famílias entrevistadas. Ou seja, há a perspectiva de que a cebola “vai se terminar”.

No que concerne a necessidades e demandas que tenham, foi evocado um sentimento de falta de apoio à atividade, que identificam ter existido no passado. Foi apontada a doação de sementes e apoio para a compra de insumos, seja com subsídio, seja com compra coletiva para obter melhor preço. Um entrevistado pontuou que o ponto central seria a comercialização.

Porque o comércio é o carro chefe, porque produzir, a gente ia fazer de uma maneira que desse certo. Se o comércio fosse bom, a situação financeira fosse melhor, a gente ia plantar mais. Tem tudo para fazer ela dar boa. Mas a gente tem medo de investir e não ter comércio (Elias).

Não apareceu, porém, nenhuma fala que indicasse uma alternativa ou proposta para melhorar a questão da comercialização. O que foi percebido, em alguns momentos, foi a nostalgia do tempo em que a produção de cebola do Litoral Médio era disputada por diversos compradores, tornando possível o agricultor ter a certeza de que faria uma boa venda ao final da safra.

## 5.7 SÍNTESE DO CAPÍTULO

Este último capítulo buscou abordar diferentes processos relacionados à comercialização e ao mercado da cebola pela perspectiva dos próprios cebolicultores. No conjunto dos entrevistados, percebeu-se que todos têm a cebola na sua história familiar, estando a cultura presente “desde sempre”. O perfil geral dos entrevistados é de agricultores familiares de meia idade ou idosos, que têm unidades de produção agropecuária diversificadas. Além disso, somente um não pertencia a uma comunidade quilombola. As áreas de cebola plantadas são pequenas, de no máximo 0,5 ha. A renda da cebolicultura têm importante contribuição na renda familiar, mas não é como uma monocultura que sustenta a família. Na realidade, todas as famílias têm fonte de renda não advinda da produção agropecuária – seja aposentadoria ou empregos rurais. Esse perfil dos entrevistados é

semelhante ao que se observa entre os agricultores da cebola de Mostardas. Destaca-se que as comunidades quilombolas do município<sup>43</sup> mantêm-se como as principais comunidades rurais com agricultura familiar.

Ao analisar o sistema de produção de cebola, identificou-se uma série de saberes tradicionais envolvidos, como a medida das áreas por réstias, a observação dos períodos de chuva e das fases da lua para definir o momento do semeio, a rotação de terras quando se percebe que ela não tem mais a mesma “força”. Esses saberes tradicionais se mesclam com conhecimentos mais recentes, como aqueles referentes à escolha dos agroquímicos utilizados para combate a doenças na cultura, a preferência por uma ou outra variedade comercial de sementes de cebola ou mesmo o uso de maquinário agrícola para preparo do solo. Identificou-se um processo produtivo basicamente manual e não mecanizado, com emprego prevalente de mão de obra familiar. Neste sentido, a redução da capacidade laboral (pela idade avançada ou por problemas de saúde) induz à redução estratégica de área plantada pelas famílias.

As estratégias de comercialização utilizadas pelas famílias envolvem a escolha da cultivar a ser plantada, a forma de armazenagem e o período previsto para armazenamento pós-colheita, forma de preparo e apresentação da mercadoria para o mercado, a escolha pela venda sem classificação por calibres e a escolha do canal de comercialização. Há uma série de processos envolvidos que são definidos pelos membros da família conforme a estratégia que entendem ser a mais adequada.

Em relação aos canais de comercialização utilizados pelos agricultores, foi identificado que em todos a relação mercantil está fortemente enraizada em relações sociais, operando uma lógica que vai além da lógica do lucro. Valores associados à idoneidade e confiança estão presentes até mesmo na relação com o atravessador, mas também na venda direta ao consumidor. A tradicionalidade da cebolicultura pode-se dizer está também presente na decisão do comprador – seja ele o intermediário ou o consumidor final – em buscar o produto do agricultor. Neste sentido, as contribuições de Deggerone (2021) são válidas para analisar essas relações de comercialização, compreendendo a imersão das relações de comercialização em relações sociais e até mesmo interpessoais. Outro ponto diz respeito à possibilidade de os atores sociais construírem mercados, o que é particularmente percebido entre os agricultores que vendem a produção de cebola no varejo ou direto ao consumidor, seja entre conhecidos, seja na feira livre. São mercados que não estão “dados” como o

---

<sup>43</sup> São três: Comunidade Quilombola Beco dos Colodianos, Comunidade Quilombola da Casca e Comunidade Quilombolas dos Teixeiras.

atravessador que procura o agricultor para comprar sua safra, mas que precisam ser construídos através de conexões e redes.

Outro ponto enfatizado por Deggenerone (2021) é que a diversificação de canais de comercialização passava pela demanda da família em assumir mais responsabilidades, para além da mera produção agrícola. No caso aqui estudado, a opção pela venda para além do atravessador demanda envolvimento no preparo da cebola, toaleta, armazenagem, transporte etc. No entanto, Deggerone (2021) também demonstra que a diversificação de canais de comercialização conduz a um maior nível de autonomia, seja na forma de apresentação e entrega da mercadoria, seja nas negociações de preço. E que, em situações de desequilíbrios, estes agricultores teriam maior resiliência para lidar com as adversidades e buscar alternativas. Da mesma forma, no caso aqui estudado, viu-se que, a um maior envolvimento nas atividades pós-colheita, a diversificação dos canais de comercialização está ligada a possibilidade de conseguir melhores preços. E, em uma situação em que o único atravessador de Mostardas se retire da atividade, as famílias que buscam outros canais têm mais possibilidades de seguirem na atividade, pois já acessam outros mercados.

Foi percebido através das entrevistas que há considerável dependência de insumos externos às propriedades – sementes, agroquímicos – o que, no atual momento de aumento dos preços, conduz a elevação do custo de produção e insatisfação com a renda gerada pela cebola. Outras insatisfações dizem respeito às dificuldades de sucessão da atividade em geral (no município e nas suas comunidades) e as poucas oportunidades de comercialização. Neste sentido, as memórias do passado conduzem a uma perspectiva até saudosista, do tempo em que a safra da cebola era garantia de crédito nos comércios, ou que a produção dos agricultores era disputada por atravessadores. A cebola está presente na memória dos mais velhos como aquilo que significou a possibilidade de melhorar suas moradias, estruturar suas áreas, adquirir bens e ver seu trabalho ser socialmente valorizado.

Para o futuro, a perspectiva geral é de não abandonarem a cebolicultura, nem que seja para autoconsumo. Isso faz sentido quando se pensa que todos os entrevistados têm produção diversificada, sendo assim, mesmo aquilo que não é destinado à geração direta de renda pela comercialização, mantém-se enquanto atividade produtiva para consumo interno. Todavia, há a percepção de que, enquanto agricultores, há falta de apoio de políticas públicas – e aí são apontados principalmente a doação de sementes e acesso a crédito ou subsídios para as atividades.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cebola ainda é uma cultura característica do Litoral Médio do Rio Grande do Sul. A produção na região ainda é forte, totalizando mais de metade da produção estadual, porém, no mercado nacional, vem perdendo importância desde meado da década de 1970. Diante da constatação empírica da associação da região como terra da cebola, contrastando com a redução de área plantada e de produtores, surgiu a motivação de realizar um estudo sobre a cebolicultura do litoral.

A construção deste trabalho se propôs a ir do geral ao particular. Assim, inicialmente apresentou-se as características do mercado nacional e regional, abrangendo aí o enfoque sobre o ambiente institucional e organizacional. Identificou-se um mercado com produção voltada ao abastecimento interno, no qual diversas regiões do país contribuem ofertando a mercadoria em diferentes períodos. É neste mercado nacional em disputa com outras regiões produtoras que a cebolicultura do Litoral Médio se insere, e não mais no mercado do passado, em que era a principal e uma das poucas regiões produtoras. Nesse cenário, o que se vê é um aumento da competição por fatias de mercado.

Não obstante, ao entrevistar os agricultores, percebe-se que há o entendimento dessa dinâmica mais competitiva da atualidade, mas há por vezes dificuldade em se colocar de maneira mais proativa, buscando ou construindo novos mercados e canais de comercialização. Não há motivo para imaginar que um agricultor sinta que tenha responsabilidade por não deixar uma cultura tradicional perder seu espaço, uma vez que, da parte desses, o que há é a busca de estratégias diferenciadas de sobrevivência e reprodução social – por exemplo, busca por emprego ou dedicação a outras atividades agropecuárias, ou à diversificação produtiva. Embora as memórias de um período áureo sejam até nostálgicas, presentes em falas como “Na verdade a gente deve até obrigação à cebola”, procurar formas para potencializar e garantir uma atividade que gera renda a agricultores familiares, movimenta a economia local e fornece alimentos à população é uma preocupação que não deve sair do olhar dos agentes públicos e organizações do Estado.

Neste sentido, a análise das legislações, das políticas públicas e da trajetória da pesquisa e tecnologia identificou pouca atenção específica à cebola, e isso é sentido pelos agricultores e pelos atores das organizações de apoio. Não há, por exemplo, nos municípios abordados, nenhuma política pública municipal específica à cadeia da cebola. Não há também pesquisa e desenvolvimento local para atualização das recomendações para armazenagem.

Esse vazio deixado pelas ações estatais num mercado dinâmico rapidamente produz efeitos. Mais recentemente, alguns processos tornaram este cenário ainda mais complicado: destaca-se, aqui o fim do PAA, com a interrupção da modalidade Sementes, a extinção da Fepagro, e a redução substantiva dos investimentos públicos no orçamento da Embrapa e da Emater/RS-Ascar.

O PAA Sementes, com doação de sementes de cebola, como foi visto, era uma política pública importante e que fazia os agricultores se sentirem reconhecidos e valorizados. Em 2021, foi substituído pelo Programa Alimenta Brasil, porém, não se sabe se este atenderá à demanda de doação de sementes. É como se estivéssemos em um hiato na transição entre duas políticas públicas, e numa perspectiva incerta. A modalidade de compra de alimentos para doação simultânea, que significaria a compra pública de alimentos diversos oriundos da agricultura familiar, nunca foi operacionalizada em Mostardas. Já em relação ao Programa Nacional da Alimentação Escolar, sem desconsiderar sua importância, não representa um mercado substantivo para absorção da produção local de cebola.

Quando se optou por focar no caso de Mostardas, se sabia que era o município com menos cebolicultores e menor área plantada da região. Uma das intenções foi justamente estudar um caso onde a produção de cebola é quase que persistência, e isso é visível pelo perfil de idade avançada dos produtores em geral. Todavia, também identificou-se uma resistência dos agricultores em participar de ações organizativas, seja no Subcomitê da Cebolicultura, para representação de suas demandas, seja em organização coletiva da comercialização.

Ao notar-se todo o conjunto de saberes tradicionais envolvidos na produção de cebola, mesclados com conhecimentos mais contemporâneos, nota-se o potencial para a valorização da cultura da cebola do Litoral pela identificação e indicação geográfica. Agroindustrialização e produção orgânica podem ser outros caminhos. A pouca perspectiva de sucessão da cebolicultura entre as atuais famílias produtoras pode conduzir a um cenário em que somente seja mantida se for uma atividade promissora do ponto de vista da geração de renda.

No caso de Mostardas, entende-se que o maior potencial de manutenção da cebolicultura em caráter comercial deve estar entre os agricultores que buscam formas diversificadas de comercialização, menos dependente de um só agente, como o atravessador. Identificou-se que a escolha por um ou outro canal de comercialização envolve uma racionalidade própria, envolvendo diversos fatores internos às famílias, porém, a dependência a um único atravessador (único na cidade) certamente traz insegurança para o futuro. Com canais mais diversificados, ao acionar redes de contatos, relações interpessoais e de confiança,

surge também a possibilidade de negociações mais vantajosas no preço recebido. Os agricultores assumem uma postura mais proativa, que não só espera o comprador aparecer, procurando construir suas redes. Contudo, da maneira como vem sendo feita, essa comercialização só é viável para produções menores, em menor escala.

A comercialização em maior escala exigiria outra organização e acesso a outros canais. Nesse sentido, entende-se ser fundamental a organização coletiva dos cebolicultores para comercialização, um processo que sempre se mostrou muito desafiador na região. Porém, a iniciativa e organização dos próprios agricultores significaria a colocação no mercado de maiores volumes da produção local, sem o intermédio do atravessador e a possibilidade de construção de redes de comercialização nas quais seu produto seria valorizado.

A execução desta pesquisa encontrou algumas limitações. O tempo disponível para a realização da pesquisa de campo, análise e escrita exigiu que fossem feitas escolhas principalmente em relação ao perfil dos entrevistados. Por parte dos agentes das organizações de apoio, seria valioso entrevistar também aqueles que atuaram na região no passado. Porém, pela restrição de tempo, optou-se pelo recorte do presente, ampliando somente para os dois antigos extensionistas de Mostardas. Quanto aos cebolicultores, não foi possível entrevistar os maiores produtores de Mostardas nem o atual atravessador em atividade, o que certamente enriqueceria o estudo com outras perspectivas. Outra possibilidade seria entrevistar antigos atravessadores que já se retiraram da atividade, ou mesmo aqueles cebolicultores que deixaram a cultura, investigando suas motivações.

Outra limitação sentida, especialmente na revisão bibliográfica, foi a dificuldade de se localizar estudos sobre a cebolicultura no Rio Grande do Sul. Esta dificuldade foi também um motivador para a realização da pesquisa e aponta para possibilidades de novos estudos. Entende-se que o contexto e o caso estudados oferecem amplas oportunidades de pesquisa. Há uma ampla possibilidade de realização de estudos sobre a história da cebolicultura na região, estudos que podem ser documentos que registrarão uma história que hoje está na oralidade e na memória dos atores ainda vivos. Percebeu-se que o caso de Mostardas guarda diferenças significativas entre os demais municípios e, assim, sugere-se a realização de pesquisas sobre os demais. Além disso, notou-se que há um conjunto de saberes e técnicas dos agricultores que mereceriam registro, como o trabalho com o junco, o trançado das réstias e a própria reprodução de sementes de cebola, um saber que hoje é mantido por poucas agricultoras. Associado ao tema da cebola nesta região, podem ser estudadas questões como a mercantilização da agricultura familiar, juventude e sucessão rural e a construção social de mercados.



## REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO RIOGRANDENSE DE EMPREENDIMIENTOS DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL - EMATER/RS. **Estudo de caso:** Comunidade de Teixeira - Mostardas/RS. Mostardas, 2002. (Não publicado).
- BARBIERI, Rosa Lía; MEDEIROS, Antônio Roberto M. de. A cebola ao longo da história. In: BARBIERI, Rosa Lía. (Org.). **Cebola: ciência, arte e história**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. p. 13-19.
- BOTREL, Neide; OLIVEIRA, Valter Rodrigues. Cultivares de cebola e alho para processamento. In: Congresso Brasileiro de Olericultura, 52. Salvador: ABH. **Horticultura Brasileira**, v. 30, n. 2, jul. 2012, não paginado. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/71208/1/PAL41CBO-522012.pdf>. Acesso em: 05 out. 2021.
- CATEN, Roque Tem; LUCIA, Thomaz (Orgs.). **Cultura da cebola no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ASCAR, 1982. 93 p.
- CORRÊA, Inez Varoto; BARBIERI, Rosa Lía; SCHWENGBER, José Ernani; RODRIGUES, Walter Fagundes. **Caracterização do sistema de produção familiar de cebola nos municípios de São José do Norte, Tavares e Mostardas-RS**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2009. 37 p.
- DEGGERONE, Zenicléia Angelita. **Caracterização dos mercados agroalimentares no Alto Uruguai-RS: um estudo sobre o processo de mercantilização da agricultura familiar em Aratiba-RS**. 2021. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural. Porto Alegre: UFRGS, 2021. 266 f. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/232595/001134479.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- DOSSA, Derli; FUCHS, Felipe. Cebola: Análise econômica, contribuições para a produção e os mercados mundial, brasileiro e paranaense. **Boletim Técnico**, CEASA/PR, n. 02, jul 2017.
- CENTRO DE SOCIOECONOMIA E PLANEJAMENTO AGRÍCOLA – EPAGRI/CEPA. **Síntese Anual da Agricultura de Santa Catarina - 2019-2020**. Florianópolis: Epagri/Cepa, 2021.
- FARIAS, Pedro da Silva. Panorama da Produção de Cebola no Rio Grande do Sul. In: **Seminário Nacional da Cebola**, 32., 2022 Monte Alto. (Não publicado. Material da apresentação disponibilizado por meio eletrônico).
- FIORI, Tomás Pinheiro; PESSOA, Mariana Lisboa (Coords.). **Atlas FEE**. Porto Alegre: FEE, 2017. 29 p.
- FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimentos para constatar saturação teórica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 388-394, Fev. 2011. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2011000200020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2011000200020&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 08 nov. 2020
- FONTOURA, Luiz Fernando Mazzini. **As relações sociais de produção e a produção do espaço agrário em São José do Norte**. 1994. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Porto Alegre: UFRGS, 1994. 111 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/32714/000004079.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 jul. 2022.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.
- GOVERNADOR participa de várias atividades em Pelotas. **Portal do Estado do Rio Grande do Sul**, 2002. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/governador-participa-de-varias-atividades-em-pelotas> Acesso em: 30 mai. 2022.
- HEIDEN, Gustavo. Morfologia: O que é uma cebola? In: BARBIERI, Rosa Lía. (Ed. Técnica). **Cebola: Ciência, arte e história**. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2007. p. 29-41

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. **Produção Agrícola Municipal**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021a. [Dados compreendem o período de 1974 a 2020]. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/1612>. Acesso em: 05 set. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Censo Agropecuário de 2017**. Banco de Dados Agregados. Sistema IBGE de Recuperação Automática - SIDRA. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/pesquisa/censo-agropecuario/censo-agropecuario-2017>. Acesso em: 05 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Mostardas. In: IBGE. **Cidades @**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021b. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/mostardas/panorama>. Acesso em: 06 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Mostardas. In: IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021c. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs/mostardas.html>. Acesso em: 6 out. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. PIB por Município. Mostardas. In: **Produto Interno Bruto dos Municípios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/contas-nacionais/9088-produto-interno-bruto-dos-municipios.html?t=pib-por-municipio&c=4312500>. Acesso em: 26 jul. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Rio Grande do Sul. In: IBGE. **Cidades e Estados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/rs.html>. Acesso em: 12 mai. 2022.

LEITE, Daniela Lopes. **Manejo e conservação de recursos genéticos de cebola (*Allium cepa*) na Embrapa Clima Temperado**. Pelotas: Embrapa Clima Temperado, 2012 (Circular Técnica).

LEITE, Daniela Lopes. **Principais características da cadeia produtiva de cebola no Brasil**. In: Página Rural (*website*). 03 de setembro 2004. Disponível em: <https://www.paginarural.com.br/artigo/957/principais-caracteristicas-da-cadeia-produtiva-de-cebola-no-brasil>. Acesso em: 5 jun 2020.

MELO, Paulo César Tavares de. **Situação atual e perspectivas da produção de cebola no Brasil**. Trabalho apresentado no 22º Seminário Nacional da Cebola e 13º Seminário de Cebola do Mercosul. Casa Nova: 2010. Disponível em: [http://www.abhorticultura.com.br/downloads/info\\_xxii\\_senace.pdf](http://www.abhorticultura.com.br/downloads/info_xxii_senace.pdf). Acesso em: 01 jun. 2020.

MELONI, Fabio Miguel. Panorama Geral da Produção e Comercialização de Cebola no Estado de São Paulo. In: **Seminário Nacional da Cebola**, 32., 2022 Monte Alto. (Não publicado. Material da apresentação disponibilizado por meio eletrônico).

MOREIRA, Marina Marangon. Mercado de cebola. In: **Seminário Nacional da Cebola**, 32., 2022 Monte Alto. (Não publicado. Material da apresentação disponibilizado por meio eletrônico).

MURADÁS, Jones. **A cultura da cebola no litoral centro do Rio Grande do Sul: análise de suas especificidades como subsídio para o desenvolvimento regional**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Geociências. Programa de Pós-Graduação em Geografia. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 176 p. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/4011>. Acesso em: 14 out. 2020.

NETO, Otávio Cruz. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. pp. 57-66

OLIVEIRA, Valter Rodrigues *et al.* **Produção de sementes de cebola**. [Brasília/DF: Embrapa Hortaliças], 2014. Pp. 77-114. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/199077/1/Producao-de-Sementes-de-Cebola.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2022.

SCHIMITT, Daniel. **A cebola em Santa Catarina: situação atual e perspectivas**. In: ANACE apresenta - A cebola no Brasil: Situação atual e perspectivas. [S. l.]: ANACE, 23 jun 2020. Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GoDIDebQtkk>. Acesso em: 05 jul. 2020.

SCHIMITT, Daniel. Produção de cebola em Santa Catarina e Europa. In: **Seminário Nacional da Cebola**, 32., 2022 Monte Alto. (Não publicado. Material da apresentação disponibilizado por meio eletrônico).

SCHULTZ, Glauco. Mercados: Espaços de trocas e de circulação de mercadorias. In: \_\_\_\_\_. **Mercados e comercialização**: Perspectivas teórica e histórica sobre os universos da produção e do consumo. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2018. Pp. 89-105.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. p. 31-42.

TOMAZI, Ricardo. **A cebola em Goiás**: situação atual e perspectivas. In: ANACE apresenta - A cebola no Brasil: Situação atual e perspectivas. [S. l.]: ANACE, 23 jun 2020. Live. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GoDIDebQtkk>. Acesso em: 05 jul. 2020.

VILELA, Nirlene J. *et al.* Desafios e oportunidades para o agronegócio de cebola no Brasil. **Horticultura Brasileira**, Brasília, v.23, n.4, p.1029-1033, out-dez 2005.

WAQUIL; Paulo Dabdab; MIELE, Marcelo; SCHULTZ, Glauco. Conceito de mercado e suas diversas dimensões. In: \_\_\_\_\_. **Mercado e comercialização de produtos agrícolas**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 9-16.

## APÊNDICE A – Roteiro de entrevista com agricultores

Nome:  
Idade:  
Localidade:  
Escolaridade:  
Com quem mora:

Há quanto tempo é produtor de cebola? Como começou a atividade? O que motivou?

Tamanho da área plantada atualmente.

Essa área sofreu aumento ou diminuição ao longo dos anos? Quais períodos? Por quais motivos?

Quais as variedades cultivadas? São sempre as mesmas? Têm preferências? Se sim, por quê?

Qual a produtividade atual? Houve aumento ou diminuição? Por quais motivos?

Custo de produção. Sabe de quanto é? Aumentou ou não? Quais motivos da alteração?

Já utilizou ou utiliza financiamento agropecuário para cebola? Por quê?

Quanto tem alguma dúvida ou precisa de informação sobre o cultivo, a quem recorre?

Recebe alguma assistência técnica? De quem? Está satisfeito?

Detalhamento do manejo:

- calendário agrícola.
- sementes utilizadas – quais, como obtém.
- fertilizantes e agrotóxicos – quais, como obtém, como aplica, como sabe qual/quando usar.
- manejo de solo – preparo, adubação, escolha da área, há rotação?
- maquinário e ferramentas utilizadas.
- infraestrutura existente – irrigação, armazenagem, outra.
- mão de obra – como é envolvida a mão de obra familiar? Há contratação externa?

Como é feita a comercialização?

Quais estratégias para comercialização utiliza? (Ciclo das cultivares, armazenagem, classificação, outras).

Sobre a atividade de produção de cebola, está satisfeito?

Sobre a renda obtida com a venda da cebola, está satisfeito?

Sobre a renda obtida com a venda da cebola, qual a importância no orçamento familiar?

Qual a perspectiva frente à atividade? Pretende seguir? Visualiza sucessão?

Quais as principais dificuldades que percebe?

Quais as principais vantagens que percebe?

O que precisaria ser diferente para melhorar/ potencializar a produção?

## **APÊNDICEB - Roteiro de entrevista com representantes/ integrantes de organizações de apoio**

Data da entrevista:

Município da entrevista:

Nome do entrevistado:

Idade:

Instituição/ empresa/ organização:

Formação/ escolaridade:

Abrangência de atuação (município, região):

Como pode ser descrita a sua atuação/trabalho, em relação à produção de cebola da região?  
Qual seu vínculo/ relação com a cebolicultura e os cebolicultores?

Há quanto tempo/ desde quando tem trabalho/ atuação relacionado à produção de cebola?

Em relação à produção de cebola na região, que mudanças identificou/ vivenciou neste período?

Quais são os agentes/ segmentos que identifica na cadeia local/regional da cebola?

Quais são os agentes/ segmentos que identifica na cadeia nacional da cebola?

(Se não for falado ainda) Descrever brevemente as características destes agentes/segmentos locais.

Como caracterizaria o perfil do produtor de cebola local (região do Litoral Médio)? Idade, escolaridade, composição familiar, questão fundiária, mão de obra, sucessão, acesso à informação, acesso à tecnologia, acesso a Ater, crédito, manejo da produção.

Considerando as políticas públicas, leis e normativas atuais, que potencialidades x limitações essas PPs, leis etc. trazem à produção de cebola local?

Como pensa que será o futuro da região, em relação à produção de cebola e o mercado nacional?

Quais as potencialidades da produção local? Como elas podem ser aproveitadas?

Quais as limitações da produção local? Como elas podem ser enfrentadas?

Que ações poderiam beneficiar os produtores e a produção de cebola local? (Políticas públicas, leis, normativas)

**APÊNDICE C – Termo de Consentimento Informado, Livre e Esclarecido**

**TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO**

**Trabalho de Conclusão de Curso  
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS**

**NOME:** \_\_\_\_\_

**RG/CPF:** \_\_\_\_\_

Este **Termo de Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Esta pesquisa tem como finalidade/resultado final a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) cujo título provisório é “*Cadeia produtiva e comercialização de cebola no litoral do Rio Grande do Sul: o caso do município de Mostardas*”, da aluna Caroline Souza de Quadros, do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER.

O TCC tem como objetivo geral: “*Analisar a cebolicultura de Mostardas em relação ao mercado nacional da cebola e ao ambiente institucional e organizacional, identificando suas potencialidades e limitações*”.

E como objetivos específicos:

- *Caracterizar o mercado da cebola, bem como o ambiente institucional, nos níveis nacional e local;*
- *Analisar a atuação das organizações de apoio à produção de cebola de Mostardas;*
- *Investigar a atuação dos agentes locais envolvidos nas relações de comercialização – ou seja, agricultores produtores de cebola e compradores/atravesadores.*

A sua participação consiste na recepção da aluna Caroline Souza de Quadros para a realização de entrevista.

Para tanto, declare se ( ) **AUTORIZA** / ( ) **NÃO AUTORIZA** o uso das informações que disponibilizará nesta entrevista, bem como suas impressões, opiniões e falas.

Adicionalmente, declare se ( ) **AUTORIZA** / ( ) **NÃO AUTORIZA** a sua identificação e da sua ocupação/ organização/ instituição de trabalho.

Caso tenha dúvidas, os orientadores deste TCC se colocam à disposição através dos seguintes contatos:

Prof. Dr. Glauco Schultz (orientador): glauco.schultz@ufrgs.br

Me. Carima Atiyel (coorientadora): carimaatiyel13@gmail.com

Assinatura \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_/\_\_\_\_/2022  
(Cidade)